Flávio Dellazzana

História da Maçonaria e Origem do Rito de York

CLUBE DE AUTORES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dellazzana, Flávio.
D357 História da maçonaria e origem do Rito de York / Flávio Dellazzana.
– Itapema: [s.n], 2024.
220 p. : il. color ; 23 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-471-0936-3

1. Maçonaria - História. 2. Maçons. I. Título.

0524-02 CDD 366.109

Ficha catalográfica elaborada por
Débora Soares Vicente de Santana – Bibliotecária CRB-9/1914

Índice para catálogo sistemático:
1. Maçonaria 366.1

Revisão de texto: Otani Editorial e Alessandra Sevilla
Projeto gráfico e diagramação: Eliane Otani e Guta Antonangelo
Capa: Samuel Duarte Marini/Profissionais do Livro

Dedico este livro aos cinco pilares fundamentais da minha vida: meu pai, Dr. José, que despertou em mim a paixão pela história e pela leitura; minha mãe, Rosinha, cujos ensinamentos me fortaleceram e me ensinaram a nunca desistir; minha mulher, Letícia, cuja paciência e companheirismo são inestimáveis; minha irmã, Vivian, que sempre me protegeu; e minha sogra, Nívea, que sempre foi uma segunda mãe. Essas pessoas moldaram o ser humano que sou hoje. A eles e à Maçonaria – que me ajudou a encontrar meu lugar no mundo –, dedico cada página deste trabalho.

NOTA AO LEITOR

Este livro é uma jornada por meio de paisagens que se estendem além do conhecido, refletindo uma união de minha interpretação pessoal, estudos aprofundados e experiências vividas.

Embora este trabalho esteja enriquecido com citações e referências bibliográficas, seu cerne repousa não na rigidez científica, mas na exploração de ideias que residem nas fronteiras do conhecimento convencional.

O meu compromisso com este texto é expressar a autenticidade, abrindo portas para diálogos sobre os temas apresentados.

Alguns textos podem ser considerados mera especulação, mas eles são fundamentados em meus mais de 20 anos de vivência maçônica, uma extensa pesquisa e reflexão cuidadosa.

O meu objetivo é que você, meu Irmão, utilize este livro como se fosse um mapa, para que, com suas ferramentas de trabalho, possa decifrar o conhecimento.

PREFÁCIO

Algumas pessoas desenvolvem um senso de responsabilidade e dedicação muito grande durante a sua existência. O Irmão Flávio Dellazzana faz parte desse seleto grupo; sua capacidade de trabalhar e se dedicar àquilo que a vida lhe apresenta é algo incomensurável!

Esse Irmão encontrou no seio da Arte Real um canteiro de obras para desenvolver suas habilidades, com a dedicação e a responsabilidade que lhe são tão características.

Todos esses anos de trabalho resultaram no presente livro, que, mais do que conhecimento, nos traz as suas EXPERIÊNCIAS e VIVÊNCIAS pessoais, suas viagens, suas constatações *in loco* do que já conhecia por livros, textos e Rituais, trazendo, de forma leve, mas detalhada, o conhecimento que não poderia se perder e que merece ser compartilhado.

Quem viaja abre as janelas da sua alma para o mundo. E nosso Irmão Flávio fez mais do que isso: ele, por meio da sua obra, está compartilhando as visões da sua alma conosco!

A Maçonaria é uma instituição que carrega uma tradição iniciática muito antiga. Esta obra ajuda a lançar um pouco mais de luz sobre o entendimento dessa tradição e é muito importante e bem-vinda.

O livro traça um panorama bastante abrangente, mas, ao mesmo tempo, conciso, ressaltando pontos-chave que nos levam a uma compreensão melhorada da Ordem; e o mais importante é a visão pessoal do autor, que deixa transparecer aspectos de sua vivência na Sublime Instituição Maçônica.

As ilustrações apresentadas iluminam nossa mente, oferecendo imagens daquilo que só conhecíamos por textos! E os maçons sabem como símbolos e imagens são importantes.

O Rito de York, praticado pelas Lojas do Grande Oriente de Santa Catarina, nos conecta a uma Maçonaria primitiva e ancestral, e a paixão que o autor desenvolveu pelo mesmo, de forma natural, fez com que ele se tornasse um estudioso do assunto, e agora ele compartilha tudo isso conosco!

Furto-me de entrar em detalhes sobre esta obra, uma vez que vou reservar ao leitor a satisfação de tomar conhecimento deles pela leitura.

Finalizo convidando o leitor a VIAJAR no conhecimento e nas memórias do Irmão Flávio, bem como a desfrutar dos conhecimentos e experiências de uma vida maçônica plena e bem vivida!

TONI LUIZ HAAG
MSc, MI, FRC, 33, 13, KT, SI, KTP, CBCS

INTRODUÇÃO

A Maçonaria como organização iniciou-se com a fundação da Grande Loja da Inglaterra, em 1717; porém, os relatos de iniciação de não operativos datam de 1600. No decorrer deste livro, encontraremos indícios de Lojas funcionando já com maçons aceitos alguns séculos antes. O local de origem de nossa ordem está entre a cidade de York, no interior da Inglaterra, e a Escócia.

Catedral de York, Inglaterra (2023).

A cidade de York pode ser considerada o local de origem da Maçonaria no interior da Inglaterra. Sempre foi um ponto de convergência para os maçons, e de suas assembleias surgiram as orientações para a prática da arte operativa. A construção da Catedral de York contribuiu significativamente nessa convergência dos maçons, com trabalhos de expansão e reforma que se estendem desde os primeiros séculos da história inglesa até os dias atuais. Foi por meio da união entre as associações mercantis de York e os pedreiros da catedral que a Maçonaria evoluiu, transformando-se de um simples canteiro de corte de pedras em uma organização que moldaria tanto os homens quanto a história inglesa e da humanidade.

Nossos antepassados entenderam que o conhecimento era uma substância poderosa, que deveria ser depositada cuidadosamente na mente dos novos Irmãos. Eles sabiam que, antes de almejar o conhecimento das estrelas, era necessário dominar as ferramentas mais simples do ofício.

Antes de traçar a evolução da Maçonaria – de simples associações de trabalho, conhecidas como guildas, que mais tarde se transformaram em Lojas independentes, até se tornarem, finalmente, uma instituição de grande envergadura –, é fundamental apresentarmos os princípios básicos, que nos permitiram chegar à arte de construir. Devo começar a explicação como se estivesse falando com um novo candidato, que há poucos instantes foi introduzido às grandes luzes da Maçonaria e ainda está se acostumando com o brilho e a sombra dessa revelação.

Portanto, gostaria de convidar todos vocês a embarcar nesta jornada de descobertas. Vamos retornar vinte mil anos, antes do nascimento de Jesus Cristo, a um tempo em que a espécie humana apenas começava a entender seu próprio potencial e a moldar o mundo ao seu redor.

Essa jornada pela história da Maçonaria não será apenas uma exploração de fatos e eventos; será um caminho repleto de reflexões sobre o que significa ser um maçom. Desde a arte antiga dos talhadores de pedra até os modernos mestres construtores, atravessaremos juntos o limiar dos mistérios que envolvem nossa fraternidade.

Ao cruzar esse portal, aprenderemos sobre o passado e contemplaremos como nossas tradições e nossos ensinamentos têm resistido ao teste do tempo, permanecendo relevantes na busca contínua por verdade, fraternidade e iluminação.

Lago
Ness
Clava Cairns
Inverness
Escócia
Castelo de Stirling
Robert the Bruce
Edimburgo
Capela de
Rosslyn
Kilwinning
Muralha
de Adriano
York
Manchester
Liverpool
floresta de
sherwood
Inglaterra
Londres
Catedral da
Cantuária
Stonehenge
Kingston Lacy

20.000 A.C.

Nos tempos remotos, quando éramos basicamente caçadores e coletores, alimentávamo-nos do que fosse possível encontrar. Vivíamos em cavernas ou outras formas de abrigo e não construíamos cidades, pois a vida mudava rapidamente, de acordo com a disponibilidade de caça na região.

Quando voltamos esses vinte mil anos na história, estamos falando do limiar de nossa mudança como espécie, já que existem registros da existência de seres humanos datados de mais de duzentos mil anos atrás.

Essas sociedades antigas tinham também seus deuses; é provável que adorassem o primordial deles, o Sol, que, para eles, deveria ter uma dimensão bem distinta do que sabemos ter hoje. Algo semelhante ao fato de, ao observarmos hoje os limites de nosso Universo, sermos capazes de apenas imaginar o que ali se esconde, sabendo que nossos Irmãos, em algumas centenas de anos, terão esse conhecimento como algo elementar.

Mesmo nesses tempos remotos, os homens necessitavam de ferramentas de trabalho para sobreviver. Assim, desde rudimentares

pedras afiadas até instrumentos mais complexos começaram a ser criados pela genialidade humana, que mais tarde foi capaz também de dominar o fogo.

Um homem, nesses tempos primordiais, já tinha seus rituais: de passagem de menino a homem, de membro da tribo a caçador – e, quem sabe, até a curandeiro ou líder. O homem sempre precisou de uma ordem de hierarquia para viver em comunidade, e isso é algo que já veio escrito em seu código genético.

Não muito diferente de nossa espécie, diversos animais têm uma sociedade organizada com regras e funções, que nos dão uma pista de um plano consciente, inserido no código da vida.

As colmeias de abelhas são exemplos de ordem e disciplina. Cada abelha, desde as operárias até a rainha, desempenha seu papel com precisão meticulosa, garantindo a sobrevivência e a prosperidade da colmeia.

Nesse tipo de sociedade, a individualidade cede lugar ao bem-estar comum, comprovando o valor inestimável da cooperação e do trabalho em equipe.

Paralelamente, as alcateias personificam a essência da liderança e da lealdade. Guiadas por um alfa, essas comunidades caninas vivem de acordo com regras rígidas, que asseguram ordem e respeito mútuo entre seus membros.

Essas lições ancestrais, transmitidas através das gerações, moldaram as fundações das primeiras comunidades humanas.

O desenvolvimento dos métodos de trabalho na história humana é um processo que revela como adaptamos nossas estratégias de sobrevivência e organização social em resposta às mudanças ambientais.

A transição de uma sociedade baseada na caça e na coleta para uma sociedade agrícola representa um dos marcos mais significativos nessa trajetória.

Uma mudança brusca ocorreu há cerca de dez mil anos, com o fim da última era glacial, pois, à medida que o gelo ancestral recuava, cedendo lugar a rios avolumados pela água derretida, os homens das cavernas encaravam um mundo transformado. Onde antes havia terra firme, com vasta oferta de caça, agora se estendiam regiões inundadas, impondo uma escassez aguda de presas e, com ela, a sombra da fome.

O clima alterava-se, desviando os caminhos das criaturas selvagens e desafiando a astúcia humana, iniciando uma era de incertezas. A humanidade encontrava-se à beira de um abismo, forçada a repensar sua existência nômade, que, por meio de observação meticulosa, guiou o homem ao limiar da civilização.

A seleção cuidadosa das sementes mais generosas nas colheitas passou a ser uma prática, e, com o tempo, a terra começou a ser moldada pela mão humana, dando início à agricultura.

Primórdios da raça humana

Fonte: Shutterstock.com.

Agricultura Primitiva

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4.

AGRICULTURA

O desafio de alimentar uma comunidade durante as estações inconstantes deu origem a diversas invenções: ferramentas que cortavam a terra, sistemas que roubavam dos rios seu tesouro líquido e celeiros que barravam o avanço da fome.

A agricultura surgiu de uma relação de interdependência do homem com a natureza, possibilitando que ele se libertasse da angústia que a caça lhe trazia, uma vez que seu sustento não mais dependia apenas de fatores externos.

Foi a Revolução Neolítica. Os homens começaram a cultivar plantas e a domesticar animais, o que exigia que permanecessem próximo aos campos cultivados. Isso levou ao estabelecimento das primeiras comunidades, que posteriormente deram origem às cidades.

Nessa época, houve a necessidade de desenvolver ferramentas para o plantio e para a lida com os animais. Além disso, para melhor entender os aspectos ligados ao tempo, surgiram as estruturas em pedra, cuja função era medir e alinhar a posição do Sol e demarcar as estações de plantio e colheita.

Pela primeira vez na história, os seres humanos começaram a experimentar a noção de tempo livre, pois, após o plantio, era necessário

esperar que as colheitas crescessem, o que criava períodos de atividade menos intensa, contrastando com a busca constante por recursos. Esse tempo permitiu o desenvolvimento de outras atividades, como a construção de moradias mais complexas, o aprimoramento de ferramentas, o surgimento de artes, o início da escrita e da contabilidade, fundamentais para a organização da sociedade.

A ARTE DA CONSTRUÇÃO

Por meio da observação das árvores e de como elas sustentam umas às outras, emergiu uma nova ideia: assim como uma árvore precisa de raízes fortes para sobreviver ao vento, as construções precisavam de fundações. Dessa maneira, as construções em madeira e pedra passaram da simples arte de empilhar pedras ou amarrar troncos a estruturas mais complexas e de maior utilidade.

Esse ofício especializado ganhou importância, pois a moradia passou a ser primordial para os humanos agora assentados em cidades. Consequentemente, começaram a acumular víveres e utensílios, que adquiriram valor, demandando a elevação de muros e estruturas defensivas. Aconteceu que os povos que continuavam errantes queriam tomar à força a terra, visto que os homens das cidades não tinham a mesma força dos que ainda estavam mais ligados à parte primitiva da espécie.

As fortificações das cidades ganharam importância, e os homens começaram a pensar em como desenvolver estruturas que sustentassem ataques. Dessa maneira, surgiu a construção especializada em pedra, que podia resistir ao ataque e ao fogo.

As guildas de pedreiros desenvolveram-se como organizações de trabalhadores especializados em construção. Muitas vezes, elas eram responsáveis por manter os padrões de qualidade dos trabalhos, realizar o treinamento dos aprendizes e defender os interesses dos membros da sociedade.

Torre de David e suas muralhas. Entrada histórica da cidade de Jerusalém.

Fonte: Shutterstock.com.

AS ESTRUTURAS EM PEDRA

Diversas civilizações do mundo iniciaram os trabalhos em pedra e desenvolveram ferramentas e itens utilitários para a vida nas cidades. Desde simples vasos usados para transportar água até obras de arte que enfeitam as residências, aquele foi um tempo de experimentações e descobertas.

Nesse período de profunda transformação, todas as formas de arte evoluíram, em especial a arquitetura e a engenharia. As construções de pedra, os monólitos que se erguiam como sentinelas do tempo, marcando o passar das horas com a sombra do sol, e as estruturas circulares que pareciam dançar com as estações eram mais do que inovações técnicas, eram manifestações do desejo humano de compreender e harmonizar-se com o cosmos.

Após o surgimento das cidades e nos milênios seguintes, houve uma expansão significativa das técnicas de construção em pedra ao redor do mundo, marcando uma era de avanços arquitetônicos notáveis, que tiveram profundo impacto nas civilizações subsequentes.

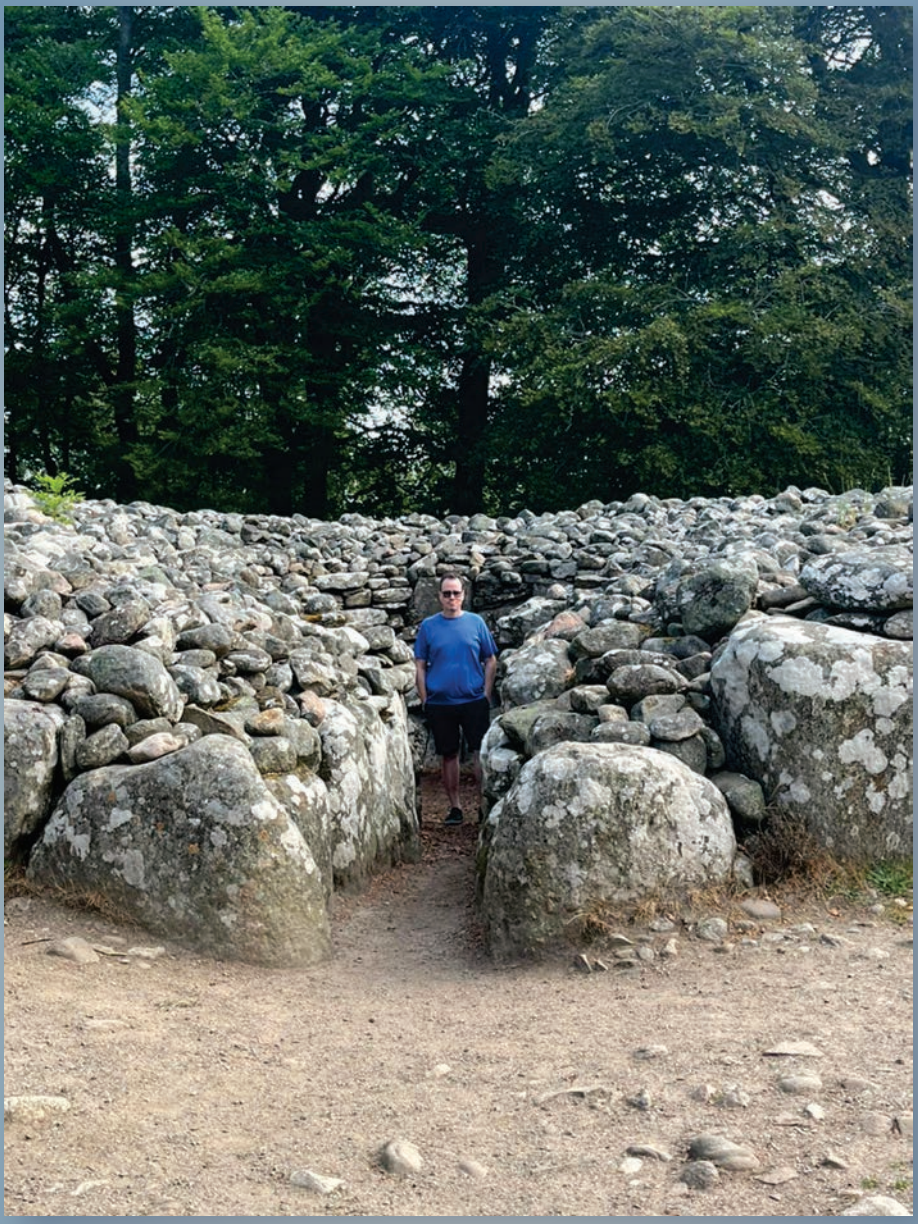
Essas construções serviam para propósitos práticos e cerimoniais, demonstrando também o poder e a complexidade das sociedades que

as construíam. Elas continuaram a ser uma fonte valiosa de informação sobre as capacidades técnicas e as crenças espirituais dos povos antigos.

Esses exemplos destacam tanto a habilidade e a inovação quanto a comunicação e o intercâmbio de conhecimentos que podem ter ocorrido muito antes do que comumente se pensa na história humana.

Irrompem-se as mais diferentes estruturas em pedra, e é interessante notar que, mesmo sem contato entre os povos, algo instintivo ligava os seres humanos à arte de construir com pedra, como se houvesse um impulso em sua alma, em seu código genético, dizendo para que eles assim procedessem. Na Escócia, próximo à cidade de Inverness, há um sítio datado de 2000 a.C. que abriga um grupo de túmulos em pedra conhecidos como Cairns, caracterizados por suas câmaras de enterro centrais cercadas por círculos de pedras eretas. O Clava Cairns é particularmente notável por sua conexão astronômica, pois as pedras estão dispostas em alinhamento com o solstício de inverno do Hemisfério Norte (entre os dias 20 e 21 de dezembro).

A Grande Pirâmide de Quéops, localizada no planalto de Gizé, é uma das mais antigas e maiores pirâmides do mundo. Construída por volta de 2560 a.C., durante o reinado do faraó Quéops, a pirâmide foi um feito de engenharia monumental, demonstrando um avançado conhecimento em geometria e matemática, bem como uma organização social incrivelmente complexa para a época.



Clava Cairns, Escócia (2023).

As Pirâmides, Planalto de Gizé, Cairo, Egito.

Fonte: Shutterstock.com

Na Inglaterra, um exemplo dessas construções é Stonehenge, localizado nas planícies de Salisbury. É um dos monumentos pré-históricos mais famosos e enigmáticos do mundo. A estrutura consiste em um círculo de pedras verticais maciças, algumas das quais estão encimadas por pedras horizontais. Os cientistas e arqueólogos têm estudado intensamente Stonehenge, tentando desvendar seu propósito e as técnicas usadas em sua construção.

A construção de Stonehenge ocorreu em várias fases, começando por volta de 3000 a.C., com o primeiro monumento, e continuando até cerca de 1600 a.C. Acredita-se que o local tenha sido escolhido em razão de sua importância para as populações neolíticas e da presença de recursos naturais específicos na área.

O propósito exato de Stonehenge ainda é um mistério, mas teorias sugerem que pode ter sido usado como templo religioso, observatório astronômico ou local de rituais relacionados ao solstício. Alinhamentos específicos das pedras com os movimentos do Sol e da Lua apoiam a teoria de que o lugar tinha um significado astronômico.

Do livro de Mike Parker Pearson, *Stonehenge: Exploring the Greatest Stone Age Mystery*: "Stonehenge era o centro neolítico de uma vasta rede de monumentos e sítios sagrados. Sua construção exigiu um esforço comunitário sem precedentes, simbolizando um novo tipo de engajamento social que ligava o céu à terra".

Demonstrar esse uso da pedra em construções é fundamental para compreender como a evolução humana, que acontecia em vários lugares do mundo ao mesmo tempo, moldou a arte de construir e a maneira como os povos se relacionavam com a construção em pedra, além da finalidade de habitação e de armazenamento.

Stonehenge, Inglaterra: círculo interno (2023).
Os raios de sol marcam as estações do ano.

A prática de transformar a pedra bruta em estruturas magníficas é um elo comum que une diferentes culturas através do tempo, estabelecendo um diálogo silencioso entre as antigas civilizações e nós, seus descendentes. Ao nos referirmos a elas, honramos a memória daqueles cujas mãos hábeis ergueram os alicerces do mundo conhecido e reconhecemos a nossa parte na continuidade dessa tradição, que diz respeito à nossa intrínseca capacidade de criar e conceber o inimaginável.

Essas civilizações deixaram as suas marcas na história, sobretudo com seus monumentos em pedra, que atuam como uma lembrança constante de nossa origem e de nossa capacidade construtiva. Esses monumentos são como *landmarks* para nós, visto que delimitam o início de nossa relação com a construção em pedras. *Landmarks* aludem historicamente a marcas físicas na terra, usadas para demarcar os limites de uma propriedade.

A frase de Provérbios 22:28, que diz "Não remova os antigos limites que teus pais fizeram", tem uma conexão profunda com a ideia de preservação e respeito às tradições e aos fundamentos estabelecidos por antecessores.

Assim, nascem sociedades de trabalho com finalidades específicas, como as que construíram esses grandes marcos em pedra.

A análise dos métodos de trabalho de uma específica sociedade de pedreiros do Egito nos proporciona uma oportunidade única de explorar as profundezas do nosso passado. As marcas deixadas por

essa sociedade representam, possivelmente, os indícios mais antigos da evolução dos construtores de casas, muros e templos de pedra para projetos arquitetônicos mais grandiosos.

O LUGAR DA VERDADE

Viajaremos ao Egito, ao ano de 1238 a.C., quando reinava Ramsés, o Grande (3º Faraó da 19ª Dinastia). Nesse momento histórico, ou talvez antes, foi criada uma confraria especial de construtores chamada atualmente em árabe de "Deir el-Medina", sobre a qual o egiptólogo Christian Jacques escreveu um romance histórico intitulado *A Pedra da Luz*

Ao ler esse romance, bem como ao pesquisar sobre essa confraria de artesãos e comprovar o seu lugar na história, entendi a importância de seus personagens. Esse livro e os estudos que fiz posteriormente revelaram a importância histórica do filho adotivo do Mestre de Obras Nefer-Hotep, de nome Paneb, e acenderam em mim o desejo de prestar uma homenagem a ele.

Escolhi, há mais de vinte anos, o meu nome histórico do Rito Adonhiramita, dedicado a esse construtor de nome Paneb. Ele foi um Mestre de Obras dessa confraria, e seu nome significa: "o preservador de conhecimentos".

O "Nome Histórico" é uma particularidade do Rito Adonhiramita, em que cada iniciado escolhe para si (ou lhe é atribuído) um nome de um personagem histórico ou familiar como seu novo nome.

Essa confraria de artesãos estava localizada na margem ocidental de Tebas, em direção ao Vale dos Reis, onde eram sepultados os faraós; era chamada, em egípcio, de *Set Maat*, ou "o lugar da verdade". Consistia em uma cidade murada, fora das vistas de todos, e dentro dela viviam trinta e duas famílias de artesãos, que eram os únicos autorizados a entrar no Vale dos Reis e a escavar as moradas eternas dos faraós.

Eles funcionavam como uma sociedade especial, com regras e direitos próprios. Faziam as iniciações de seus membros em vários graus, conforme avançavam na técnica, na confiabilidade e no aspecto místico. Inclusive, além de cavarem a pedra, eles embelezavam as tumbas com pinturas e fórmulas mágicas, para que essas moradas eternas cumprissem as funções de manter a alma do faraó viva e permitir que ela seguisse o seu caminho para a eternidade. Mais do que simples trabalhadores iletrados, muitos deles eram, sim, arquitetos, engenheiros, desenhistas, artistas e, até mesmo, sacerdotes, que desempenhavam uma função única. É fácil imaginar o quão árduos eram o planejamento, os estudos e as reuniões para que uma obra dessas fosse construída, bem como o quanto era necessário escolher neófitos e formá-los para o futuro ser garantido.

Isso nos sugere que uma forma primitiva da atual Maçonaria já existia no Egito, de maneira muito semelhante aos moldes que só vieram a ser conhecidos por volta do ano de 1300 d.C.

Assim como em diversos momentos da nossa história, a humanidade experimentou grandes saltos evolutivos, seguidos por períodos

de regressão, e essa confraria no Egito nos proporciona um vislumbre dessa evolução.

Após essa fase, e por mais de mil anos, os pedreiros foram relegados a uma função meramente braçal e técnica, distante da estrutura da sociedade. Dessa maneira, torna-se mais compreensível aceitar que a história operativa da Maçonaria esteve afastada de sua vertente mística e filosófica por um longo período, até que ambas se reencontraram na construção do Templo de Salomão.

Contudo, esse reencontro destinou-se apenas a alguns poucos escolhidos – posteriormente, houve um novo distanciamento, até um possível breve encontro junto ao lago de Como, na Itália, com os Mestres Comacinos (pedreiros que residiam em conventos). Mais tarde, a vertente operativa tornou-se totalmente independente, até que o rei Athelstan convocou uma assembleia em York, na Inglaterra, mil anos após o nascimento de Cristo.

Essa confraria englobou aspectos místicos e filosóficos além da arquitetura, com um conceito muito semelhante ao das nossas Lojas atuais, constituindo-se como uma grande família composta por Irmãos, à parte da sociedade em geral.

Segundo a obra *The Workers of Deir el-Medina*, de Jaromir Malek:

> A comunidade de Deir el-Medina não era apenas um agrupamento isolado de casas no deserto; era o coração vibrante da criação artística do Novo Reino, onde cada casa abrigava uma geração após a outra de artesãos cujas habilidades transformavam pedra em eternidade.

A partir do estudo dessa comunidade, obtemos uma amostra do que uma confraria de artesãos já representou para a humanidade. Ao narrarmos a história da Maçonaria, confrontamo-nos frequentemente com a inexatidão de afirmar que os pedreiros eram apenas homens iletrados e trabalhadores braçais, como se viu durante uma longa fase operativa no decorrer dos séculos.

Essa herança ancestral nos fornece evidências do que já fomos um dia e nos abre a possibilidade de que as Lojas Maçônicas (*Stoneyard Masons Lodge*) nos canteiros de obras medievais possam ter sido muito mais significativas do que os registros históricos descrevem. A ausência de relatos detalhados sobre o que realmente era tratado nessas Lojas, em razão do sigilo e do medo de represálias por parte da monarquia, torna essa tarefa ainda mais desafiadora. Além disso, o ponto forte desses indivíduos não era a habilidade em escrita e leitura, mas, sim, o cálculo técnico e arquitetônico.

Ao falarmos do Egito e da arte de trabalhar em pedras, as informações são extraídas dos relatos gravados nas colunas de pedra que encontramos no templo de Karnak, em Tebas, e que só puderam ser compreendidas graças à descoberta da Pedra de Roseta, encontrada no Egito, em 1799, pelas forças conquistadoras de Napoleão.

Nota: esses pedreiros, além de cavar as tumbas, eram responsáveis por gravar na pedra as fórmulas mágicas que, segundo a sua cultura, permitiam ao faraó viver para sempre, na eternidade. Eles eram, além de escultores em baixo-relevo, pintores – mas, mais do que isso, tinham o conhecimento dos sacerdotes e acesso aos grandes volumes sagrados, como o *Livro dos Mortos*, e sabiam ler e interpretar a sua aplicação.

Essa placa de aparência simples foi a chave para decifrar os hieróglifos egípcios, visto que continha inscrições em três tipos de escrita, incluindo o grego antigo. Esse fragmento de pedra foi decifrado por Champollion e possibilitou o início da Egiptologia.

Pedra de Roseta, Museu Britânico, Londres (2023).

Representação dos trabalhadores de Deir el-Medina, trabalhando em uma das tumbas dos faraós no Vale dos Reis.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4

Tumba do Faraó Ramsés V, no Vale dos Reis, Luxor, Egito.

Fonte: Shutterstock.com

As escolas de construtores existiram em Tebas, mais especificamente nas dependências do templo do deus Amon, em Karnak, e formaram primeiro os escolhidos nas artes da geometria e no trabalho com pedra.

Esses técnicos formados na arte de construir seriam aqueles que, durante muitos anos, chamaríamos de Mestres de Obras, construtores com formação especializada – hoje, no mundo moderno, são divididos entre engenheiros e arquitetos.

Vários estudiosos e figuras da antiguidade viajaram ao Egito em busca de conhecimento, atraídos pela longa tradição do país em sabedoria e ciência. Entre eles, podemos citar:

- Pitágoras: conhecido por suas contribuições à matemática, viajou ao Egito para estudar com os sacerdotes egípcios, com quem aprendeu sobre geometria e matemática, além de incorporar elementos da filosofia e da religião egípcia em seus próprios ensinamentos.

- Platão: esse filósofo grego também fez viagens ao Egito, onde explorou conhecimentos de matemática, astronomia e rituais religiosos. Ele menciona o Egito em várias de suas obras, destacando a antiguidade e a sabedoria dos egípcios.

Embora a filosofia como conhecemos tenha sido mais desenvolvida na Grécia, muitos dos temas e das questões filosóficas foram influenciados por ideias originárias do Egito. A ideia de uma ordem cósmica e moral, por exemplo, pode ser vista nas crenças religiosas egípcias, que enfatizavam a harmonia e a justiça como parte da ordem do Universo.

Essas viagens e intercâmbios culturais enriqueceram enormemente o mundo antigo, permitindo uma fusão de ideias e conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento de várias áreas do saber. O Egito serviu como um centro vital de aprendizado e inspiração durante séculos, atraindo estudiosos de todo o mundo.

"Uma palavra perfeita está escondida mais profundamente do que pedras preciosas. Encontra-se perto dos criados que trabalhavam na pedra de moinho." — Ptahhotep, Faraó, 2880 a.C.

ISRAEL E O TEMPLO

Desde o instante em que Deus se manifestou a Moisés na sarça ardente, o destino do povo hebreu foi traçado.

Fosse por destino, inspiração divina ou por querer um lugar para chamar de seu, Moisés partiu do Egito rumo à terra prometida.

Deixaremos de lado, neste momento, as histórias épicas de peregrinações, as conquistas das cidades prometidas, as batalhas lendárias e a ascensão de David, que, com bravura e astúcia, uniu as doze tribos. Não nos deteremos nessas histórias por falta de importância ou fascínio, mas simplesmente porque nosso foco se volta para outros horizontes. Contudo, é digno de nota que, para os Irmãos que seguem o caminho do Real Arco Americano, essas histórias são como um alicerce, enriquecendo seus conhecimentos e preparando o terreno para verdades mais profundas a serem reveladas.

Sobre o Templo, existem muitos textos divergentes, seja na Bíblia, em livros sagrados, em relatos de textos complementares e até mesmo nas lendas sobre o assunto – algumas das quais são utilizadas por nós para contar diferentes partes dos nossos Graus. Essas lendas têm sua importância e são alegorias que servem para ensinar aos maçons, de maneira velada, os mistérios maiores.

Ao usar a palavra "lenda", não estou sugerindo que se trate de algo irreal ou fictício, mas, sim, que parte da história não se baseia em fatos comprovados ou relatos escritos. Essa história contém uma carga significativa de conhecimento acumulado ao longo dos séculos, fundamentada em relatos, interpretações e narrativas adicionais. Essas adições, seja por meio de relatos, deduções ou imaginação, transformaram a história original em uma lenda.

Salomão, rei de Israel, recebeu de seu pai, David, a missão de construir um templo em que pudesse ser depositada a Arca da Aliança com as tábuas da Lei, que até então se encontravam em um tabernáculo construído com madeira e adornado com cortinas.

Ao planejar o empreendimento, o rei Salomão baseou-se nas histórias que ouvira sobre as grandes construções de seus antepassados. Ele queria erigir um templo a Deus que fosse grandioso e majestoso e que, ao ser concluído, não parecesse uma obra realizada por mãos humanas, e sim elaborada pela divindade, assim como até hoje nos parecem as pirâmides do Egito.

O povo hebreu estabelecido em Israel tinha grandes generais e soldados, bem como uma corporação de construtores, mas esses trabalhadores eram especializados em construir casas, muralhas, fortificações e, talvez, até palácios, mas um templo que parecesse uma obra divina estava além de sua capacidade e compreensão. Era necessário buscar um arquiteto e obreiros especializados. Assim fez Salomão, que mandou buscar, na terra de seus antepassados, pedreiros

especializados em grandes construções. Todavia, ainda lhe faltava um arquiteto que liderasse o trabalho e coordenasse os trabalhadores.

Em meio à logística da construção do templo e pelo fato de Israel não ter madeira suficiente para uma construção dessa envergadura, Salomão fez um acordo comercial com o rei Hiram, do reino de Tyro (cidade da Fenícia, atualmente o Líbano).

Esse rei era amigo de seu pai, David, e sabia do sonho dele de construir um Templo. Assim, ele se comprometeu a enviar cedros a Salomão em troca de pagamento. Essa rota comercial foi necessária para viabilizar a construção da enorme estrutura que havia sido planejada.

Mais do que um acordo comercial, a obra que se desenhava seria uma aventura para todos os envolvidos, possibilitando que eles deixassem o cotidiano de suas vidas para se envolver em algo que deixaria a sua marca na história.

Quantas vezes somos chamados para deixar as nossas marcas em algo e a oportunidade às vezes nos escapa? Afinal, o mundo de hoje é muito barulhento, e somos bombardeados constantemente por informação de todos os lados. Mas, naquela época, reinava o silêncio, o mundo ainda era gigantesco e inexplorado, e a maior luz da noite era a da Lua e das estrelas; um mundo no qual o mistério ainda existia e cujo futuro era incerto.

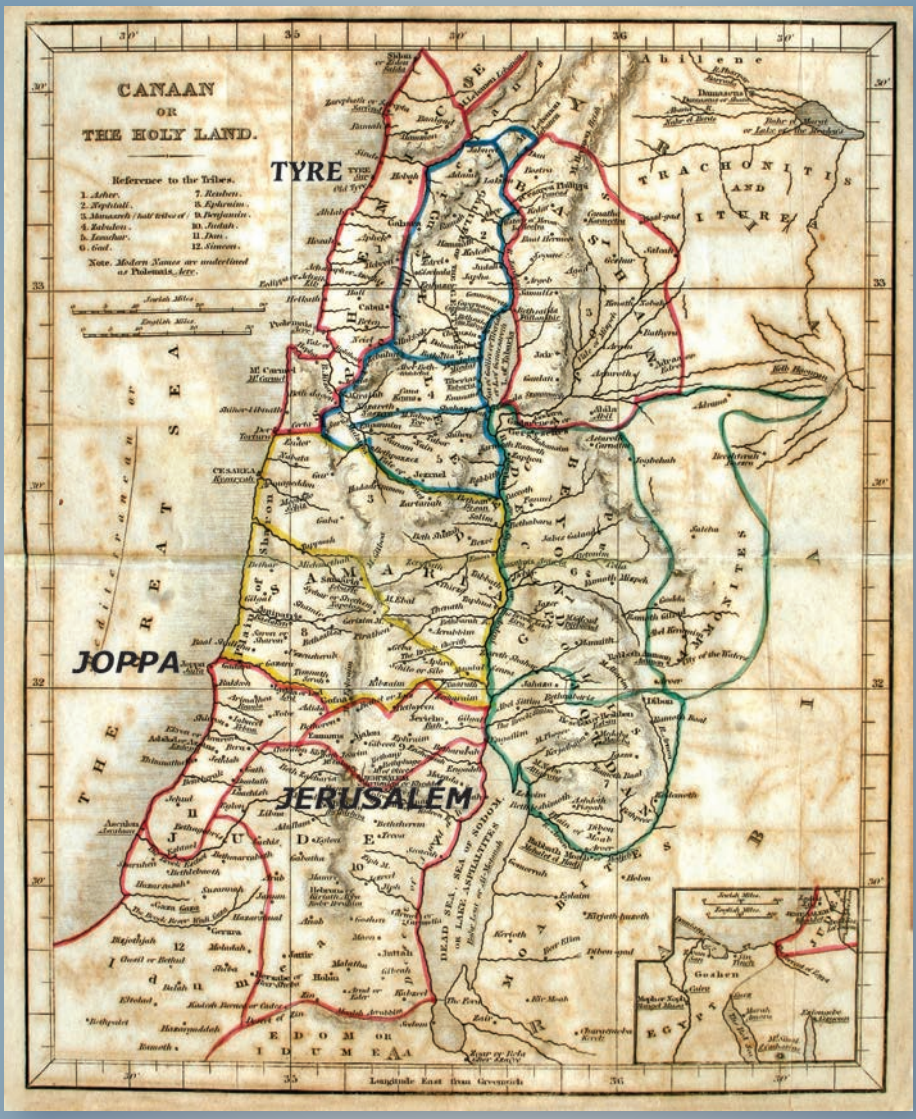
Nas sombras de florestas milenares, trabalhadores empenhavam-se na tarefa de cortar os cedros. Era um acordo da força humana com a tranquilidade da natureza.

No porto de Jopa, em Israel, um novo capítulo se desdobrava: os troncos, testemunhas silenciosas da história que ajudariam a construir, chegavam com destino ao Templo.

Em uma visita do rei Hiram, de Tyro, a Jerusalém, para a assinatura do acordo, ele relatou sobre um grande arquiteto e Mestre de Obras de Tyro também chamado Hiram, informando que era filho de uma mulher da cidade de Dã, da tribo de Naftali (tribo fundada por Jacó, que faz fronteira com o Líbano), e de um homem chamado Ur, também de Tyro, onde eles viviam.

Para diferenciar o Hiram Mestre de Obras do rei Hiram de Tyro, já que eram homônimos, utilizarei o nome pelo qual ele é conhecido na lenda maçônica da construção do Templo de Salomão. Portanto, mesmo não sendo esse o complemento de seu nome, ele será referido aqui como Hiram Abiff.

Hiram Abiff foi educado religiosamente nos costumes de Tyro, por influência do seu pai, e nos costumes hebreus, por parte de sua mãe. Após a morte de seu pai, viu-se mais próximo dos costumes e da religião hebraica. Formou-se como arquiteto no Egito, mas foi no Líbano que se destacou por suas construções e pelo emprego de técnicas nunca vistas. Sua fama fez o rei Hiram, de Tyro, oferecer seus serviços à Salomão para liderar a construção do Templo.



Mapa antigo da Terra Santa.

Fonte: Shutterstock.com

O Irmão Samer Youssef Ayad, do Líbano, especificamente da histórica cidade de Tyro, ao lado de um dos majestosos Cedros do Líbano, em 2023. Essas árvores milenares, que resistem ao tempo, permanecem até hoje como testemunhas vivas da história.

Ao chegar a Jerusalém, Hiram Abiff reuniu-se com os reis Salomão e Hiram. Os três, cada qual com sua posição de relevância e poder, uniram-se para um propósito comum: a construção do templo. Planos foram traçados, desde a obtenção dos materiais até a sua colocação, e demais detalhes precisaram ser organizados.

Esses três homens, mais do que reis e Mestre de Obras, acabaram se tornando amigos, pois, juntos, tinham pela frente não só uma aventura, mas planos e projetos, sonhos e aspirações. A amizade rendeu frutos no presente e lançou fundamentos para o futuro.

Um dos acertos feitos entre eles se referia ao pagamento de salário aos operários e ao sonho de que, quando o Templo fosse concluído, promoveriam os melhores trabalhadores a Mestres. Isso lhes proporcionaria a condição de viajar por todo o mundo, espalhando a sua arte e tudo o que tivessem absorvido de conhecimento na construção dessa obra.

Os três muito discutiram e planejaram, até que cada qual seguiu seu caminho para que pudessem transformar os sonhos em realidade e executar os planos.

Hiram Abiff reuniu os trabalhadores do Templo e designou a cada grupo uma tarefa específica, conforme os planos previamente traçados.

Os trabalhadores de nível mais baixo, chamados de talhadores de pedra (o que poderíamos chamar de Aprendizes) ficaram encarregados de extrair as pedras das pedreiras, que eram subterrâneas.

As pedras eram então entregues aos denominados Companheiros de Ofício, cuja função era ajustar o recorte das pedras e enumerá-las, para que um segundo grupo de Companheiros as colocassem no templo. Esses operários circulavam pelas áreas interna e externa do templo e tinham maior contato com os supervisores (Mestres) – vale lembrar que estamos falando de uma força de trabalho de cem mil trabalhadores.

A construção do Templo do Rei Salomão está descrita no *Livro de Reis da Bíblia*. Assim, podemos afirmar que ele realmente existiu, que foi destruído por Nabucodonosor e depois reconstruído por Zorobabel. Dessa reconstrução, sobrou a parede ocidental, que passou a ser conhecida como Muro das Lamentações.

Historiadores, como Flavius Josephus, que escreveu no primeiro século d.C., mencionam o Templo de Salomão. Embora suas obras sejam valiosas para entender o período do Segundo Templo e suas tradições, elas são baseadas em fontes anteriores, incluindo a Bíblia, para informações sobre o Primeiro Templo.

Cortadores de pedra (Aprendizes) trabalhando em um pedreira subterrânea semelhante à utilizada na construção do Templo de Salomão.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4

Companheiros, trabalhando próximo ao Templo, nas tarefas de corte, preparação e demarcação das pedras.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4

Irmão Sergio Wallner, na época Grão-Mestre do Grande Oriente de Santa Catarina, no muro das Lamentações (parede Ocidental do Segundo Templo), em Israel, em 2023. Segundo suas palavras: “Nesse dia, fiz uma prece para todos os Irmãos do GOSC e depositei no muro uma relação de todos os Irmãos, conforme a tradição” (2023).

Partenon, templo dedicado à deusa grega Atena, construído no século V a.C., em Atenas, Grécia. Em exposição no museu Britânico, Londres (2023).

Segundo Flavius Josephus, em *As Antiguidades dos Judeus* (Antiquities *of the Jews, Book 8, Chapter 3):*

> Além disso, Hiram, rei de Tyro, ao saber que Salomão havia sucedido ao trono de seu pai, ficou muito contente, pois era amigo de Davi. Portanto, enviou embaixadores para cumprimentá-lo e parabenizá-lo pelo estado próspero em que se encontrava. Em resposta, Salomão enviou-lhe uma carta, cujo conteúdo é o seguinte: "Salomão ao rei Hiram. Esteja ciente de que meu pai tinha a intenção de construir um templo para Deus, mas foi impedido pelas guerras e campanhas contínuas; pois ele não cessou de lutar contra seus inimigos até os subjugar. Agradeço a Deus pela paz de que agora desfruto, o que me permite planejar a construção de um templo para Deus, conforme predito a meu pai, que a construção seria realizada por mim. Desejo, portanto, que alguns dos seus trabalhadores se juntem aos meus no Monte Líbano para cortar madeira, já que os fenícios são mais habilidosos que nosso povo nessa tarefa. Quanto à remuneração dos cortadores de madeira, pagarei o valor que você estipular". Ao ler essa carta, Hiram ficou satisfeito e respondeu a Salomão: "Hiram ao rei Salomão. Louvado seja Deus por conferir o reinado a ti, após teu pai, sendo tu um homem sábio e virtuoso. Regozijo-me com tua situação e me coloco à disposição para tudo o que precisar; providenciarei o corte de cedro e cipreste pelos meus trabalhadores e os transportarei pelo mar ao local que indicar em teu país, deixando-os lá para que teus trabalhadores os transportem para Jerusalém". Salomão, então, chamou de Tyro um artesão chamado Hiram, nascido da tribo de Naftali por parte de mãe, enquanto seu pai era Ur, descendente dos israelitas. Esse homem era habilidoso em todos os tipos de trabalho, especialmente

em ouro, prata e bronze, materiais com os quais realizou todos os trabalhos do templo conforme as especificações de Salomão. Além disso, Hiram elaborou duas colunas ocas de bronze, com quatro dedos de espessura, dezoito côvados de altura e doze côvados de circunferência. Cada coluna tinha um capitel em forma de lírio no topo, elevando-se por cinco côvados, decorado com uma rede entrelaçada e pequenas palmas de bronze, sobre as quais foram penduradas duzentas romãs em duas fileiras. Uma das colunas foi colocada à direita da entrada do pórtico e chamada Jachin, e a outra à esquerda, chamada Booz.

O Templo de Salomão é celebrado como uma maravilha arquitetônica e um feito histórico, sendo um emblema da evolução espiritual.

Tanto em sua dimensão histórica quanto no âmbito da lenda, o Templo de Salomão se ergue como um emblema de valores profundos. Representa, primeiramente, a sabedoria incomparável de Salomão, cujo discernimento e prudência guiaram sua construção. A força, outro pilar essencial, é vista no trabalho árduo e na dedicação incansável dos operários, que, pedra por pedra, edificaram um monumento a Deus.

A beleza do projeto, executado com uma precisão quase divina, reflete uma estética que transcende a mera aparência visual, alcançando uma simetria que fala diretamente à alma. Esse templo, mais do que uma edificação, é um ponto de convergência para as aspirações mais elevadas do espírito humano.

Ao adentrarmos a lenda, a Maçonaria introduziu personagens famosos como Hiram Abiff, o arquiteto e Mestre de Obras do Templo de Salomão, cuja história está no cerne do Grau de Mestre Maçom. Essa lenda, embora sem base histórica documentada, serve como um poderoso veículo de ensinamentos morais e filosóficos.

Os três Graus simbólicos da Maçonaria Moderna também ganham espaço na lenda, de modo que vemos surgir os Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, que são inspirados, segundo a tradição, nas etapas de conhecimento e desenvolvimento no ofício da construção e, principalmente, na evolução dentro da nossa Ordem. Esses Graus refletem um caminho de aprendizado e aperfeiçoamento, cada um com suas próprias lições, simbolismos e rituais.

Originalmente, na Maçonaria operativa, formada por pedreiros e construtores, os principais Graus eram, de fato, o de Aprendiz e o de Mestre (chamado de Companheiro de Ofício). A transição da Maçonaria operativa para a especulativa, na qual o foco se deslocou da construção física para a espiritual e moral, trouxe a formalização e a expansão dos Graus maçônicos. O Grau de Mestre Maçom, como hoje é conhecido, foi desenvolvido e expandido significativamente no contexto da Maçonaria especulativa, especialmente após a formação da Grande Loja da Inglaterra. Esse desenvolvimento reflete uma mudança na natureza da Maçonaria, que passou de uma guilda de artesãos para uma organização filosófica e ética.

Numerosas lendas e diferentes Graus da Maçonaria, incluindo os do Rito Escocês Antigo e Aceito, do Rito Adonhiramita e do Real Arco (Capítulo, Críptico e Comanderia), referem-se ao Templo de

Salomão. Esses Graus exploram a construção e a dedicação ao templo, bem como sua reconstrução por Zorobabel, que, segundo a tradição, pode ter apenas restaurado tesouros previamente escondidos numa cripta sob o templo. Essa cripta, um elemento central na Maçonaria Críptica, era um local de revelação de mistérios para os iniciados e de proteção de tesouros valiosos. Séculos mais tarde, essa mesma cripta pode ter sido o ponto de descoberta dos tesouros pelos Templários, trazendo poder e riqueza à Ordem.

O Templo, esse grande exemplo de trabalho operativo, vai sendo abandonado à medida que traçamos uma nova rota em direção ao nosso próximo destino.

GRÉCIA

Os fenícios, originários da região que hoje corresponde ao Líbano, foram notáveis marinheiros e comerciantes no Mediterrâneo antigo, desde o início do primeiro milênio a.C. Suas habilidades marítimas lhes permitiram estabelecer rotas comerciais e colônias ao longo do litoral do Mediterrâneo, facilitando o intercâmbio de mercadorias, técnicas artesanais e conhecimentos, inclusive, na área da construção. Embora não haja registros específicos de pedreiros fenícios migrando para a Grécia, é provável que o contato entre fenícios e gregos tenha incluído trocas técnicas e artísticas que influenciaram a arquitetura grega.

A relação entre a Grécia e as regiões próximas a Jerusalém durante a antiguidade é marcada por períodos de contato direto e indireto, sobretudo por meio do Império Persa e, posteriormente, durante as campanhas de Alexandre, o Grande, e o período helenístico. A disseminação de técnicas de construção e estilos arquitetônicos derivados dessas conexões é plausível, considerando, especialmente, os períodos em que o mundo antigo viu uma significativa mistura de culturas e conhecimento.

A arquitetura grega evoluiu de estruturas simples para complexos templos e edifícios públicos, que demonstram um profundo entendimento de proporção, geometria e estética. As ordens arquitetônicas

Dórica, Jônica, Coríntia, Compósita e Toscana são exemplos da refinada sensibilidade estética grega e de sua capacidade técnica.

Os construtores e pedreiros na Grécia Antiga eram altamente respeitados por suas habilidades; dominavam técnicas de construção e contribuíam para a estética dos edifícios, incorporando elementos artísticos e simbólicos. Muitos desses profissionais eram itinerantes e viajavam por diferentes regiões para trabalhar em grandes projetos.

ITÁLIA

A Maçonaria operativa na Itália, especialmente em Roma, está documentada com o surgimento dos *collegia fabrorum*, guildas de artesãos na Roma Antiga dedicadas a diversos ofícios, incluindo construtores, pedreiros, carpinteiros e metalúrgicos, entre outros. O termo *fabrorum* vem do latim *faber*, que significa artesão. Essas guildas desempenhavam um papel crucial na estrutura social e econômica da Roma Antiga, assegurando a qualidade do trabalho, regulando a competição, fornecendo treinamento para Aprendizes e funcionando como uma rede de apoio para seus membros.

Os *collegia* regulavam as práticas de trabalho dentro de seus respectivos ofícios, estabelecendo padrões para a qualidade e os preços dos serviços e bens produzidos.

Muitos *collegia* também tinham funções religiosas, dedicando-se ao culto de divindades específicas associadas a seus ofícios e organizando festivais e cerimônias. Os membros dos *collegia fabrorum* eram frequentemente empregados em grandes projetos de construção pública, como templos, aquedutos, estradas e outras infraestruturas que caracterizam o legado da Roma Antiga.

Os *collegia* não eram exclusivos da Roma Antiga; organizações semelhantes existiam em outras culturas antigas, como na Grécia.

No entanto, em Roma, eles assumiram um papel particularmente importante, refletindo a ênfase da sociedade romana na urbanização, no direito e na organização coletiva. Ao longo do tempo, especialmente durante a República e o Império, os *collegia* se tornaram instituições fundamentais em função de suas atividades e funções reguladas por leis estatais.

O conceito de *collegia fabrorum* influenciou a formação de guildas medievais na Europa, que, assim como seus predecessores romanos, regulavam os ofícios, treinavam Aprendizes e forneciam apoio aos seus membros. Essas organizações antecipam muitos aspectos das modernas associações profissionais e sindicatos, refletindo a duradoura importância das guildas de ofícios na organização do trabalho, na manutenção dos padrões profissionais e no apoio social aos trabalhadores.

Outro importante relato operativo romano veio da obra *De* Architectura, também conhecida como *Os dez livros da Arquitetura*, um tratado sobre arquitetura e engenharia civil escrito pelo arquiteto e engenheiro romano Vitrúvio no século I a.C., durante o reinado do imperador César Augusto. É a única obra do seu tipo que sobreviveu da antiguidade clássica, tornando-a uma fonte inestimável de informação sobre as técnicas de construção, os princípios arquitetônicos e a estética da Roma Antiga, além de refletir sobre uma ampla gama de conhecimentos científicos e técnicos da época.

A obra *De Architectura* é dividida em dez livros, que abordam diferentes aspectos da arquitetura e da engenharia, como formação dos arquitetos, unidades de medida e os princípios fundamentais da

construção. O livro aborda os diversos materiais usados na construção, incluindo pedra, madeira e cal, bem como métodos de extração e preparação. Além disso, detalha a construção de templos e a utilização das ordens arquitetônicas gregas: Dórica, Jônica, Coríntia, Compósita e Toscana. Essa obra tem sido uma influência contínua na arquitetura desde a Renascença, quando manuscritos do tratado foram descobertos e publicados, inspirando arquitetos como Leonardo da Vinci, Michelângelo, Palladio e muitos outros. Os princípios delineados por Vitrúvio, especialmente sua ênfase nas qualidades de *firmitas* (durabilidade), *utilitas* (utilidade) e *venustas* (beleza), tornaram-se fundamentais para a teoria e a prática arquitetônica subsequente.

A expansão do Império Romano, uma das mais formidáveis forças de conquista da história antiga, estendeu-se por vastas regiões, tecendo um mosaico de territórios que abrangia desde as áridas areias do Norte da África até as verdes planícies da Britânia (Inglaterra), deixando um enorme legado arquitetônico e cultural.

"A arquitetura é uma ciência, surgindo de muitas outras e adornada com muitos e variados ensinamentos: pela ajuda dos quais um julgamento é formado daqueles trabalhos que são o resultado das outras artes." — Vitrúvio

Lago de Como, de onde vieram os mestres Comacinos (foto do autor, 2024).

O Coliseu, em Roma, é uma impressionante obra que demonstra a habilidade dos pedreiros e arquitetos (foto do autor, 2024).

BRITÂNIA

Os romanos, mestres engenheiros e arquitetos, levaram para a Britânia (Inglaterra) a arte da construção em pedra, uma inovação que transformou a paisagem e estabeleceu as bases para o desenvolvimento urbano e arquitetônico. As estradas romanas, retas e resilientes, atravessavam a ilha, ligando fortificações, vilas e cidades, e facilitavam a movimentação das tropas e o comércio.

Na Britânia, as construções em pedra dos romanos eram vistas em fortalezas, termas, teatros e aquedutos, demonstrando uma fascinante fusão de utilidade e estética. Tais construções refletiam a romanização dos territórios conquistados, uma política de assimilação cultural que visava a integrar os povos subjugados ao modo de vida romano.

A chegada dos romanos à Britânia é um capítulo fascinante da história da expansão do Império Romano, marcado tanto por conflitos e conquistas quanto pela transmissão de conhecimento e integração de culturas. Os romanos deixaram na Britânia uma herança arquitetônica que fala de seu poderio e engenhosidade, bem como de sua capacidade de moldar o curso da história nas terras que conquistaram. Esse legado, imortalizado em pedra, continua a fascinar e a inspirar, oferecendo um elo tangível com um passado remoto que ainda hoje ecoa na identidade e na paisagem da moderna Grã-Bretanha.

A divisão do Império Romano em duas entidades distintas, o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente, é repleta de implicações políticas, culturais e socioeconômicas que reverberaram por séculos.

É crucial reconhecer que os conceitos de Oriente e Ocidente, tão fundamentais na forma como compreendemos o mundo hoje, podem muito bem ter suas origens na divisão do Império Romano. Esses conceitos estão também presentes na Maçonaria e em Ritos, como o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), que determinam as orientações dentro dos templos.

Na antiguidade, as orientações espaciais eram determinadas pelas estrelas, seguindo padrões naturais, como o nascer e o pôr do sol. O sol nasceria no leste e se poria no oeste, com variações ao longo do ano em razão da inclinação do eixo da Terra. Naquela época, os métodos para determinar as direções e a localização baseavam-se predominantemente em observações astronômicas e no uso de instrumentos simples. Para identificar o norte e o sul, usava-se como referência a estrela polar, que se mantém relativamente fixa no céu noturno, apontando para o norte. São esses conceitos antigos de norte, sul, leste e oeste que se baseiam as orientações das Lojas no Rito de York.

A queda do Império Romano é um episódio monumental na história ocidental, marcado por uma complexa teia de causas, incluindo invasões bárbaras, declínio econômico, corrupção política e desintegração social.

À medida que as hordas bárbaras atravessavam as fronteiras do império, uma consequência menos conhecida, mas igualmente significativa, acontecia: a migração dos Mestres construtores romanos.

Esses artífices, cujas habilidades haviam sido aperfeiçoadas sob o manto da engenharia e da arquitetura romanas, encontraram-se deslocados pela instabilidade que varreu a Europa. Entre os muitos destinos desses Mestres construtores, a região do lago de Como, na Itália, destacou-se como um ponto de confluência e renascimento.

A tradição dos Mestres Comacinos, como são conhecidos, sugere uma ligação direta com esses Mestres construtores romanos. A região, com sua beleza natural e relativa proteção das turbulências políticas, oferecia um cenário propício para o estabelecimento de uma nova comunidade.

Os Mestres Comacinos são conhecidos pela manutenção e transmissão de técnicas de construção romanas durante a Alta Idade Média, período em que muitas das habilidades e conhecimentos antigos arriscavam se perder.

A influência dos Mestres Comacinos estendeu-se além das margens do lago de Como, influenciando o desenvolvimento da arquitetura românica na Europa. Eles são considerados precursores no uso de abóbadas, arcos e outros elementos que se tornariam característicos do estilo românico, unindo, assim, o legado romano às novas formas arquitetônicas que surgiram na Idade Média.

A chegada do estilo românico à Inglaterra, embora predominantemente influenciada pelas ondas de renovação eclesiástica e monástica que varreram a Europa, carregou ecos das técnicas e estéticas desenvolvidas pelos Mestres Comacinos na Itália.

O historiador John Harvey, em sua obra *English Cathedrals*, sugere que:

> [...] o renascimento da construção em pedra na Inglaterra, particularmente evidente no estilo românico ou normando, deve muito à disseminação do conhecimento arquitetônico através das rotas de peregrinação e comércio que ligavam a Ilha à Europa Continental.

A Muralha de Adriano, uma façanha da engenharia e uma prova da determinação romana, foi erguida sob o édito do imperador Adriano por volta de 122 d.C. Sua construção foi motivada pela necessidade de demarcar os limites do Império Romano e controlar as incursões e a imigração das tribos dos Celtas, dos Pictus e outras que viviam além de seus confins.

Esses homens construíram a muralha e suas fortificações, assim como estradas, aquedutos e outras infraestruturas para sustentar a presença romana na região.

A ausência de construções romanas significativas além da Muralha de Adriano, particularmente na Escócia, é um fato histórico que revela tanto a extensão do domínio romano quanto suas limitações estratégicas. Essa característica do norte da Grã-Bretanha evidencia

a fronteira norte do Império Romano e prenuncia as facilidades que invasores posteriores, como os vikings, encontrariam e explorariam em suas incursões.

Monge Gildas, em sua obra *A Destruição Britânica e sua Conquista*, disse no século VI: "ferozes e selvagens tribos Pictas e Escocesas, como abelhas furiosas que saem dos favos de suas colmeias, estenderam-se para longe e devastaram tudo em seu caminho (…)".

Ruínas da Muralha de Adriano, no norte da Inglaterra.

Fonte: Shutterstock.com.

REINO UNIDO

A história do Reino Unido é essencial para compreender a formação da Maçonaria operativa inglesa, que posteriormente deu origem à Maçonaria especulativa; nela, observamos pequenos fragmentos que formam a ideia de um quebra-cabeça que montaremos mais adiante.

Uma obra essencial para compreender a evolução da Maçonaria operativa inglesa é a *Illustrations of Masonry*, escrita por William Preston em 1772.

Dividido em várias partes, o trabalho de Preston inicia com uma demonstração dos princípios da Maçonaria e da arte de pensar e de agir de um modo único, revelando um homem transformado ao receber os conhecimentos por meio da iniciação. O autor inicia sua explicação fazendo uma ligação com os druidas, referindo-se a eles como uma sociedade iniciática de três graus, cujos grandes "magos" ensinavam filosofia, astrologia, ritos e cerimônias.

Para Preston, é uma maneira de dizer que esses povos antigos já praticavam rituais que haviam sido, talvez, incorporados de outras sociedades.

Ao passar para a parte da Britânia, Preston fala sobre a figura de um grande Mestre de Obras, que tinha como função liderar o ofício dos pedreiros. Ao nos recordarmos do Egito e de sua organização como canteiro de obras, parece lógico que o faraó não poderia sempre coordenar os trabalhadores. Em razão da organização política e social do Egito, é de se imaginar que existisse a figura desse grande Mestre de Obras ligado ao Estado e coordenando as construções.

No Templo de Salomão, o grande Mestre de Obras (ou Grão-Mestre) Hiram Abiff foi quem coordenou os trabalhos de construção. Ao avançarmos pela história, encontramos grandes Mestres construtores gregos, romanos e de outras civilizações do mundo antigo.

Por volta de 290 d.C., um cavaleiro na Britânia foi designado pelo imperador romano para presidir o ofício dos pedreiros. Albano foi nomeado Grão-Mestre operativo e, por defender a fé cristã, foi executado anos mais tarde, tornando-se Santo Albano.

De acordo com Preston, a Maçonaria entrou em um período de inatividade, que durou até aproximadamente o ano 557 d.C. Nessa época, São Agostinho liderou um grupo de monges e pedreiros na construção da Catedral de Cantuária. Ele se tornou um grande defensor dos maçons, que, sob sua influência, prosperaram consideravelmente. Já no ano de 872 d.C., o rei Alfred revitalizou a importância dos maçons e tornou-se um patrono desse ofício. Ele ficou conhecido por organizar seu dia em três partes, dedicadas à sua saúde, ao trabalho e estudo, e à devoção a Deus.

É provável que as instruções que ouvimos em Loja sobre a divisão do tempo, utilizando a Régua de 24 polegadas, tenham sido baseadas na vida dele.

Um capítulo notável na história britânica foi caracterizado pela ferocidade e pela astúcia dos vikings, cujas incursões nas terras da Escócia e da Inglaterra deixaram uma marca profunda e, por vezes, não muito agradável na memória dos povos dessas regiões.

A civilização viking, originária das geladas terras da Escandinávia, era composta por guerreiros, exploradores e comerciantes. Eles navegaram por mares desconhecidos, alcançando terras distantes, e, no curso de suas viagens, chegaram ao litoral da Escócia e da Inglaterra. Essas incursões não eram meramente marítimas; eram, também, expedições de conquista e estabelecimento, culminando na fundação de Jorvik, hoje conhecida como York, um próspero centro de comércio viking.

Aos que quiserem se aprofundar na história viking, há diversos livros para pesquisa sobre o tema. Recomendo: *The Vikings*, do autor Else Roesdahl. Para os fãs de séries, indico *Vikings*, um drama histórico escrito e criado por Michael Hirst para a o canal History Channel – A&E Networks. Inspirada nas histórias de invasões, comércio e exploração dos nórdicos da Escandinávia medieval, a série segue as explorações do lendário líder viking Ragnar Lodbork. Muitas cenas foram baseadas em fontes históricas da época, como os registros do ataque viking em Lindisfarne, em 793, retratado no segundo episódio.

A cidade de Jorvik tornou-se um exemplo emblemático da capacidade dos vikings de estabelecer sociedades comerciais prósperas. Governada no início pela força e pela espada, Jorvik eventualmente evoluiu para um vibrante centro de trocas comerciais.

Contudo, a saga dos vikings na Grã-Bretanha não foi eterna. A ascensão do rei Athelstan, um monarca visionário e determinado, marcou o início do fim do domínio viking na região.

Para garantir a segurança de York contra futuras incursões vikings e solidificar o poder do reino, Athelstan – ou o seu filho, segundo se conta – convocou uma grande assembleia. Essa reunião histórica de diversas classes sociais visou à reconstrução e ao fortalecimento da cidade. Foram reunidos membros do exército, com conhecimentos específicos sobre a construção de muralhas defensivas; nobres, interessados em estabelecer residências confortáveis e funcionais; o clero, voltado para a orientação espiritual e a construção de igrejas; comerciantes, fundamentais no desenvolvimento de infraestruturas como estradas; e pedreiros. Todos foram convocados para contribuir com suas habilidades e recursos.

O poema *Regius*, de 1390, um dos documentos mais antigos relacionados à Maçonaria na Inglaterra, refere-se a essa assembleia de York, destacando a importância da arte da geometria – ou Maçonaria, conforme entendida na época – na construção social e física da Inglaterra medieval.

Segundo esse poema:

Começam aqui as constituições da arte da geometria
(…)
Naquele tempo era soberano,
O magnânimo rei Etelstano;
Ele erigiu salões de admirar,
E templos de prestígio singular,
Usava o grande espaço noite e dia,
E honrava a Deus com toda a energia
Tanto ele amou a arte ardentemente
Que ambicionou torná-la proficiente.
Por descobrir defeitos ordinários,
pelo país despachou emissários

Pedreiros viessem estabelecer
Regras, expondo o seu parecer,
Ansiando assim a melhorar de fato.
Apresentasse-se a ele de imediato
Quem construísse muros ou muralhas
Objetivando corrigir as falhas.
A uma assembleia fez comparecer
Quem desfrutasse de algum poder.
Lá acorreram jovens e decanos
E cavaleiros, condes, suseranos,
Duques, barões, fidalgos da cidade,
Estavam todos lá com dignidade.
Usando tino, senso e intelecto,
Puseram ordem e lei nesse prospecto.

Ao fim ficaram quinze artigos prontos
E redigiram ainda quinze pontos.

Sob o reinado de Athelstan, York estabeleceu-se como um centro de comércio, importante tanto em termos de construção quanto de exportação de produtos diversos por toda a Inglaterra e Escócia. A demanda por pedreiros especializados, capazes de construir castelos e fortificações para conter rebeliões, reflete o papel crucial que York desempenhou no desenvolvimento técnico e econômico do reino.

Esse período histórico, caracterizado pela transição de um estado fragmentado para uma nação unificada sob uma liderança forte, ilustra o papel significativo que a construção, tanto física quanto social, desempenhou na formação da Inglaterra medieval. A assembleia convocada por Athelstan em York simboliza a reconstrução de uma cidade e a fundação de um reino coeso, em que a colaboração entre diferentes segmentos da sociedade foi essencial para o estabelecimento de uma estrutura nacional duradoura.

A era dos reis ingleses, com suas sucessões e guerras, marcaram a caminhada do Reino Unido e a sua consolidação.

Apresento alguns fatos históricos para tecer uma rede de acontecimentos que podem auxiliar o leitor a entender a evolução da história inglesa, agora entrelaçada com a Maçonaria operativa, que, por sua vez, culminará na Maçonaria especulativa.

Após a morte de Athelstan, a Inglaterra foi governada por uma série de reis anglo-saxões, cada um enfrentando seus próprios desafios e contribuindo de maneira única para o legado do reino.

Houve reis sábios e outros menos preparados, como Æthelred, que testemunhou a reconquista do reino pelos vikings, dando início ao reinado de Canuto, o Grande, em 1016 d.C. Canuto governou um vasto império que incluía, além da Inglaterra, partes da Escandinávia e do Mar do Norte. Seu reinado foi marcado por uma relativa paz e pela integração dos dinamarqueses e anglo-saxões sob uma única coroa.

Após a morte de Canuto e de seus herdeiros, o poder retornou aos reis ingleses, com Eduardo, o Confessor, em 1042 d.C.

O reinado de Eduardo foi marcado pela construção da Abadia de Westminster. Contudo, sua falha em assegurar um sucessor claro levou a disputas de sucessão, que culminaram com a invasão da Inglaterra por William, o Conquistador, duque da Normandia (França), em 1066 d.C.

Após sua vitória, William foi coroado rei, transformando profundamente a estrutura política e social da Inglaterra. Sua conquista estabeleceu a dinastia normanda no poder e introduziu uma nova aristocracia, bem como leis e práticas culturais, além de fortalecer os laços da Inglaterra com o continente europeu.

A Torre Branca, localizada no coração de Londres, é uma fortaleza construída por ordem do rei William, o Conquistador, em 1078 d.C., concebida como um símbolo da supremacia normanda. Foi projetada pelo arquiteto Gundulf, bispo de Rochester.

Apesar de ser um membro do clero francês, o bispo Gundulf, nomeado para esse importante serviço, era um construtor extremamente habilidoso e incorporou a base da construção romana às novas fundações. Ele foi também nomeado Grão-Mestre dos maçons.

Como vimos anteriormente, para marcar sua posição de prestígio, os reis recorriam às construções. Por isso, a arte dos pedreiros operativos era extremamente valorizada. Sob a proteção dos reis, os pedreiros nunca eram convocados para batalhas e recebiam uma concessão real de proteção, mesmo com as trocas de governantes. Portanto, o seu ofício era extremamente invejado e, devido à boa remuneração, muitas pessoas desejavam ingressar nele ou descobrir seus segredos.

Surgiam, assim, os Cowans, termo que ainda ressoa em nossos rituais. Eram indivíduos que exerciam a função de pedreiros, mas sem possuir as qualificações ou o reconhecimento formal de guildas ou das corporações.

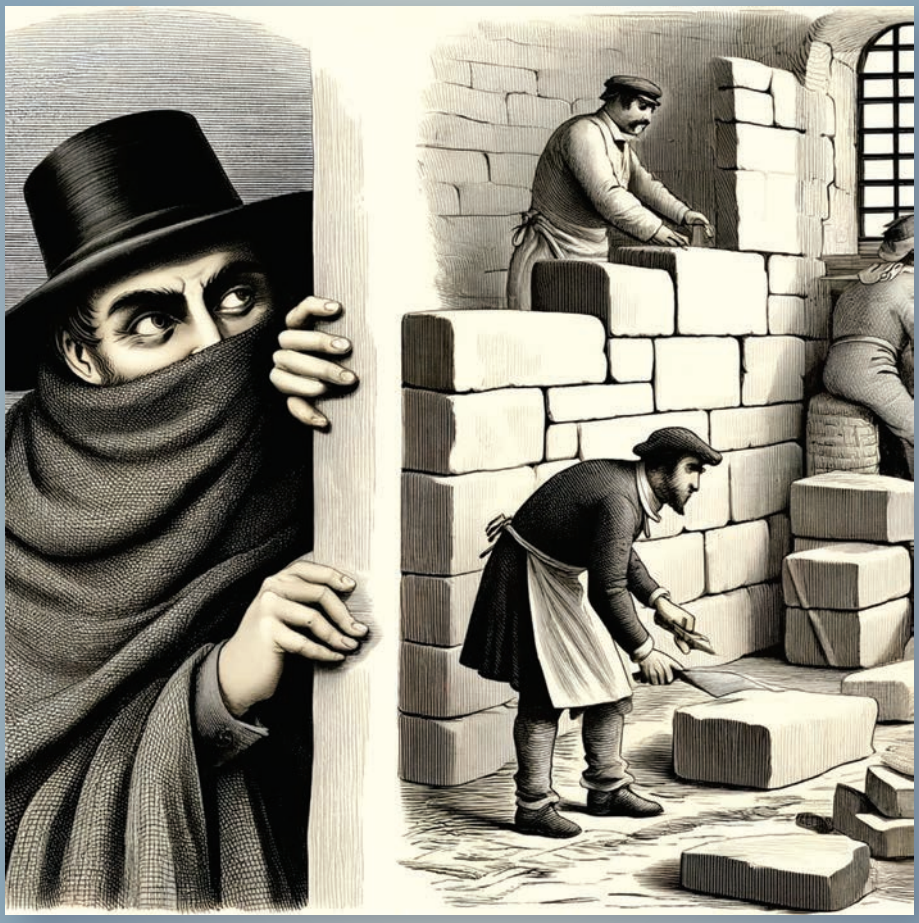
Capela de São João na Torre Branca, Londres (2023).

Durante o período operativo da Maçonaria, o alerta contra os Cowans era constante. Representavam uma ameaça por sua concor-rência no mercado de trabalho e pela potencial diluição dos padrões de qualidade, assim como pelo risco de revelarem os segredos profis-sionais guardados pelas guildas. Os Cowans eram vistos como apren-dizes ilegítimos, que adquiriam conhecimento do ofício por meios não reconhecidos ou imitando o trabalho de um Mestre.

Nas Constituições de Anderson, datado de 1723 d.C., reitera-se o alerta sobre os Cowans, estipulando que os maçons não deveriam colaborar ou ensinar sua arte a esses trabalhadores externos ou a meros curiosos.

Na Maçonaria contemporânea, utilizam-se os termos "intrusos" ou "espiões" para designar os Cowans, indivíduos que, sem terem sido iniciados, tentam adquirir os segredos maçônicos ou participar das sessões por meio de subterfúgios.

Voltando aos reinados, vemos o rei Ricardo I, chamado de Coração de Leão (1189–1199), é mais lembrado por sua participação na Terceira Cruzada; porém, foi na sua época que surgiu uma das figuras mais icônicas do folclore inglês: Robin Hood, herói fora da lei que roubava dos ricos para dar aos pobres. Suas histórias são ambientadas, em sua maioria, na floresta de Sherwood, no condado de Nottingham (entre Londres e York).



Um Cowan espiando o trabalho dos pedreiros.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4

Foi também na época das Cruzadas que ocorreram fatos relevantes para a história da Maçonaria, pois os cavaleiros, na Terra Santa, acabaram fundando ou participando de ordens de cavalaria e, ao retornarem, participaram da fundação dessas ordens em seus países, em particular na Inglaterra e na Escócia.

O reinado de Henrique III (1216–1272) foi um período de reconstrução após as guerras civis, embora tenha enfrentado a oposição dos barões e sido forçado a reafirmar a Magna Carta, um documento histórico que estabeleceu limites ao poder do rei na Inglaterra medieval, reconhecendo direitos individuais e garantias básicas dos súditos.

Eduardo I (1272–1307) ficou conhecido por suas campanhas na Escócia (incluindo a figura de William Wallace). Ele também reformou o sistema legal, estabelecendo as bases para o Parlamento inglês.

O reinado de Eduardo III (1327–1377) foi notável pela Guerra dos Cem Anos contra a França, além de ter sido responsável pela fundação da Ordem da Jarreteira.

A Ordem da Jarreteira é a mais antiga e prestigiada Ordem de cavalaria do Reino Unido e uma das mais conhecidas ordens de cavalaria do mundo. É dedicada a São Jorge, o santo padroeiro da Inglaterra. Essa ordem tem um número limitado de membros, geralmente compreendendo o monarca, o príncipe de Gales e não mais do que vinte e quatro membros adicionais, conhecidos como cavaleiros companheiros.

Para nós, do Rito de York, a Ordem da Jarreteira é muito significativa, por ter uma relação direta com o símbolo do avental de Aprendiz Maçom. Comparativamente, o Avental de Aprendiz é um símbolo de honra e tem um profundo significado, tão importante como a Ordem da Jarreteira. Apesar de desprovido de qualquer adorno, o Aprendiz não o deve ver como um símbolo de demérito; pode parecer simples, mas, assim como os que usavam a liga da Ordem da Jarreteira, o avental está investido de grande significado moral.

A Ordem da Jarreteira (Most Noble Order of the Garter), Castelo de Windsor, Inglaterra (2023).

Voltemos nossa atenção para a Escócia. O filme *Braveheart* (Coração Valente) capturou a imaginação do público mundial e trouxe uma atenção considerável às figuras históricas de William Wallace e Robert de Bruce, bem como ao período das Guerras de Independência da Escócia. Destaca-se o fato de o filme ter mostrado isso com uma licença criativa substancial.

O rei Robert I, conhecido como Robert de Bruce, governou a Escócia de 1306 a 1329. Sua história é marcada por lutas pela independência da Escócia contra o domínio inglês, culminando na famosa Batalha de Bannockburn, em 1314, que foi uma vitória decisiva para os escoceses. É uma figura histórica de grande importância por sua liderança, suas habilidades militares, um verdadeiro símbolo da luta pela liberdade e independência da Escócia.

Segundo algumas tradições, Robert de Bruce teria instituído o Rito de Heredom (1314) após a Batalha de Bannockburn, como uma forma de reconhecimento aos cavaleiros que lutaram pela independência da Escócia.

"Não lutamos pela glória, nem pela riqueza, nem pela honra, mas única e exclusivamente pela liberdade que nenhum homem bom entrega senão com a vida." — Robert de Bruce

---

Castelo de Stirling, Escócia: estátua de Robert de Bruce (2023).

Segundo o autor e pesquisador francês René Guénon:

> [...] a influência das Cruzadas devia fazer-se sentir não só entre os artífices, mas, ainda, entre os nobres, que também conheceram na Palestina formas de associações novas e, uma vez de volta à Europa, constituíram Ordens, semelhantes às do Oriente, nas quais admitiram logo outros iniciados. É assim que, em 1196, fundou-se na Escócia a Ordem dos Cavaleiros do Oriente, cujos membros tinham como ornamento uma cruz entrelaçada por quatro rosas. Essa Ordem foi trazida da Terra Santa no ano de 1188 da Era Cristã, da qual o rei Eduardo I da Inglaterra (1239-1307) veio a fazer parte dela. Um século após a fundação da Ordem dos Cavaleiros do Oriente, ou seja, por volta do ano de 1300, em seguida a última Cruzada, em que, também, tomara parte o rei de uma Ordem estabelecida no Monte Moriá, na Palestina (lugar escolhido por Salomão para a construção de seu Templo), fundaram um Capítulo dessa mesma Ordem, fixando-lhe a sede dos Hébridas e, mais tarde, em Kilwinning, denominando essa Ordem de "Ordem de Heredom".

David II, 1329, filho de Robert de Bruce, teve um reinado marcado por tumultos e invasões inglesas. Seguiram a ele os reis: Robert II; Robert III; James I; James II; James III; James IV; James V: Pai de Mary, Rainha dos escoceses.

Esses reis enfrentaram desafios significativos, incluindo invasões, rebeliões internas e a difícil tarefa de manter a independência

da Escócia frente a investidas externas, principalmente da Inglaterra. A história da monarquia escocesa é rica e complexa, refletindo os tumultuados períodos da história medieval e renascentista da Europa.

Voltemos à Inglaterra, próximo ao ano de 1380 d.C., quando surgia, em Londres, a Sculptores Lapidum Liberorum, que pode ser interpretada como uma alusão histórica aos primeiros pedreiros livres ou maçons livres, que eram artesãos especializados na escultura de pedra. O termo *sculptores lapidum liberorum* é latino e significa, literalmente, escultores de pedras livres, o que pode indicar pedreiros que trabalhavam com pedra "livre", isto é, pedra de boa qualidade e apta para ser esculpida.

Os pedreiros livres também eram assim chamados por não estarem vinculados à servidão feudal, o que lhes permitia viajar entre diferentes projetos e localidades, conforme a demanda por suas habilidades.

A Corporação de Pedreiros de Londres faz parte da rica história das guildas medievais da cidade, organizações que desempenhavam um papel crucial na regulação do comércio, na manutenção dos padrões de qualidade e na proteção dos interesses de seus membros.

Ao longo dos séculos, à medida que a importância da construção em pedra crescia e a complexidade dos projetos arquitetônicos aumentava, surgia também a necessidade de uma organização mais formalizada e com padrões rigorosos.

Os pedreiros, ao longo do tempo, começaram a desenvolver regulamentos internos, rituais e testes de competência. Essas medidas foram criadas para garantir que apenas os artesãos mais habilidosos pudessem praticar o ofício e assumir grandes projetos, mantendo, assim, a qualidade e a integridade do trabalho realizado.

A formalização da Corporação de Pedreiros de Londres como uma entidade reconhecida legalmente teria ocorrido quando ela recebeu uma Carta Real. Esse passo legal foi importante para estabelecer a guilda como uma instituição legítima, com o poder de regulamentar o ofício na cidade. A primeira Carta Real concedida a uma guilda de pedreiros na Inglaterra é associada à Companhia dos Pedreiros de Londres.

A Corporação de Pedreiros protegia os interesses dos pedreiros e contribuía significativamente para o desenvolvimento urbano e arquitetônico de Londres. Eles estavam envolvidos na construção de algumas das mais notáveis estruturas da cidade, incluindo partes da Catedral de São Paulo, da Torre de Londres e de muitas outras igrejas e edifícios públicos que definem a paisagem histórica de Londres até hoje.

Essa corporação pode ser comparada à estrutura de uma Grande Loja moderna, enquanto as guildas da cidade de Londres se assemelhavam às nossas Lojas. Nessas guildas, os mestres e aprendizes trabalhavam nos stoneyards, que eram mais do que meros canteiros de obras: além de funcionarem como verdadeiras escolas

de aperfeiçoamento técnico, também serviam como local de reunião para os membros da guilda.

Isso tem relação direta com o que chamamos hoje de Sala de Loja no Rito de York, sendo esse o espaço físico em que desenvolvemos os nossos trabalhos. Essa Sala de Loja pode ser um espaço simples, convertido para a realização dos trabalhos ritualísticos, ou um templo, que representa uma estrutura complexa construída especificamente para uma Loja maçônica. O conceito de Loja simbólica diz respeito à organização social e administrativa, que era conhecida no passado como guilda.

O registro histórico nos mostra dois aspectos da Maçonaria medieval: a Loja e a Guilda. A Loja (*Lodge*) era um canteiro de obras localizado ao lado de uma construção, como o "York Minster Stoneyard Mason's Lodge", um local de corte de pedras situado ao lado da Catedral de York. A Guilda era a organização (a pessoa jurídica) dos maçons reunidos nesse canteiro de obras.

Esses aspectos são os mesmos na Maçonaria moderna. A Loja é o local físico onde os maçons trabalham, sendo chamada de Sala de Loja no Rito de York. A Guilda, por sua vez, é conhecida como Loja Simbólica, que é a organização (a pessoa jurídica) que congrega os maçons.

Pedreiros em uma oficina de trabalho próxima à Catedral de York.

Fonte: Yorkminster.org.

A MAÇONARIA

A partir dos relatos, podemos acompanhar a trajetória da arte operativa em conjunto com as ordens de cavalaria e com algumas outras sociedades ou guildas.

Podemos dizer que a Maçonaria, mesmo que rudimentarmente, já estava ativa e que as Lojas eram mais que somente oficinas de trabalho em pedra. A associação com os comerciantes fez com que os não operativos fossem chamados de maçons "Aceitos". Nessas associações comerciais, não era permitido entrar armado, pois negócios, dinheiro, bebidas e armas não eram uma boa combinação. É provável que venha dessa época a tradição de não serem permitidas espadas dentro das Lojas do Rito de York.

Essas confrarias começaram a ganhar força e a se espalhar por diferentes locais na Escócia e no interior da Inglaterra, mas é possível que organizações semelhantes tenham surgido na França e em outros países. Entretanto, é preciso ter em mente que qualquer reunião de homens era uma ameaça ao poder do rei, e, dessa maneira, quanto mais forte a presença da monarquia em determinados locais, menor a possibilidade de terem surgido guildas ou reuniões de homens para discutir assuntos que iam além de projetos arquitetônicos ou da arte da construção em si.

Talvez, se pensarmos bem, não faça a mínima diferença se a Maçonaria teve início em 1200 d.C. ou 1600 d.C. Afinal, o que são alguns séculos na história? Nada. São grãos de areia. Mas acredito que esse assunto tenha um lugar de importância em nossa história para que possamos entender os fatos que se seguiram e como foi o real nascimento da Maçonaria Especulativa.

Há documentação comprovando as iniciações no ano de 1600 d.C. Portanto, seria seguro dizer que a Maçonaria começou nesse ano com sua parte Especulativa; contudo, afirmo que o seu início foi próximo ao ano de 1300 d.C. Relatar e afirmar a importância do surgimento nesse período é algo que não pode ser ignorado, pois, ao datarmos esse ano de surgimento, conseguimos entender vários acontecimentos posteriores, como o surgimento do Parlamento britânico, que se originou das reuniões de lordes e cujo objetivo era discutir a necessidade de limitar o poder da monarquia. Essas reuniões começaram a acontecer de forma muito privada e foram crescendo silenciosamente ao longo de décadas ou, quem sabe, de séculos. E qual ambiente seria melhor e mais confiável do que o seio de uma Loja para isso?

Voltando ao ano de 1600 d.C., podemos considerar, com uma ponta de admiração e um suspiro de alívio, que registrar uma iniciação foi um marco para a Ordem, pois o registro poderia, pela primeira vez, ocorrer sem o pavor de despertar uma tempestade mortal sobre si.

A ocasião era propícia, mais do que jamais poderíamos imaginar, pois a Maçonaria, naquela época, estava em expansão, encontrando

favor aos olhos do rei da Escócia, o mesmo monarca destinado a unir sob sua coroa os reinos dispersos da Grã-Bretanha.

É esse cenário, no qual a Maçonaria é vista como um certo orgulho e respeito, que a maioria dos historiadores usa para escrever sobre o início da Ordem. No entanto, é apenas o ápice de uma pirâmide, a ponta de um *iceberg*, pois se, nesse século, a Ordem foi revelada, temos que imaginar que os anteriores – em que o temor e a morte eram uma constante, mas o impulso da alma para o bem fazia que homens honrados assumissem os riscos, e não somente em batalha de espadas – foram séculos de verdadeiros combates e testes de coragem, marcados por encontros sombrios e palavras perigosas, como "verdade".

Nesses tempos incertos, era mais seguro que as Lojas fossem totalmente independentes e que os líderes de cada local permanecessem anônimos. E se pensarmos agora, por um momento, em como faríamos para as notícias circularem, uma técnica simples, mas que me parece muito útil e que pode ter sido utilizada na época, é a do "círculo interno". Considerando que os comerciantes, os barões e demais homens presentes em reuniões como essas nada tinham em comum, a não ser o desejo de agir contra a realeza, e que entre eles existia uma comunidade à parte do mundo, os pedreiros operativos (que já há séculos mantinham seus segredos de ofício e tinham meios de se identificar a outros pedreiros como Mestres formados) gerariam uma rede de segurança interna, capaz de se comunicar com outros locais e transmitir mensagens.

Essa relação entre os comerciantes e os pedreiros, que pode ter dado origem às nossas Lojas atuais, explica a admiração desses comerciantes pelos símbolos dos pedreiros e sua arte, bem como seus sinais e técnicas de reconhecimento.

Marcas de pedreiros encontradas na Catedral de York.

Fonte: Yorkminster.org.

YORK

Encontramos relatos do surgimento de uma Loja de pedreiros por volta de 1352 d.C., em York, concebida "sob os arcos imponentes da Catedral". Tratava-se de um local de trabalho para os artesãos encarregados da manutenção e da expansão da magnífica estrutura, bem como uma congregação de mentes e espíritos unidos sob os princípios da arte e da fraternidade. Essa Loja, embora enraizada nas práticas operativas da Maçonaria, abraçava em seu cerne valores que transcendiam a simples construção física, prenunciando o eventual surgimento da Maçonaria Especulativa.

Segundo o site Yorkminster.org:

> Para apoiar o trabalho, um Stoneyard, "quintal de pedras" ou "Loja de pedreiros", foi criado no West End da catedral no início de 1800. [...] As habilidades e técnicas empregadas pelos pedreiros da catedral foram transmitidas ao longo dos séculos, com cada pedra esculpida à mão na oficina usando marretas e cinzéis, como também teriam feito seus antecessores medievais. [...] Cada pedreiro tem sua própria marca, um símbolo esculpido em cada pedra que eles terminam para mostrar a pessoa que a esculpiu. Historicamente, eram utilizadas para indicar que uma obra estava concluída e para que o pedreiro pudesse ser remunerado. Marcas de pedreiro foram encontradas em pedras, em partes da catedral, datando de 1154 d.C. As mesmas marcas de pedreiro usadas por artesãos que trabalhavam

na Catedral também foram encontradas em outras igrejas locais, mostrando que eles viajavam historicamente de prédio em prédio para trabalhar.

Em paralelo aos pedreiros de York, surgiu uma outra associação – que aparece agora documentada como Corporação dos Mercadores de York –, conhecida como Guilda dos Mercadores, com uma longa e rica história que remonta à Idade Média.

A cidade de York é uma das mais antigas e importantes da Inglaterra, um centro comercial vital em virtude de sua localização estratégica e sua acessibilidade tanto por terra quanto por água.

Essa corporação desempenhava um papel central na vida econômica e social de York, regulando o comércio, protegendo os interesses de seus membros e contribuindo para o bem-estar da cidade. A Guilda dos Mercadores de York foi formalmente estabelecida no século XII, embora suas raízes possam ser rastreadas até períodos anteriores.

Os membros da Guilda dos Mercadores de York eram responsáveis por uma ampla gama de atividades, que iam muito além do mero comércio. Eles estabeleciam regras para o comércio na cidade, negociavam com autoridades locais e distantes para proteger seus interesses comerciais, organizavam feiras e mercados e garantiam que os padrões de qualidade e peso fossem mantidos. Além das atividades econômicas, essa guilda tinha um papel significativo na vida social e cívica de York. Os membros participavam ativamente da

administração da cidade, contribuíam para obras de caridade e projetos de construção e organizavam eventos sociais e religiosos. A Guilda dos Mercadores era também uma rede de apoio para seus membros, oferecendo assistência em tempos de necessidade.

Um dos marcos históricos associados à Guilda dos Mercadores de York é a Merchant Adventurers' Hall. Construída em meados do século XIV, é uma magnífica estrutura de madeira que servia como centro de reunião da Guilda, além de local para festas, cerimônias e outras funções. Hoje, além de ser um dos edifícios medievais mais bem preservados, é também um museu aberto ao público e um testemunho da importância histórica dessa Guilda.

A Merchant Adventurers' Hall, como uma relíquia viva dessa época, continua a ser um lembrete fascinante do legado da Guilda para a cidade de York e para a história comercial da Inglaterra.

Mason's Lodge, ao lado da Catedral de York, Inglaterra.

Fonte: fotografia de Mike Peel.

Merchant Adventurers' Hall (salão dos mercadores) de York (2023).

O PARLAMENTO INGLÊS

Sua origem remonta ao Magnum Concilium, que era uma assembleia de nobres e eclesiásticos convocada pelo rei para discutir assuntos do reino.

A formação do Parlamento é interessante para nós porque, no ano de 1425 d.C., ele emitiu um decreto proibindo as assembleias maçônicas.

O texto aparece no "Statute of Labourers", ou Estatuto dos Trabalhadores, chamado também de "Statute of the Realm", ou Estatuto do Reino, que foi publicado por ordem do Rei George III. Essa compilação de leis incluiu importantes regulamentações trabalhistas, promulgadas na Inglaterra em resposta à situação social e econômica.

Essa legislação foi motivada por preocupações com a autonomia e o poder que esses grupos detinham, especialmente em relação aos pedreiros e artesãos, cujas habilidades eram essenciais na construção de grandes obras naquele período. O Parlamento, temendo que essas assembleias pudessem se transformar em entidades poderosas demais, capazes de desafiar as estruturas de poder existentes ou influenciar indevidamente a economia local, decidiu proibir esses encontros.

Esse evento histórico reflete um período em que as atividades dos maçons enfrentaram restrições legais, sendo vistas com suspeita pelas autoridades governamentais. A proibição das reuniões pelo Parlamento inglês é um exemplo dos desafios que a Maçonaria encontrou ao longo de sua história e que variaram amplamente ao longo do tempo, influenciados por fatores políticos, religiosos e sociais.

A ORDEM DO TEMPLO

A Ordem dos templários foi fundada em 1119 d.C. por Hugo de Payens e outros oito cavaleiros. Inicialmente, tinha como propósito a proteção dos peregrinos que viajavam à Terra Santa, um objetivo nobre que rapidamente conquistaria o apoio dos poderosos. O reconhecimento papal não tardou e, em 1129 d.C., no Concílio de Troyes, a Ordem foi oficialmente endossada pela Igreja Católica, uma bênção que conferiu aos templários poderes e privilégios.

Com o passar das décadas, os templários transcenderam seu papel inicial de guardiões dos caminhos sagrados. Tornaram-se uma das mais ricas e poderosas instituições da cristandade, detentores de vastas terras por toda a Europa e administradores de um complexo sistema financeiro, que antecipava o surgimento dos modernos bancos.

No entanto, a aurora que avistou o nascimento e a ascensão dos templários inevitavelmente cedeu lugar ao crepúsculo. O ano de 1307 d.C. marcaria o início de sua queda. Sob as ordens do rei Filipe IV, da França, conhecido como Filipe, o Belo, uma campanha de difamação foi meticulosamente orquestrada contra a Ordem, e falsas acusações de heresia, entre outras imputações, foram listadas pelo procurador da França.

Em 13 de outubro de 1307 d.C., uma sexta-feira que daria origem às superstições sobre o dia, os templários da França foram simultaneamente presos, torturados e forçados a confessar crimes que não haviam cometido. Essas confissões, arrancadas sob extremo sofrimento, seriam o pretexto para a eventual dissolução da Ordem pelo papa Clemente V, sob pressão de Filipe, rei da França.

A história dos templários, no entanto, não terminaria em 1314 d.C. Membros da Ordem encontraram refúgio em vários países, como Portugal, Espanha e Malta. Acredita-se que uma grande parte das riquezas e conhecimento dos templários foi utilizado para incentivar as explorações marítimas portuguesas.

Para nós, o importante é que eles também foram para a Escócia, ficando, portanto, fora do alcance direto da Igreja e do rei francês.

A Capela de Rosslyn, erguida no século XV como um bastião dos enigmas da presença templária, foi também chamada de Capela Colegiada de St. Matthew. Destaca-se como um local de culto e um repositório de mitologias e lendas. Localizada nas proximidades de Edimburgo, na vila escocesa de Roslin, a construção da capela, iniciada em 1446 sob a égide de William Sinclair, 1º Conde de Caithness, reflete a influência e o legado da dinastia Sinclair.

Com uma decoração opulenta, a Capela de Rosslyn apresenta-se como um compêndio esculpido em pedra, um manifesto artístico de simbolismos esotéricos e alegorias que transcendem a esfera do conhecimento medieval. Sua decoração é composta por variados

símbolos, que evocam desde a espiritualidade cristã até conotações ocultistas, além de insinuações sobre saberes ancestrais e possíveis interações pré-colombianas com terras distantes. Cada escultura confere ao espaço uma narrativa visual única, convidando os observadores a uma reflexão silenciosa sobre as muitas camadas de significados que ali residem, com motivos tão enigmáticos quanto a própria Ordem dos templários, que um dia encontrou refúgio sob essas abóbadas.

Os pilares, com suas infinitas decorações, parecem segurar, além do teto, o próprio céu, um testamento da aspiração humana ao divino. No mais célebre deles, conhecido como Coluna do Aprendiz, serpenteiam-se entalhes que evocam a mais pura arte.

Capela de Rosslyn, Escócia (2023).

OS CONFLITOS INGLESES

A Guerra das Rosas foi caracterizada por uma série de conflitos dinásticos ocorridos na Inglaterra entre 1455 e 1485, em que lutavam pelo trono duas facções da família real: a Casa de Lancaster, cujo símbolo era uma rosa-vermelha, e a Casa de York, representada por uma rosa-branca. Essa disputa sangrenta refletiu a rivalidade entre as duas casas, bem como as tensões sociais, econômicas e políticas que afligiam a Inglaterra medieval.

Henrique Tudor ascendeu ao trono como Henrique VII, casando-se com Elizabeth de York, unificando as casas de Lancaster e York e dando início à dinastia Tudor. A união simbolizou o fim da guerra civil e o início de um período de relativa estabilidade. Henrique VII visou a fortalecer a monarquia, reduzir o poder dos barões e promover a paz e a prosperidade econômica.

Henrique VIII (1509–1547) é, talvez, um dos monarcas mais famosos ou infames da história inglesa, conhecido por seus seis casamentos e seu papel na separação da Igreja da Inglaterra da autoridade papal, iniciando a Reforma Inglesa.

Após dois reinados curtos, chegou ao trono inglês a filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I (1558–1603), considerada

uma das maiores monarcas da história inglesa. Seu longo reinado, conhecido como a era elisabetana, foi um período de expansão e prosperidade, marcado pelo florescimento das artes, pela exploração e estabelecimento de colônias no Novo Mundo e pela a derrota da Armada Espanhola.

Na Escócia, a soberana era a rainha Mary (1542–1567), *Queen of Scots*, bastante controversa e com um reinado marcado por casamentos problemáticos e pela abdicação ao trono em favor de seu filho James VI. Foi querida entre o seu povo e ficou famosa no cinema, com diversos filmes sobre a sua vida.

James VI assumiu o trono da Escócia e nomeou, em 1583 d.C., como o principal Mestre de Obras da Escócia, William Schaw, que assumiu o posto de Grão-Mestre dos maçons pedreiros operativos.

No ano de 1598 d.C., Schaw promulgou estatutos para todas as Lojas maçônicas da Escócia. Em sua primeira versão, eram mais ligados à parte operativa da Maçonaria. Em seguida, em 1599 d.C., promulgou a segunda versão dos estatutos, desta vez mais completos e abordando as relações sociais e políticas das Lojas e dos maçons. Podemos presumir que os primeiros foram feitos antes de sua iniciação, e os segundos, após ele se tornar maçom. Esses estatutos representam um momento-chave na formalização e organização da prática maçônica na Escócia; mais tarde, influenciaram a Maçonaria da Inglaterra e se tornariam a base para tudo o que foi construído.

Os Estatutos Schaw representam um momento crucial na história da Maçonaria, pois estabeleceram uma fundação sobre a qual a organização poderia crescer e se desenvolver em uma fraternidade global.

Essa formalização sob a autoridade de William Schaw, bem como sob o reinado de James VI, reflete a crescente importância da Maçonaria, que, àquela altura, já estava se transformando em uma instituição com significado social, ético e filosófico mais amplo.

No ano de 1600 d.C., mais precisamente em 8 de junho, no Palácio de Holyroodhouse, em Edimburgo, foi iniciado na Maçonaria John Boswell, lorde de Auchinleck. A assinatura e a marca de Boswell são encontradas nos registros de uma reunião da Loja de Edimburgo.

O local e a presença de indivíduos de elevada posição social sublinham o crescente apelo da Maçonaria além das suas fronteiras tradicionais. O Palácio de Holyroodhouse, situado ao final da Royal Mile, em Edimburgo, era um cenário grandioso para tal evento e, portanto, um indicativo da aprovação e do interesse da aristocracia e da elite escocesa na fraternidade maçônica.

Segundo o site da Grande Loja Unida da Inglaterra (www.ugle.org.uk), "a partir da década de 1660, existem mais evidências de cavalheiros sendo feitos maçons".

Palácio de Holyroodhouse, Edimburgo, Escócia.

Fonte: Shutterstock.com

REI DA GRÃ-BRETANHA

Elizabeth, rainha da Inglaterra, nunca se casou e morreu sem deixar um herdeiro direto, encerrando a dinastia Tudor. Após a morte de Elizabeth, o trono passou para James VI da Escócia, que se tornou James I da Inglaterra (1603–1625), unindo as coroas da Escócia e da Inglaterra pela primeira vez.

James I, ao ser coroado, levou para a Inglaterra os Estatutos Schaw, bem como sua paixão pela Maçonaria, que se espalhou por todo o reino. A versão "King James" da Bíblia é uma das traduções mais influentes e duradouras do texto sagrado para o inglês, encomendada pelo rei James I da Inglaterra em 1604. Essa tradução foi concebida com o intuito de unificar as práticas religiosas na Inglaterra e consolidar a autoridade da monarquia e da Igreja Anglicana, em um período marcado por intensas disputas religiosas e políticas.

Publicada pela primeira vez em 1611, essa versão rapidamente se tornou o texto bíblico predominante nas igrejas inglesas, suplantando as versões anteriores. Seu impacto transcendeu as fronteiras da Inglaterra, influenciando profundamente a língua e a literatura inglesas e tornando-se uma das versões da Bíblia mais lidas e veneradas no mundo anglo-saxônico. A linguagem da versão King James, com sua cadência e riqueza literária, deixou uma marca indelével na literatura, na oratória e nas culturas inglesa e americana, sendo citada por autores, políticos e líderes civis ao longo dos séculos.

Em 1607, durante o reinado de James I, um grupo de colonos ingleses foi enviado ao estado da Virgínia, nos Estados Unidos. O acampamento desses colonos recebeu o nome de Jamestown (cidade de James), em homenagem e honra ao rei. Assim, a atual cidade de Jamestown passou a ser o primeiro assentamento monárquico inglês oficial e permanente no continente americano.

A cidade de Jamestown foi estabelecida uma década antes da chegada dos primeiros peregrinos a Massachusetts, sendo conhecida hoje como "o lugar onde a América se iniciou".

Castelo de Stirling, Escócia (2023).

COMMONWEALTH

Charles I (1625–1649) ascendeu ao trono da Inglaterra e da Escócia após a morte de seu pai, James I. Seu reinado foi marcado por tensões religiosas e disputas que levaram à guerra civil inglesa, um conflito entre as forças realistas, leais ao rei, e os parlamentaristas, que queriam maior controle sobre o governo.

Charles I foi executado, e a Inglaterra tornou-se uma república conhecida como *Commonwealth*. Oliver Cromwell emergiu como líder e posteriormente se tornou Lorde Protetor da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda.

Após a morte de Cromwell e a falha do protetorado, Charles II, filho de Charles I, assumiu trono, marcando o fim do período republicano e a restauração da monarquia. Durante seu reinado, a Inglaterra enfrentou o grande incêndio de Londres.

Na Maçonaria, há um fato que merece destaque durante o reinado de Charles II: em 1646, Elias Ashmole escreveu sobre a sua iniciação numa Loja em Warrington, cidade que fica entre Manchester e Liverpool, no interior da Inglaterra.

O grande incêndio de Londres, como ficaria conhecido, teve um papel fundamental na Maçonaria. Contam os relatos que ele começou na padaria de Thomas Farriner, na Pudding Lane, na madrugada de 2 de setembro de 1666. Alimentadas por um verão excepcionalmente seco e pelas construções majoritariamente de madeira, as chamas rapidamente se transformaram em um voraz incêndio, que consumiu grande parte da cidade.

Entre o caos e o desespero, emergiu a figura do duque de York, futuro rei James II, cuja liderança e ações decisivas foram cruciais na luta contra o incêndio. Com a cidade em chamas e o fogo se alastrando rapidamente, o duque tomou para si a responsabilidade de organizar brigadas de combate ao fogo, empregando técnicas que envolviam a demolição controlada de casas para criar barreiras contra o avanço das chamas. Suas ações demonstraram uma liderança excepcional em tempos de crise e também salvaram partes da cidade que ainda não haviam sido atingidas pelo fogo.

Após a devastação, Londres enfrentou o colossal desafio de se reconstruir. Sob a liderança visionária do arquiteto e Irmão *sir* Christopher Wren, iniciou-se um processo de reconstrução que transformaria a cidade. O projeto de Wren para a nova Catedral de São Paulo configurou-se como símbolo da resiliência e renovação de Londres, elevando-se majestosamente sobre uma cidade renascida das cinzas.

A destruição causada pelo grande incêndio proporcionou a Londres uma oportunidade única de se reinventar. A reconstrução viu

o florescer da arte de construção em pedra, um movimento em direção a edificações mais duráveis e resistentes ao fogo. Pedreiros e arquitetos passaram a ser altamente valorizados, pois suas habilidades eram essenciais para o renascimento da cidade.

As novas regulamentações de construção, que promoviam o uso de novos materiais e a ampliação das ruas, para prevenir a propagação de futuros incêndios, moldaram a Londres moderna. A cidade renascida tornou-se um símbolo de resiliência e inovação, com a arte de construção em pedra e os pedreiros no coração de sua transformação.

O grande incêndio de Londres.

Fonte: Shutterstock.com.

Sir Christopher Wren e a Igreja de São Paulo, em Londres.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4.

ATOS DE ESTABELECIMENTO

Os Atos de Estabelecimento de 1701 (*Act of Settlement*) foram leis aprovadas pelo Parlamento inglês que tinham como objetivo resolver a questão da sucessão ao trono britânico. Promulgados durante o reinado do rei William III e da rainha Mary II, o intuito dos Atos era estabelecer uma linha de sucessão protestante, a fim de evitar uma restauração católica ao trono.

Após a morte de William III, em 1702, sua cunhada, Anne, ascendeu ao trono como rainha da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda.

Os Atos de Estabelecimento de 1701 declaravam que nenhum monarca católico romano, tampouco o cônjuge católico de um monarca, poderia herdar o trono britânico. Estabeleciam também que a sucessão ao trono passaria para os descendentes protestantes da princesa Sofia de Hanôver, neta de James VI e I, caso a rainha Anne morresse sem herdeiros protestantes diretos. Os atos também limitavam a capacidade do monarca de nomear indivíduos para cargos eclesiásticos e militares, bem como de celebrar tratados internacionais sem o consentimento do Parlamento.

Esses Atos de Estabelecimento foram fundamentais na consolidação da monarquia constitucional na Grã-Bretanha, instituindo uma linha de sucessão protestante e limitando o poder monárquico em favor do Parlamento.

A CASA HANÔVER E A REVOLUÇÃO JACOBITA

Após a morte da rainha Anne, em 1714, a sucessão passou para a Casa de Hanôver (Alemanha), com George I assumindo o trono da Inglaterra em razão da sucessão estabelecida pelos Atos de Estabelecimento de 1701.

Na Escócia, James Francis Edward Stuart, conhecido como "O Velho Pretendente", reivindicou o trono da Inglaterra alegando ser o legítimo herdeiro, conforme a linha de sucessão estabelecida pelos monarcas Stuart. Ele se considerava o verdadeiro rei da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, apesar de ser católico, pois tinha como base a sua linhagem real direta.

Essa reivindicação levou a uma série de conflitos e levantes jacobitas, em que os partidários de James Francis Edward Stuart (os jacobitas) lutaram para restaurá-lo ao trono. No entanto, essas tentativas foram, em sua maioria, malsucedidas, e a Casa de Hanôver acabou prevalecendo na sucessão ao trono britânico.

A maior derrota do Velho Pretendente se deu em 1715, e seu exílio na França teve como consequência a expansão da Maçonaria, partindo da Inglaterra e da Escócia para a França. Talvez esse evento tenha sido o embrião do nascimento da Maçonaria em solo francês.

Nesse ponto histórico estava a taberna The Goose and Gridiron (O Ganso e a Grelha). Foi nesse local que nasceu a Grande Loja da Inglaterra, situada ao lado da St Paul's Churchyard (Igreja de São Paulo), em Londres (2023).

A GRANDE LOJA DA INGLATERRA

Com o intuito de consolidar a Maçonaria como uma força legal e legítima, os maçons de Londres precisavam agir. Eles estavam apoiados nos Atos de Estabelecimento de 1701, que deram mais poder ao Parlamento.

Com a derrota dos revolucionários jacobitas apenas dois anos antes e sabendo que muitos desses revolucionários escoceses estavam ligados à Maçonaria da Escócia e à Igreja Católica, era preciso separar a Maçonaria britânica da Maçonaria escocesa, a fim de estabelecer, possivelmente, a Maçonaria como uma apoiadora da casa Hanôver e dos protestantes.

As soluções de diversas questões e problemas da época criaram condições propícias para que uma atitude fosse tomada a fim de garantir a independência da Maçonaria, bem como de dar a ela uma voz perante a sociedade, mas não mais como um grupo de maçons reunidos em tabernas diferentes.

Na época, muitas Lojas maçônicas em Londres funcionavam em tabernas, e quatro delas decidiram se unir para formar uma organização que pudesse representar e regular a Maçonaria no nível mais amplo.

Segundo o site da Grande Loja Unida da Inglaterra (www.ugle.org.uk):

> No Dia de São João, 24 de junho de 1717, quatro Lojas de Londres, que já existiam há algum tempo, reuniram-se na Goose and Gridiron Tavern ao lado da Igreja de São Paulo, declararam-se uma Grande Loja e elegeram Anthony Sayer como seu primeiro Grão-Mestre. Essa foi a fundação da Primeira Grande Loja, a primeira desse tipo em qualquer lugar do mundo, e as origens da Grande Loja Unida da Inglaterra.

Em 1723, a Grande Loja da Inglaterra publicou *The Constitutions of the Free-Masons* (As Constituições dos Maçons Livres), escrita por James Anderson.

Em oposição à Grande Loja da Inglaterra, surgiu um movimento em York, no início de 1725, que pode ter sido ocasionado pela circulação das Constituições de Anderson e pela formação de uma Loja na cidade de Durham, próxima à York, sob a jurisdição da Grande Loja de Londres. Com isso, no dia 27 de dezembro de 1725, durante a festa de São João Evangelista, a Loja de York reivindicou o título de Grande Loja. O Irmão Charles Bathurst foi eleito Grão-Mestre, e seus grandes vigilantes, ou sucessores diretos, eram o Irmão Pawson e Francis Drake. Isso ocorreu após uma procissão até o Merchants' Hall e um banquete.

Francis Drake fez um discurso no qual atribuiu à Maçonaria as características de *Brotherly Love, Relief, and Truth* (Amor Fraternal, Alívio e Verdade), lema esse que até hoje é o cerne do Rito de York. Drake reivindicou superioridade, afirmando estarem satisfeitos com o fato de a Loja de Londres ter o título de Grande Loja da Inglaterra – mas York reivindicou o título *Totius Angliae* (isto é, Toda a Inglaterra). Apesar dos registros de York, essa Grande Loja não foi reconhecida na época e continua não sendo até os dias atuais.

No site da Grande Loja Unida da Inglaterra, é mencionada uma Grande Loja rival, que surgiu em 1751: "Os maçons escoceses e irlandeses de Londres formaram uma Grande Loja rival em 1751, rotulando a Grande Loja original de Modernos e autodenominando-se Antigos".

A Constituição dos Antigos, chamada de Ahiman Rezon, foi publicada em 1756, sob a autoria de Laurence Dermott, que era o Grande Secretário da Grande Loja dos Antigos.

Oficialmente, segundo a Grande Loja Unida da Inglaterra, após a fundação da Grande Loja da Inglaterra, em 1717, as próximas grandes Lojas a serem fundadas foram a da Irlanda, em 1725, e a da Escócia, em 1736.

Próximo a esse local, a Grande Loja da Inglaterra realizou a sua primeira reunião em 1717 (St Paul's Churchyard, Londres – Foto de 2023).

A GRANDE LOJA DA ESCÓCIA

De acordo com o *site* da Grande Loja da Escócia:

A Grande Loja de Maçons Livres e Aceitos da Escócia é o órgão supremo da Maçonaria escocesa, fundada em 1736 e com sede em Edimburgo.

A origem exata da Maçonaria é derivada das guildas de pedreiros da Idade Média, conhecidas como ofícios incorporados. O termo incorporado provém do fato de que essas organizações artesanais possuíam cartas reais, que lhes concediam o direito exclusivo de trabalhar dentro dos burgos reais na Idade Média. A linguagem e os símbolos usados nos rituais maçônicos de hoje têm suas raízes nessas antigas corporações de ofício.

Na Idade Média, as guildas de ofícios desempenhavam um papel crucial na sociedade. A palavra guilda origina-se do termo saxão *gilden*, que significa pagar. Um grupo de artesãos formava uma guilda e cobrava uma taxa de adesão para ingresso. Havia duas etapas, ou Graus, necessárias para se tornar um membro pleno de uma guilda de ofício. Primeiramente, vinha a etapa do Aprendiz, durante a qual um jovem treinava sob a orientação de um Companheiro por muitos anos (em geral, sete), frequentemente em troca de alojamento e

alimentação. Para se qualificar, ele apresentava uma obra-prima à Corporação Incorporada, a fim de provar que havia alcançado um padrão de habilidade suficientemente alto. Somente com a aprovação dessa corporação é que ele se tornava um Companheiro e podia começar a ganhar um bom salário.

O uso mais antigo do termo maçom livre data de cerca de 1390, referindo-se apenas a membros operativos.

No *site* da Loja nº 0 da Escócia, consta:

O registro mais antigo conhecido de Lojas maçônicas data de janeiro de 1599, da Loja Aitchison's Haven, em East Lothian, Escócia, que encerrou suas atividades em 1852. Seis meses depois, em julho de 1599, a Loja de Edimburgo (Mary's Chapel) começou a registrar suas atas, muitas das quais estão disponíveis no museu da Grande Loja de Maçons Livres e Aceitos da Escócia, destacando-se como algumas das heranças maçônicas mais antigas do mundo hoje.

A história da Loja Mãe remonta ao ano de 1140, na época da construção da Abadia de Kilwinning, cujas ruínas ainda existem nos fundos da Loja. A Loja foi fundada na casa capitular da Abadia e lá permaneceu até a reforma, em 1560.

Os maçons se reuniram no centro da cidade, em 1643, na Masons Howf. Em meados de 1700, os maçons decidiram construir uma nova

Loja e, em 1779, a antiga Loja foi construída na entrada da Abadia. Em meados de 1889, uma nova Loja foi construída a trinta metros do antigo local e permanece lá até hoje. A atual Loja foi consagrada em 1893.

Antes da formação da Grand Lodge of Scotland, a histórica Loja Mãe de Kilwinning atuava de forma independente, desempenhando o papel de uma Grande Loja e concedendo cartas constitutivas para outras Lojas que buscavam reconhecimento. Ainda hoje, diversas Lojas mantêm o nome de Kilwinning em suas tradições, honrando sua ancestralidade maçônica.

A Grande Loja de Edimburgo foi formada em 1736 e foi decidido numerar as Lojas por antiguidade. Infelizmente, naquela época, os livros de atas conhecidos da Loja Mãe Kilwinning datavam apenas de 1642, pois se pensava que os registros anteriores haviam sido contrabandeados pelos monges para a França durante a Reforma ou destruídos no incêndio desastroso no vizinho Castelo de Eglinton. A Loja Mãe de Kilwinning, portanto, não recebeu seu lugar de direito e foi colocada em segundo lugar na lista da Grand Lodge of Scotland, uma posição da qual ela discordou fortemente; então, retirou-se da Grand Lodge of Scotland e continuou a emitir cartas como antes.

Essa disputa durou até 1807, quando a Grande Loja da Escócia e a Grande Loja de Kilwinning se reuniram em Glasgow e resolveram suas diferenças. Um acordo novo e vinculativo foi alcançado, no qual a Loja Mãe Kilwinning foi colocada à frente do rol da Grande Loja da Escócia e, então, reconhecida pelo número distintivo 0 (zero).

Em 1860, durante uma busca no Castelo de Eglinton, foram encontrados os agora famosos estatutos de Schaw, de 1598 e 1599. William Schaw escreveu que Kilwinning era a Loja Chefe da Escócia. Se esses estatutos estivessem disponíveis em 1743, não haveria dúvidas sobre a posição de Kilwinning na Maçonaria.

Hoje, a Loja Mãe de Kilwinning tem o direito exclusivo de nomear o Grão-Mestre provincial na província de Kilwinning. Essa Loja Mãe possui uma posição singular e autônoma dentro do mundo maçônico.

Grande Loja da Escócia: sala da Loja (2023).

Grande Loja da Escócia: aventais antigos (2023).

Grande Loja da Escócia, Edimburgo (2023).

FRANÇA

Partindo em direção à França, aproveito o excelente texto da palestra do Irmão Maurice Jaton, realizada em uma conferência no Sublime Capítulo L'Amitié, no Vale de Lausanne, em 5 de maio de 1923:

> A primeira Loja, cuja existência está historicamente verificada no solo francês, é a Loja Amitié et Fraternité, fundada em Dunkerque, à qual a Grande Loja da Inglaterra outorgou uma Constituição a 13 de outubro de 1721. A 2 de junho de 1726, três maçons ingleses, Radcliffe, conde de Derwentwater, o cavaleiro Maskelyne e d'Heguerty, auxiliados por alguns maçons ingleses, proscritos como eles, fundam a Loja Saint Thomas, em Paris. A 2 de abril de 1723, essa Loja recebe da Grande Loja da Inglaterra uma patente constitutiva. Em menos de dez anos, conta mais de seiscentos membros e faz estabelecer outras Oficinas em Paris: em 1726, a Loja Goustand; em 1729, a Loja Les Arts et Sainte Marguerite; em 1733, a Loja Saint Thomas et Louis d'Argent. Em 1735, essas quatro Lojas fundam a Grande Loja Provincial de França, com o conde de Derwentwater como Grão-Mestre, e dirigem em junho do mesmo ano um pedido de Constituição à Grande Loja de Inglaterra, que só atendeu em 1743. Não obstante, a Grande Loja Provincial de França se estabelece com autoridade própria a 24 de dezembro de 1836 e designa o lorde Harmouester para Grão-Mestre, em substituição de Derwentwater. Fato importante a assinalar para os Altos Graus: na sua sessão de

> constituição, a Grande Loja Provincial de França adota o Rito Escocês. Esse fato explica-se facilmente por duas razões. Os Stuarts estão destronados; seus partidários, refugiados na França e pertencentes à Maçonaria, constituem ali as primeiras Lojas. São, com efeito, três proscritos da Inglaterra que fundam a primeira Loja em Paris. O primeiro Grão-Mestre da Grande Loja Provincial, Derwentwater, é um proscrito inglês; seu sucessor, Harnouester, igualmente. Eles fazem prevalecer o sistema escocês, porque era mais propício operar uma seleção de homens de escola, influentes e capazes de lhes sustentar com todo seu apoio nos seus desígnios políticos.

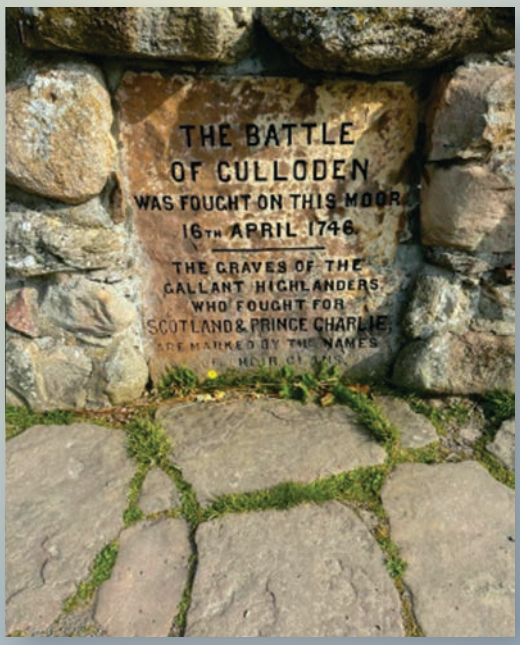
A Maçonaria chegou à França por volta de 1720 e, segundo o site da Grande Oriente de França (www.godf.org), "o Grande Oriente de França é a obediência maçônica mais antiga e importante da Europa continental. Nascida em 1728 como Primeira Grande Loja da França".

Na Escócia, enquanto isso, acontece a rebelião de 1745, liderada por Charles Edward Stuart, o Jovem Pretendente, também conhecido carinhosamente como Bonnie Prince Charlie. Inicialmente, essa rebelião teve um avanço bem-sucedido até a Inglaterra, até ser definitivamente derrotada na Batalha de Culloden, em 1746, o que fez Bonnie Prince Charlie fugir para a França.

A Escócia passou, então, por um momento terrível de sua história, pois os ingleses decidiram subjugar os escoceses e impor restrições à sua cultura, dissolvendo os clãs e proibindo suas vestes, tradições, festas e canções.

A Maçonaria da Escócia sofreu o reflexo desse acontecimento, adotando as práticas inglesas. Os maçons escoceses buscaram apoio em York, bem como rituais e métodos de desenvolver a Maçonaria. Esse marco suprimiu a Maçonaria antigamente conhecida dos escoceses, absorvendo a Maçonaria inglesa, dos antigos.

Por fim, a Maçonaria escocesa sobreviveu, mas não em seu país, e sim na França, onde já havia criado raízes. Os partidários escoceses sobreviventes e Bonnie Prince Charlie partiram para a França e, desta vez, com o desejo de lá fomentar a Maçonaria, sem aspirações de retorno ao trono.



Culloden, Inverness, Escócia (2023).

RITOS

Um Rito maçônico é um conjunto de características e particularidades que descrevem os procedimentos realizados em uma Loja simbólica.

Os ritos sempre estiveram presentes na história. No tempo das cavernas, existia um rito de passagem para se tornar caçador. Nas sociedades agrícolas e nas cidades, os ritos foram desenvolvidos para dar significado a momentos marcantes, como as festas das colheitas. No Egito, os ritos ganharam muita força, com várias iniciações a sacerdotes dos vários deuses egípcios. Os hebreus também tinham diversos ritos, como o da aliança com Deus, começando com a circuncisão, ao nascimento, e depois a confirmação dela, com o Bar Mitzvá, traduzido como "filho do mandamento", que torna o jovem responsável e comprometido com a religião judaica. Os cristãos têm vários ritos na igreja, chamados de liturgia.

Na Maçonaria, um Rito é caracterizado por procedimentos litúrgicos particulares; eles se originaram com os maçons que praticavam o trabalho em Loja. Assim como existem diferenças entre a liturgia católica e a protestante, mesmo ambos sendo cristãos, os Ritos maçônicos também variam em detalhes e particularidades, embora todos compartilhem a mesma essência.

O Rito dos Irmãos escoceses diferirá dos ingleses, por exemplo, em função de sua origem, costumes, particularidades e valores, assim como os Ritos nascidos na França, que se tornaram mais místicos por influência dos alquimistas, muito valorizados na época do reinado de Luís XIV.

Por exemplo, no Rito praticado pelos ingleses e escoceses, o espaço em que se trabalha em Loja é totalmente plano, pois as Lojas nasceram em tabernas, normalmente em uma sala no andar superior, e os que estavam ali, juntos, seguiam uma visão de que eram todos iguais. Já na França, a Maçonaria precisava se adaptar aos costumes franceses, em que havia uma divisão mais acentuada entre os nobres e os plebeus. Com isso, as Lojas foram construídas com dois espaços distintos e com portas separadas: um mais baixo, chamado de Ocidente, onde se sentavam os plebeus; e um mais elevado, chamado de Oriente, acessado ao subir 3 degraus e protegido por uma balaustrada, onde se sentavam os nobres.

Esse é apenas um exemplo da diferença entre os Ritos, que continuam a diferir até os dias atuais. Os Ritos nascidos na Grã-Bretanha, como o York e o Emulation (Emulação), trabalham em Loja plana, e os nascidos na França, como o Rito Escocês Antigo e Aceito, o Rito Adonhiramita e o Rito Moderno, trabalham em Loja com dois níveis, nos quais o Oriente é reservado somente aos Irmãos que já passaram pelo cargo de Venerável Mestre, ou seja, são Mestres instalados porque foram instalados no trono de Salomão quando assumiram a Loja.

Em cada um desses Ritos, há uma série de procedimentos ritualísticos, de liturgias, no desenvolvimento dos trabalhos, da mesma maneira que, na Igreja, há toda uma liturgia no transcurso de uma missa.

Por exemplo, no Rito de York, antes de iniciar os trabalhos, todos os Irmãos ficam de pé. Em seguida, o Irmão 1º Diácono (Sênior Deacon) dirige-se ao altar, acende as três velas ao seu redor e abre o Livro da Lei Sagrada – normalmente, é a Bíblia, mas pode ser outro livro sagrado, como a Torá ou o Alcorão. A Bíblia é aberta em um local específico, dependendo sempre do Grau (Aprendiz, Companheiro ou Mestre) em que a Loja está trabalhando. Em seguida, o 1º diácono coloca em cima da Bíblia o Esquadro e o Compasso unidos. Esse procedimento ritualístico é realizado antes da abertura dos trabalhos da Loja.

Constituição dos Maçons de 1723, exposta no museu da Grande Loja Unida da Inglaterra, Londres (2023).

ANTIGOS E MODERNOS

O período de rivalidade entre Antigos e Modernos coincidiu com um momento crucial na história britânica, caracterizado por mudanças significativas na monarquia e na sociedade. Essas duas correntes, com suas visões e rituais distintos, trabalharam em paralelo, competindo pela lealdade dos maçons e pelo reconhecimento da sociedade.

Por décadas, a tensão entre Antigos e Modernos alimentou debates acalorados, disputas e, às vezes, até mesmo animosidade.

Líderes visionários de ambos os lados reconheceram que, juntos, poderiam alcançar muito mais do que separados. Iniciaram-se, então, negociações delicadas e complexas, marcadas por concessões e compreensões mútuas. Essas conversas culminaram na formação da Grande Loja Unida da Inglaterra, em 1813.

Segundo o site da Grande Loja Unida da Inglaterra (www.ugle.org.uk):

> Depois de quase 63 anos, as duas Grandes Lojas da Inglaterra se uniram em 27 de dezembro de 1813 para formar a Grande Loja Unida da Inglaterra. Essa união levou a uma grande padronização de rituais, procedimentos e insígnias.

Essa união configurou-se como um triunfo da diplomacia maçônica e um testemunho do poder dos ideais maçônicos. A união das Lojas dos Modernos e dos Antigos simbolizou uma nova era para a Maçonaria na Inglaterra, uma era de unidade, força e expansão. Sob a bandeira da Grande Loja Unida, a Maçonaria inglesa floresceu, estendendo sua influência para o Reino Unido e, então, para o mundo inteiro.

A Grande Loja Unida da Inglaterra tornou-se um farol de luz maçônica, promovendo valores de fraternidade, aprendizado e filantropia. Seu legado é notório nos magníficos templos maçônicos espalhados pelo globo, bem como no impacto que a Maçonaria teve no desenvolvimento de ideais democráticos, na promoção da educação e na prestação de assistência aos necessitados.

O século XIX testemunhou uma expansão sem precedentes da Maçonaria, tanto na Grã-Bretanha quanto no exterior. Esse crescimento refletiu a influência da Maçonaria na sociedade, bem como seu papel em apoiar indivíduos influentes na realização de seus objetivos políticos e sociais.

ADONHIRAMITA

Em 1780, a Maçonaria francesa vivenciava uma era de expansão sem precedentes; uma época vibrante, caracterizada pelo surgimento de variados modelos maçônicos, pela fundação de inúmeras Lojas e pela experimentação de Ritos diversificados. Ritualistas dedicavam-se à tarefa de reviver e disseminar práticas ancestrais, fazendo desse momento um capítulo glorioso para os místicos. Para eles, a Maçonaria representava um solo extremamente fértil, pronto para acolher e nutrir seus ideais mais profundos.

Nesse cenário de renascimento cultural e espiritual, emergiu um Rito com um potencial extraordinário para moldar o futuro da Maçonaria. Ele se destacaria por sua influência duradoura e, sobretudo, marcaria a história por ser o primeiro Rito introduzido no Brasil.

O Rito Adonhiramita representa o ápice de uma evolução e um aprimoramento contínuos, tendo suas raízes nos Ritos de Kilwinning, York e Heredon. Distinto, não incorporou os conceitos jacobitas trazidos pelos exilados Stuart da Escócia para a França, optando, em vez disso, pelos princípios da Maçonaria inglesa, particularmente aqueles defendidos pela facção dos Modernos. Foi enriquecido com costumes franceses, que desempenharam um papel fundamental em sua formação atual. Houve a introdução de elementos – como espadas, para os

nobres (florins) e o uso de chapéus e luvas –, agregando singularidade e distinção à prática maçônica.

Louis Travenol contribuiu significativamente para a literatura maçônica, com a publicação de *Catechisme Des Francs-Maçons:* Précédé *d'un Abrégé de l'Histoire d'Adoniram, Architecte du Temple de Salomon*, um trabalho de procedência duvidosa e intenções incertas, mas que lançou uma controvérsia ao afirmar que o arquiteto do templo e a figura central do Grau de Mestre seria Adonhiram, e não Hiram Abiff, que, para os ingleses, era a figura principal.

Posteriormente, em 1781, Louis Guillemain de Saint-Victor, um renomado Ritualista, publicou o primeiro volume de *Recueil* Précieux *de la Maçonnerie Adonhiramite*, conhecido em português como *Compilação preciosa da Maçonaria Adonhiramita*. Essa obra marcou um avanço significativo no entendimento e na prática do Rito Adonhiramita, consolidando sua posição como um Rito de grande importância e influência na Maçonaria.

Toni L. Haag e Flávio Dellazzana com os paramentos do Grau 12 do Rito Adonhiramita. Ceia Rosa Cruz (2014).

The George Washington Masonic National Memorial, Alexandria (2017).

RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

O Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) teve uma trajetória de evolução que não começou com esse nome, mas originou-se a partir do Rito de Heredom, sob a influência do cavaleiro escocês Andrew Ramsay. Etienne Morin se destacou como fundador da Loja Mãe Escocesa de Bordeaux, na França. Durante a década de 1760, Morin levou a Maçonaria de Perfeição para a América Central. Nos Estados Unidos, Henry Andrew Francken, deputado e grande inspetor de Etienne Morin, transcreveu os rituais do Rito.

Com a chegada do Rito aos Estados Unidos, ele passou a ser conhecido como REAA, com a adição de mais oito Graus, totalizando os atuais 33 Graus. Em maio de 1801, o primeiro Supremo Conselho foi aberto em Charleston, nos EUA, formado pelos "11 Cavalheiros de Charleston", sendo posteriormente seguido pela França, em 1804. Em 1855, sob a revisão de Albert Pike, o Rito passou a ser mais amplamente praticado. Pike, incentivado por Albert Mackey, embarcou numa jornada para Charleston, onde foi instruído nos Graus 4º a 32º e dedicou-se a organizar, revisar e fortalecer o Rito, chegando a publicar, em 1884, o livro *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry,* conhecido simplesmente como Moral e Dogma.

Na França, o Rito Escocês Antigo e Aceito retornou como um Supremo Grande Conselho, mas outras organizações maçônicas lutaram pelo direito de fundar Lojas Simbólicas, até que, nas décadas seguintes, houve um grande conflito entre a Maçonaria filosófica e a simbólica.

Supremo conselho do Grau 33, Washington, D.C. (2017).

O RITO AMERICANO

Nos EUA, a Maçonaria simbólica é, quase em sua totalidade, o Craft, chamado também de Blue Lodges. Ele descende dos rituais ingleses dos Antigos e Modernos; porém, com características únicas, por ter nascido nos EUA, a terra da liberdade, e por sua origem ter sido muito influenciada pelas Lojas militares.

A palavra *Craft* não poderia ser simplesmente traduzida como trabalho, pois seu significado é mais amplo. Na Maçonaria, significa "o trabalho ritualístico realizado nas Lojas Simbólicas" – muitas vezes, chamado de trabalho de solo.

A referência a Blue Lodges não está ligada à tradução literal do termo, que seria "Lojas azuis", e sim à cor dos aventais dos Irmãos (Mestres) dessas Lojas. É, também, uma referência ao fato de serem Lojas Simbólicas, e não de altos Graus ou de perfeição, pois a Maçonaria filosófica norte-americana utiliza aventais vermelhos (Grau 18 do REAA e Maçom do Real Arco, do York Rite). Esses Altos Graus norte-americanos são compostos por dois grandes seguimentos: (1) o Rito Escocês Antigo e Aceito, com Graus que vão do 4º ao 33º; e (2) o Real Arco, chamado nos EUA de York Rite, com seus Graus de Mestre de Marca até Cavaleiro Templário.

Instalação da Loja Perit ut Vivat, pioneira do Rito Escocês Retificado no Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC). Os Irmãos Toni Luiz Haag, Secretário de Relações Exteriores do GOSC, idealizador e fundador da Loja e responsável pela introdução do Rito Escocês Retificado no GOSC; e o Irmão Lucas Diego Morozini, primeiro Venerável Mestre da Loja (2023).

RITO ESCOCÊS RETIFICADO

Nesse mesmo período vibrante na França, próximo ao ano de 1800, emergiu o Rito Escocês Retificado. A essência desse Rito transcende a mera prática ritualística, sendo uma manifestação de compromisso profundo com a espiritualidade.

Para os Irmãos desse Rito, a essência reside não em sua capacidade de adaptação às convenções modernas, mas em sua habilidade de permanecerem fiéis aos fundamentos originais.

Esse compromisso foi recentemente destacado pela incorporação do Rito ao Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC). A fundação da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Perit ut Vivat, a primaz do Rito Escocês Retificado no GOSC, marca um momento histórico significativo.

O Rito Escocês Retificado emergiu graças à visão e à dedicação do Irmão Jean Baptiste de Willermoz. Foi em 1782, no Convento de Wilhelmsbad, na Alemanha, que essa estrutura foi estabelecida.

Em um encontro histórico em Wilhelmsbad, a Estrita Observância Templária tomou a decisão revolucionária de abandonar suas tentativas de restabelecer fisicamente a Ordem do Templo, desviando-se da agenda templária medieval. Sob a liderança visionária de Willermoz, optou-se por uma reforma profunda, que, embora afastasse o Rito das suas pretensões templárias físicas, manteve viva a herança espiritual da Ordem. Assim nasceu o Rito Escocês Retificado.

State Park Hanau, Wilhelmsbad, Alemanha (2023).

UM RETORNO A YORK

Antes de partir para a América, permitam-me retornar por um breve momento a York, cidade da Inglaterra com ar medieval, acolhedora e pitoresca, além de ser um marco para nós, maçons, por ter sido uma cidade viking (citada no poema *Regius*), onde existiu a confraria de mercadores e outras dezenas de edifícios relacionados com a nossa Ordem. Nesse contexto, recomendo a leitura do Livro *The city of York, a Masonic guide*, do Irmão David Harrison.

York exala uma aura permissiva, que garante uma grande conexão com a Idade Média. Ao adentrar a cidade, passamos por sua extensa muralha, prova do trabalho em pedra de nossos antigos Irmãos. É possível ver, em determinadas partes, a construção em pedras elaborada pelos romanos e as camadas da muralha adicionadas pelos construtores dos povos seguintes, permitindo uma conexão com os pedreiros que trabalharam nessa fortificação.

As construções em pedra de templos, igrejas e edifícios são uma herança de nossos antepassados, mas é a imponente catedral de York que surpreende a todos como um marco na nossa história. Segundo David Harrison, "a cripta da Catedral de York serviu como sede para as cerimônias templárias e do Arco Real no ano de 1778, segundo os registros da Grande Loja de York".

Nenhuma pesquisa sobre a cidade de York poderia se iniciar sem a citação do livro *Eboracum: or, The history and antiquities of the city of York*, do Irmão Francis Drake. Sua narrativa muito bem fundamentada sobre a cidade começa com a apresentação do nome original de York, Eboracum, e sua relação com tribos antigas, até ser adotado oficialmente pelos romanos. A obra também traça a linha histórica romana, que deu identidade à cidade de York, e detalha os principais acontecimentos e descobertas.

Em seu relato, há um detalhamento de acontecimentos e pessoas que nos transporta ao passado e nos permite imaginar a vida em York e sua evolução.

Segundo David Harrison,

> Um dos primeiros locais que se declarou independente da Grande Loja da Inglaterra foi York, no dia 27 de dezembro de 1726, durante o discurso de Francis Drake na Merchant Adventurers' Hall, em que um novo título foi criado para a Grande Loja de York, denominando-a oficialmente como Grande Loja de Toda a Inglaterra.

Vemos, nesse trecho, uma referência ao Merchant Adventurers' Hall, construção já mencionada como a Guilda de Comerciantes de York. É inegável sua importância para a Maçonaria ao longo dos séculos, despontando agora como o local de fundação da Grande Loja Rival, que seria chamada de Grande Loja dos Antigos. Portanto, além

do fato histórico relevante, há também o nome "Antigos" associado à Maçonaria e à cidade de York.

Desde a sua ligação com a Ordem operativa e os trabalhos em pedra, chegando aos maçons que se reuniram para tomar o próprio destino em suas mãos e escrever seu nome na história ao fundar uma Grande Loja, York respira conhecimento. Podemos nos surpreender e nos fascinar com vários locais da cidade, como o Jorvik Viking Centre.

Esse museu é uma atração turística de York e apresenta a história da cidade durante a era viking. Localizado em uma das mais famosas e impressionantes descobertas arqueológicas modernas, o Jorvik Viking Centre foi estabelecido após a descoberta dos restos de um assentamento viking durante as escavações. Essa descoberta proporcionou uma visão notável sobre a vida dos povos nórdicos que viveram em York (então conhecida como Jorvik) há mais de mil anos.

Os visitantes têm uma experiência única, incluindo um passeio pela reconstrução de ruas da era viking, transportando todos ao passado. Há exibições de centenas de artefatos encontrados durante a escavação arqueológica e exposições que fornecem informações sobre a vida cotidiana dos vikings, incluindo seus ofícios, comércio, vida doméstica e cultura.

Em York, podemos encontrar curiosidades fascinantes, como o Printers Devil nº 33, em Stonegate, local que outrora serviu tanto como tipografia maçônica quanto ponto de encontro. Originalmente, sua fachada era adornada por uma estátua da deusa Minerva.

Contudo, após a associação do local com a Maçonaria se tornar publicamente conhecida – e em face de relatos exagerados de supostos rituais demoníacos ali realizados –, o proprietário, com um senso de humor peculiar à fraternidade, decidiu substituir a estátua da deusa pela de um diabo vermelho. Essa troca fixou o local na história da Maçonaria na cidade de York.

Stonegate, rua em que residiam tanto os maçons operativos quanto os especulativos e onde funcionavam as Lojas maçônicas, era um centro de atividade social, com seus *pubs* sempre cheios e fervilhantes.

York pode ser imaginada como um vibrante centro de comércio e propagação de ideias, um palco sobre o qual diversos capítulos da história foram desenrolados.

A Muralha de York e sua construção em diferentes épocas (2023).

Fonte: Foto do autor.

Salão dos mercadores, em York: lembra uma Sala de Loja (2023).

Subsolo da Catedral de York, Inglaterra (2023).

Printers Devil nº 33, em Stonegate, Inglaterra (2023).

Arte em prata na cidade de York – 300 anos de tradição (2023).

Fonte: foto do autor.

Catedral de Westminster, Londres (2023).

ANTES DE PARTIR

Um pensamento me surgiu agora (talvez o mesmo que, séculos atrás, tiveram os Irmãos que deixaram seus lares na Inglaterra e na Escócia e partiram para a América): será que um dia verei novamente esse país? Dito isso, e apesar de já ter escrito incontáveis linhas sobre a Inglaterra e a Escócia, sinto que pode ser interessante escrever mais algumas.

Neste livro, visei a demonstrar como surgiu o ofício operativo na Inglaterra e na Escócia, bem como a sua relação com o surgimento das guildas, que culminaram com o surgimento da Maçonaria Especulativa.

A nossa história como operativos provém de milênios e não se compara aos poucos séculos que existimos como especulativos. No entanto, ao considerarmos o quanto evoluímos como especulativos desde a primeiras guildas, passando pelas associações e reuniões em tabernas até a Maçonaria com Ritos e rituais próprios, como a conhecemos hoje, podemos fazer uma comparação interessante. Antigamente, nossos Irmãos cortavam as pedras com maço e cinzel, demorando às vezes dias para concluir o trabalho, enquanto, nos dias atuais, cortam-se as pedras com jato de água, o que leva apenas poucos minutos.

Se nossos relatos e documentos históricos sobre a Maçonaria Especulativa já são difíceis de encontrar, imaginem falar de Ritualística em Loja. Assim, mais uma vez, terei que adentrar o campo das ideias.

A Maçonaria na Escócia e na Inglaterra recebeu grande influência dos operativos e das ordens de cavalaria provenientes da Terra Santa. Contudo, ao longo dos séculos, os escoceses tiveram influência dos templários, que viram sua Ordem ser extinta na França e a preservaram em Rosslyn, na Escócia, tendo sido o construtor da capela de Rosslyn um proeminente nome na Maçonaria escocesa. Esse ramo trouxe uma carga de perseguições aos templários e decidiu-se deixar de lado os costumes e as ligações entre a Maçonaria e a Ordem do Templo.

Já a Inglaterra sempre foi influenciada positivamente pelas lendas dos cavaleiros e pelas ordens de cavalaria, adotando, inclusive, em seus Ritos, costumes e tradições dessas ordens, que sobrevivem até hoje nos rituais ingleses e norte-americanos.

A Ordem da Jarreteira é comparada ao símbolo do Avental de Aprendiz e também ao da Águia Romana. O nosso Sinal de Fidelidade vem da deusa romana Fides, mas também tem origem militar, proveniente da continência – que, por sua vez, descende da saudação feita entre os cavaleiros, que levantavam o elmo para demonstrar que não eram inimigos.

Portanto, podemos presumir que as Lojas que herdaram as práticas inglesas eram distintas das que herdaram as práticas escocesas.

Sempre houve uma grande rivalidade entre a Escócia e a Inglaterra e uma constante luta por poder e territórios, com exceção do período do reinado de James I, em que os escoceses tinham costumes e tradições bem distintas dos ingleses, até por suas origens.

A Escócia não foi tão afetada quanto a Inglaterra pelo Império Romano; não só a herança de tradições, mas também a miscigenação dos povos tornou as duas nações diferentes.

A Escócia, apesar de muitas vezes ter sido anexada pela Inglaterra (hoje, ambas fazem parte do Reino Unido), continuou muito independente. Assim, a Maçonaria escocesa, embora tenha sido exportada para a Inglaterra pelo rei James, desenvolveu-se de maneira independente.

A Maçonaria dos escoceses, ao chegar à França, teve que se adequar aos costumes franceses. Surgiram o Oriente e o Ocidente; os nobres e os plebeus podiam estar juntos em uma mesma Loja, porém, se sentavam em locais diferentes. Os nobres se sentavam no Oriente, enquanto os plebeus ficavam no Ocidente.

Ao trabalharem em um país com um rei que não conhecia essa nova fraternidade, tiveram que aceitar a introdução de um oficial do rei em suas Lojas. Um Guarda da Lei real foi incorporado ao Oriente de todas as Lojas e, com isso, a figura do Orador foi criada, no papel do Guarda da Lei do rei. Ao Guarda, era necessário relatar o que fosse discutido em Loja, e ele tinha poderes de, até mesmo, contrariar o Venerável Mestre, caso algum assunto ferisse a legislação ou atentasse contra a monarquia.

Foi na França que os princípios dos alquimistas e de demais ordens místicas foram incorporados à Maçonaria. Observamos a presença de uma câmara de temeridade, na qual o profano precisa vencer diversas provas para poder renascer como maçom, sendo exposto aos diversos elementos alquímicos que lhe são apresentados. Todo o ritual que se segue é uma jornada iniciática pelos elementos, a fim de vencer os obstáculos físicos, espirituais e de caráter, para conquistar o direito de ocupar um lugar no canto mais escuro da Loja e permanecer em silêncio até que mude a cor de seu avental.

Do Rito de Heredom, dos tempos de Robert de Bruce, da Ordem dos Cavaleiros Templários e da herança dos pedreiros, surgiu, na França, o Rito dos Escoceses Antigos e Aceitos, que se solidificou como Maçonaria filosófica, nos Estados Unidos, e só seria praticada novamente como Maçonaria simbólica ao retornar à França, após a Revolução Francesa.

Nesse momento crucial, após a Revolução Francesa, o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) estava diante do desafio de se adaptar às novas realidades sociais e políticas. Em resposta, adotou estrategicamente o lema revolucionário "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" como seu próprio, simbolizando um alinhamento com os ideais emergentes da época.

O REAA incorporou práticas modernas à Maçonaria simbólica, enriquecendo-a com uma dimensão contemporânea que, posteriormente, seria exportada para toda a Europa e alcançaria o Brasil.

A Inglaterra nunca recebeu os costumes escoceses nem absorveu as suas práticas. A evolução das guildas operativas e das sociedades de pedreiros misturou-se diretamente com as ordens de cavalaria, fazendo que os ideais da cavalaria, assim como os princípios da Terra Santa, fossem o lema inglês e se propagassem para a América do Norte.

O Amor Fraternal, proveniente do amor ágape, divisa máxima das ordens de cavalaria; o Alívio das necessidades dos Irmãos e o socorro aos necessitados, outro ideal da cavalaria; e a Verdade, presente em alguns juramentos de cavalaria, que incluíam a frase "fale sempre a verdade, mesmo que isso lhe leve à ruína, à destruição e à morte", foram os ideais sobre os quais a Maçonaria e os Ritos ingleses foram criados. Continuou-se a trabalhar em um único nível na Loja, sem divisões internas, utilizando referências militares como Leste e Oeste. O Rito que se estabeleceu ali estava baseado nos princípios das ordens de cavalaria e não seguia os princípios místicos dos Ritos franceses.

Foi na Inglaterra que surgiu o Grau de Mestre, pois, até aquele momento, só existiam dois Graus na Maçonaria, o Aprendiz e o Companheiro de ofício. Quem dirigia a Loja era chamado de Venerável Mestre, mas esse era só um posto momentâneo, ocupado por um Companheiro de Ofício que não mudava de Grau; ele apenas ocupava o cargo e, ao término do mandato, continuava o seu trabalho como Companheiro de Ofício.

A Philo Musicae et Architecturae Apolloni Society, fundada em 1725 e dedicada aos devotos das artes de Apolo (a música e a

arquitetura), emergiu como um refúgio para o intelecto e a criatividade, dando um novo sentido à fraternidade maçônica.

A criação da Sociedade de Apolo, como frequentemente é chamada, coincidiu com um período de efervescência cultural e intelectual na Europa. O Iluminismo, com seu ímpeto por conhecimento, racionalidade e beleza, encontrava um parceiro ideal na Maçonaria. Por sua vez, a Maçonaria, instituição já enraizada em princípios de fraternidade e moralidade e na busca pela luz do conhecimento, observava na Philo Musicae et Architecturae Apolloni Society a expressão mais pura de seus ideais estéticos e intelectuais.

Os membros dessa sociedade eram, em sua maioria, músicos maçons que compartilhavam um interesse profundo pelas artes. A música e a arquitetura não eram vistas apenas como formas de entretenimento ou técnicas profissionais; eram consideradas linguagens universais capazes de expressar verdades eternas sobre a humanidade e o cosmos.

A relação da Philo Musicae et Architecturae Apolloni Society com a Maçonaria era intrínseca e simbiótica. Ao mesmo tempo em que adotava rituais e símbolos maçônicos em suas atividades, a Sociedade também contribuía fornecendo músicos para as sessões maçônicas.

A criação do Grau de Mestre aconteceu quando a Philo Musicae et Architecturae Apolloni Society decidiu pedir autorização à Grande Loja da Inglaterra para conceder um Grau de distinção entre seus membros, pois alguns eram mais do que músicos, eram maestros.

Como todos os membros dessa sociedade consideravam os maestros músicos especializados, a Grande Loja da Inglaterra concedeu o Grau de Master, ou seja, de Maestro ou Mestre.

Várias outras Lojas que não eram compostas por músicos gostaram desse novo Grau e, ao mesmo tempo, não queriam ter Irmãos mais antigos e conhecedores de grandes mistérios com um título em Loja inferior ao título recém-criado. Dessa maneira, o Grau de Mestre espalhou-se rapidamente por todas as Lojas, e os mistérios do atual Grau de Companheiro de ofício foram repassados ao Grau de Mestre. Surgiu, então, a necessidade de criar uma simbologia para o Grau de Companheiro.

Essa tarefa foi atribuída aos membros maçons da Royal Society. Com isso, o Grau de Companheiro foi inundado de ciências, bem como de experimentação científica, com base nas artes liberais da época.

A Cerimônia de Iniciação ao Grau de Companheiro é chamada de Passagem, já que a Elevação se encaixa melhor ao Grau de Mestre, uma vez que estes são elevados de onde estavam para ressurgir como novos seres. Já a passagem de Aprendiz a Companheiro é uma cerimônia marcada pelo ingresso do Aprendiz em um novo mundo, que deve ser construído. Após a sua passagem, isto é, quando o Aprendiz se torna Companheiro, uma escada lhe é apresentada, sendo dever dele percorrê-la, detendo-se em cada degrau e estudando os conhecimentos ali revelados.

O termo passagem tem origem judaica e provém de *Pesach*, que significa, para os judeus, "a passagem", em referência à peregrinação pelo deserto rumo à Terra Prometida de Jerusalém. Os cristãos usaram o mesmo termo *Pesach* para criar uma festa cristã, à qual deram o nome de Páscoa, que comemora a passagem do estado humano de Jesus para o estado divino, dada pela sua ressurreição.

Não poderíamos falar da Royal Society ou do Grau de Mestre sem falar de *Sir* Christopher Wren, personagem cujas contribuições transcenderam as fronteiras entre a ciência, a arte e a arquitetura, moldando o panorama físico e intelectual da Inglaterra. Wren, além de maçom e arquiteto, era um verdadeiro renascentista, cujas curiosidade insaciável e genialidade o levaram a explorar e inovar em campos tão diversos quanto a astronomia, a geometria e a física.

A fundação da Royal Society, da qual Wren foi membro fundador e posteriormente presidente, marcou um ponto de virada na história da ciência. Esse fórum para o intercâmbio de ideias científicas ajudou a pavimentar o caminho para a revolução científica, com Wren no coração de um círculo de intelectuais que incluía figuras como Robert Boyle, John Locke e Isaac Newton. Os trabalhos de Wren, reconhecidos e citados por contemporâneos como Newton e Blaise Pascal, refletem a profundidade de sua contribuição para o avanço do conhecimento humano.

Sob esses ideais, surgiu o Craft inglês (trabalho ritualístico), bem como os Ritos dos Antigos e Modernos, fundamentados nas artes e nas ciências. Os que recebiam a luz da Maçonaria eram recebidos em

uma sala de preparação e ali se encontravam durante poucos momentos, para que fossem orientados a respeito de sua admissão. O Candidato era, então, conduzido por um guia, que lhe oferecia amor fraternal em todos os momentos, aliviava quaisquer angústias e oferecia a verdade em todos os procedimentos. Logo após realizada a sua Obrigação com a Loja, com os Irmãos e, principalmente, com Deus, o Candidato era presenteado com um emblema de dignidade tão honroso como a Ordem da Jarreteira e lhe eram apresentadas as suas ferramentas de trabalho: a Régua de 24 Polegadas e o Martelo de Corte.

Friend to Friend Masonic Memorial is a Gettysburg Battlefield Monumento, Gettysburg (1993).

A MAÇONARIA NA AMÉRICA DO NORTE

A primeira menção à Maçonaria norte-americana, assim como muitos eventos da nossa Ordem, não tem uma data exata. Sabe-se que Jonathan Belcher, natural de Cambridge, Massachusetts, e futuro governador das colônias de Massachusetts e New Hampshire, foi iniciado maçom em Londres no ano de 1704, participando da fundação de Lojas e da expansão da Maçonaria norte-americana.

Em 5 de junho de 1730, a Grande Loja da Inglaterra, por meio do duque de Norfolk, nomeou o maçom Daniel Coxe como Grão-Mestre provincial para Nova York, Nova Jersey e Pensilvânia, marcando o primeiro reconhecimento maçônico em solo norte-americano.

A Grande Loja da Pensilvânia mantém registros que a estabelecem como a atividade maçônica norte-americana mais antiga, de dezembro de 1730, época em que Benjamin Franklin se filiou.

Embora haja menções em jornais da época, não existem registros formais anteriores a 1730 na América. Assim, considera-se seguro afirmar que a Maçonaria norte-americana começou a se organizar formalmente a partir desse ano.

A primeira Grande Loja de maçons na América do Norte foi organizada em 30 de julho de 1733 por Henry Price, um alfaiate de Boston que recebeu autoridade do lorde Montague, Grão-Mestre da Inglaterra, para esse propósito.

Essa Grande Loja de Boston funcionava anexa à taberna de propriedade de Edward Lutwyche, conhecida como *Sign of the Bunch of Grapes*, situada na King Street.

Em 1736, a Loja Salomon nº 1, de Charleston, no estado da Carolina do Sul, realizou sua primeira reunião. Em 1738, há evidências de atividades maçônicas nas cidades de Savannah, Geórgia e Nova York. Em 1769, foi fundada a Grande Loja de Massachusetts, com apoio da Grande Loja da Escócia.

A maioria das Lojas norte-americanas surgiu sob a égide das Grandes Lojas da Inglaterra, Escócia e Irlanda, embora outras Grandes Lojas, como as da Alemanha e da França, também tenham concedido cartas patentes.

As Lojas Militares Britânicas e suas viagens foram cruciais para a disseminação da Maçonaria pela América do Norte, introduzindo civis nas cidades onde estavam estacionadas.

A rivalidade entre a Grande Loja dos Antigos e a Grande Loja dos Modernos foi importada da Inglaterra, levando à existência de Grandes Lojas concorrentes em muitos estados norte-americanos.

Em 1757, a Loja São João nº 1, de Nova York, foi autorizada pela Grande Loja dos Modernos, de Londres, tornando-se a primeira Loja na área com autoridade para eleger membros e conferir os três Graus simbólicos. Esse evento marca um momento crucial na história maçônica de Nova York, estabelecendo a presença formal da Maçonaria na região.

Nesse momento histórico norte-americano, sucedeu-se a Declaração de Independência de 1776, redigida, em grande parte, pelo Irmão Thomas Jefferson, que declarou a separação das treze colônias norte-americanas do domínio britânico. Isso foi seguido pela Guerra Revolucionária Americana (1775-1783), que culminou na vitória das colônias e na confirmação de sua independência.

Após essa guerra, foi redigida, em 1787, a Constituição dos Estados Unidos da América (EUA), que estabeleceu o sistema de governo e os princípios pelos quais a nação seria regida. A Carta de Direitos, ou *Bill of Rights*, composta por dez emendas à Constituição, foi adicionada em 1791, a fim de garantir certos direitos individuais e limitar o poder do governo federal.

O Irmão George Washington foi eleito o primeiro presidente dos Estados Unidos, em 1789, e desempenhou um papel crucial na liderança do país durante seus primeiros anos. O Irmão Benjamin Franklin também foi uma figura proeminente, ficando conhecido por suas contribuições científicas, diplomáticas e políticas. O Irmão Samuel Adams foi um dos líderes dos Filhos da Liberdade (*Sons of*

Liberty), grupo que defendia os direitos das colônias norte-americanas e que exerceu uma função importante na agitação pré-revolucionária.

A fundação da Grande Loja de Nova York, em 1782, autorizada por um grande mandado provincial da Grande Loja dos Modernos de Londres, representou um passo significativo no desenvolvimento da Maçonaria na América do Norte. A nomeação de Robert Livingston como Grão-Mestre, em 1784, e seu papel na cerimônia de posse do presidente George Washington, em Nova York, usando a Bíblia de uma Loja maçônica, ilustrou a influência maçônica nas esferas cívicas e políticas da época.

A independência da Grande Loja de Nova York, em 1787, é um símbolo da crescente autonomia e do desenvolvimento da Maçonaria norte-americana.

Esse ato de independência reflete não apenas as tendências políticas da época, mas também a maturidade e a singularidade da Maçonaria nos EUA, pronta para trilhar seu próprio caminho.

O texto do Irmão Allen E. Roberts, produzido para a Grande Loja de Nova York, conta a história de Thomas Smith Webb, considerado o pai do Ritual nos EUA.

> Thomas Smith Webb foi uma figura proeminente na história da Maçonaria nos EUA e deixou um legado significativo por meio de suas contribuições para o desenvolvimento e a padronização dos rituais maçônicos no país. Seu interesse precoce no Ritual maçônico

> o levou a uma busca incessante por conhecimento e aprimoramento, resultando na publicação de sua obra-prima, "The Freemason's Monitor", em 1797. [tradução e interpretação livres]

Inspirado no trabalho de William Preston, Webb adaptou e expandiu os rituais maçônicos para atender às necessidades da Maçonaria norte-americana.

Seu legado perdura até hoje, com muitos dos rituais e ensinamentos que ele desenvolveu ainda sendo praticados e estudados nas Lojas maçônicas dos EUA. A influência de Thomas Smith Webb na Maçonaria norte-americana é inegável, e sua contribuição para a padronização e o aprimoramento dos rituais maçônicos é amplamente reconhecida e valorizada.

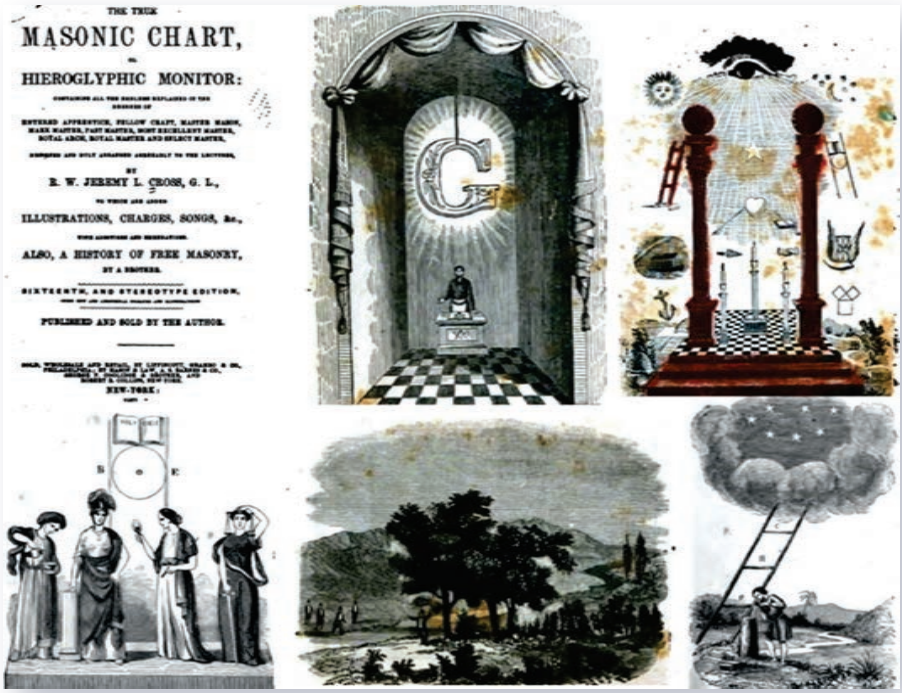
Jeremy Ladd Cross atuou de maneira significativa na continuidade e expansão do legado deixado por Thomas Smith Webb na Maçonaria norte-americana. Sucedendo Webb como principal ritualista, Cross foi responsável por uma inovação notável, concretizada por sua obra *Hieroglyphic Monitor*, publicada em 1819.

Ao incorporar gravuras elaboradas por Amos Doolittle, Cross facilitou o processo de Aprendizado para os maçons, fornecendo uma representação visual dos símbolos.

A obra de Jeremy Ladd Cross, assim como a de Thomas Smith Webb, foram indispensáveis para a evolução e a disseminação da Maçonaria nos EUA. Sua contribuição para o desenvolvimento de recursos educacionais e de rituais acessíveis continua a impactar positivamente a fraternidade maçônica até os dias atuais.

A união das correntes maçônicas inglesas, culminando na formação da Grande Loja Unida da Inglaterra, assinalou um momento decisivo, no qual importantes resoluções foram adotadas pelas, até então, rivais. Entre essas resoluções, destacou-se a inclusão do Arco Real como um Grau complementar ao de Mestre, estabelecendo-se como um elemento simbólico paralelo.

Outro aspecto significativo foi a decisão de abolir um Rito oficial único na Inglaterra, dando origem a uma diversidade de rituais. Assim, cada Loja ganhou a liberdade de adotar o Ritual que melhor atendesse às suas necessidades, surgindo, então, o Taylor, o Bristol, o Standard, o Emulation e outros.



Obra *Hieroglyphic Monitor*, com gravuras de Amos Doolittle.

Fonte: Linford Lodge of Research Resource - https://linfordresearch.info.

A Maçonaria estabelecida nos EUA teve origens diversificadas, chegando ao território norte-americano por meio de Lojas militares e civis, com membros provenientes da Escócia, Irlanda, York, Londres, Antigos e Modernos. Isso conferiu à Maçonaria norte-americana um caráter bastante eclético, assemelhando-se a uma colcha de retalhos de tradições.

Após a independência dos EUA, as Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda cessaram suas atividades, levando a Grande Loja dos Modernos a predominar na maioria dos estados, com poucas ainda ligadas aos Antigos. Com o passar do tempo, toda a Maçonaria dos EUA estaria ligada apenas aos Modernos – e, mesmo assim, somente por um breve período, pois, assim como o país, ela se tornaria independente.

Essa independência deu espaço para a formação de um novo método de trabalhar em Loja, retirando alguns costumes ingleses e adicionando alguns norte-americanos, porém, mantendo a essência original. Esse novo método foi denominado Craft e, posteriormente, passou a ser chamado de trabalho das Blue Lodges; hoje, é conhecido por nós brasileiros como Rito de York.

O Rito de York caracteriza-se por sua singularidade, com ênfase em aspectos militares e na expressão da liberdade. As Lojas operam em um plano único, com diretrizes e circulação de natureza militar, simbolizando um compromisso com a ordem e a disciplina.

A continência, precursora do Sinal de Fidelidade, a presença do Capelão e a figura do Marechal refletem a integração de elementos militares na prática maçônica.

Um Capelão no Exército: ele tem uma função semelhante em Loja.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4.

O Marechal com seu bastão direcionando as tropas. Seu papel é semelhante à função do Marechal nas procissões em Loja.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4.

Nesse contexto, a flexibilidade é uma marca do Rito de York, permitindo que os trabalhos maçônicos se realizem tanto em templos quanto em salas comuns, sem exigências de ornamentação específica. O essencial é a presença das três grandes luzes da Maçonaria: o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, cuja consagração, unida à sua Carta Constitutiva, emitida por uma Potência Regular, simboliza a capacidade de uma Loja de conduzir seus rituais em qualquer lugar.

O Irmão Harry Carr, no dia 7 de maio de 1976, proferiu um discurso na Victoria Lodge of Education and Research com o título "*Six Hundred Years of Craft Ritual*".

No início de seu discurso, ele faz uma referência muito bem-humorada, dizendo que alguns Irmãos acreditam que o nosso Ritual é mais sagrado do que a Bíblia, sendo comparável às Tábuas da Lei de Moisés, recebidas diretamente de Deus. Além disso, ele afirma que, segundo esses crentes, é provável que o Ritual tenha sido escrito por Salomão, que o praticava em sua própria Loja e que chegou imutável até nós. Ele também brinca que, embora fosse judeu, Salomão teria escrito o Ritual em inglês, não sendo necessária uma tradução.

O Irmão Harry Carr traça uma linha do tempo por meio de documentos que viriam a ser a base de nossos rituais até os dias atuais. Ele afirma que tudo começou em 1356, quando foram instituídos regulamentos por uma comissão londrina, dizendo que qualquer pedreiro que se mostrasse qualificado para um trabalho poderia realizá-lo. Desse documento, surgiu, alguns anos mais tarde, a primeira organização formal de maçons operativos, a London Masons Company.

Em seguida, Carr cita os manuscritos antigos em que aparecem referências à arte dos maçons: o poema *Regius*, de 1390, e o *Manuscrito Cooke*, de 1410.

Alguns documentos tratam da admissão de novos membros, informando que estes devem fazer um juramento sobre um livro sagrado, apresentado por um dos antigos Irmãos. O Irmão, então, deve jurar proteger a arte e os Irmãos, honrar o ofício e ser fiel ao seu Mestre.

A evidência mais antiga sobre um catecismo de Aprendiz ou uma série de perguntas e respostas sobre o Grau é encontrada em 1696, no texto conhecido como *Manuscrito da Casa de Registro de Edimburgo*.

No ano de 1702, um pequeno grupo de cavalheiros escoceses – composto por *sir* John Pringle de Hoppringle; *sir* James Pringle, seu Irmão; *sir* James Scott de Gala, de Galashiels, seu cunhado; além de outros cinco vizinhos que se uniram – decidiu formar sua própria Loja na vila de Haughfoot, perto de Galashiels. O livro de relatos de suas sessões descreve os detalhes da abertura da Loja e questões do cotidiano. Provavelmente, é o mais antigo livro de ata de uma Loja a que temos acesso.

Em 1700, surgiu o *Manuscrito Sloane*, e, logo em seguida, o *Manuscrito Dumfries*, datado de 1710.

Outro manuscrito em que aparece parte das perguntas e respostas e descrições de atos em uma Loja é o *Manuscrito Graham*, de 1726.

Lembram-se meus Irmãos da sociedade musical, que deu origem ao Grau de Mestre? O Irmão Harry Carr conseguiu um relato dessa sociedade, o qual transcrevo: "Em 12 de maio de 1725, o Irmão Charles Cotton e Irmão Papillon Ball eram regularmente aprovados como *Masters*".

Na Loja Dumbarton Kilwinning, de 1726, há o relato de que "Gabrael Porterfield apareceu na reunião como companheiro, foi admitido por unanimidade, recebeu o título de Mestre, renovou seu juramento e entregou o dinheiro do ingresso na Ordem".

Nessa época, na Inglaterra e na França, apareceram muitas publicações descrevendo perguntas e respostas e detalhes dos acontecimentos em Loja. Por isso, podemos dizer que foi entre os anos de 1730 e 1790 que o nosso Ritual ganhou a roupagem que veríamos tão bem-organizada e documentada por Thomas Smith Webb, que publicou sua obra *Monitor* com base no livro do maçom inglês William Preston, intitulado *Illustrations of Masonry*. *Monitor,* de Webb, adaptado ao Ritual norte-americano, tornou-se o guia pelo qual os rituais seriam seguidos e preservados.

Segundo o Irmão Samuel Lloyd Kinsey, temos 4 partes distintas em nossos rituais: (1) o trabalho físico, que se refere àquele executado na sala da Loja, durante o Ritual; (2) o trabalho secreto, que são sinais, toques e palavras dos Graus maçônicos; (3) o trabalho esotérico, que são as informações somente repassadas aos iniciados em cada Grau; e

(4) o trabalho exotérico, que são os elementos do Ritual que não são explicitamente designados como secretos, pois há partes do texto do Ritual que são efetivamente públicas, como a Apresentação do Avental e as Ferramentas de Trabalho.

Nem tudo em nosso Ritual é secreto ou privado, pois, segundo o Irmão Samuel Lloyd Kinsey, "a maioria de todo o trabalho exotérico estava disponível ao público antes mesmo de ser incorporado ao ritual maçônico".

Se olharmos atentamente para as obras de Preston e Webb, elas não se tratam de rituais ou descrições ritualísticas; são obras que contam a história da Maçonaria, dão o entendimento moral e falam de alguns símbolos.

Além disso, ainda segundo o Irmão Samuel Lloyd Kinsey:

> Esses escritores geralmente se baseavam fortemente em obras publicadas anteriormente sobre assuntos maçônicos e profanos. Thomas Smith Webb adaptou do autor maçônico William Preston, que adaptou do autor e arquiteto inglês Isaac Ware, que adaptou do arquiteto renascentista italiano Palladio, que adaptou do antigo arquiteto romano Vitruvius.

O Irmão Bernhard Hoff, em seu trabalho *As cinco eras do desenvolvimento do Ritual maçônico*, descreve sua experiência pessoal sobre

o Aprendizado e explica a premissa de que nosso Ritual é imutável. No entanto, depois de muitos estudos, ele entendeu que nosso Ritual muda e evolui. De acordo com Hoff:

> A Grande Loja emite esclarecimentos todos os anos e meus Irmãos mais experientes apontaram algumas mudanças significativas no Ritual de Nova Jersey, especialmente a partir do final dos anos 1960. Além disso, ao viajar e frequentar Lojas em outras jurisdições, descobri que o ritual maçônico não é uniforme de um lugar para outro e, de fato, pode variar consideravelmente.

Para Hoff, as cinco eras do desenvolvimento do Ritual maçônico são, de forma resumida: (1) a era operativa, que se refere ao período em que o ritual estava nas mãos dos maçons operativos; (2) a era da taberna, período em que maçons especulativos se reuniam em salas alugadas em tabernas; (3) a era moralizante, na qual ocorreu a introdução de simbolismo moral e da instrução em nossas cerimônias; (4) a era das palestras, quando vários instrutores promoveram suas versões particulares do trabalho; e (5) a era da padronização, marcada por esforços para criar um ritual uniforme.

Ao analisarmos o trabalho do Irmão Bernhard Hoff, entendemos essas etapas não como divisões, mas, sim, como etapas consecutivas na formação do nosso ritual. A ideia central é que essa falta de padronização, em vez de ser algo assustador, é, na verdade, algo primordial

na terra da liberdade, que permite aos estados desenvolverem os seus trabalhos conforme as suas particularidades.

Sobre os trabalhos norte-americanos serem somente no Grau de Mestre, essa modalidade nem sempre foi assim nos EUA. Essa mudança, bem como outras, aconteceram após a Convenção Maçônica de Baltimore, em 1843.

O Irmão Allen E. Roberts, em seu trabalho *The Convention That Changed the Face of Freemasonry* (A Convenção que Mudou o Rosto da Maçonaria), descreve uma resolução adotada pela Grande Loja do Alabama, solicitando que todas as Grandes Lojas enviassem um delegado à cidade de Washington, na primeira segunda-feira de março de 1842, com o propósito de determinar um modo uniforme de trabalho em todas as Lojas dos Estados Unidos, bem como fazer outras regulamentações legais para o interesse e segurança da Ordem.

Na conferência, foram designados quatro comitês distintos: (1) Assuntos Financeiros; (2) Tratados de Reconhecimento; (3) Trabalhos Ritualísticos; e (4) Condução das Instruções.

O Comitê considerou uma impropriedade realizar sessões em Lojas abaixo do Grau de Mestre Maçom, exceto quando se tratava de conferência dos Graus inferiores e suas respectivas instruções.

Diversas outras legislações e conclusões derivaram dessa convenção e logo as Grandes Lojas mudaram suas leis para se adequar às recomendações desse comitê.

Essa convenção alterou a estrutura organizacional da Maçonaria norte-americana e suas práticas, refletindo no modo em que os trabalhos em Loja seriam conduzidos nos séculos seguintes.

Grande parte da história da Maçonaria e dos procedimentos ritualísticos adotados veio das Lojas militares.

Aos Irmãos que desejarem conhecer mais sobre as Lojas militares e como elas influenciaram a formação da Maçonaria norte-americana, recomendo o excepcional trabalho do Irmão H. LLoyd Wilkerson (*major general*, USMC Ret): *A história das Lojas Militares na Maçonaria*. Reproduzo, a seguir, alguns pequenos trechos, apenas para que tenham uma ideia:

> A maior parte da minha vida adulta foi passada como fuzileiro naval de carreira a serviço do meu país [...]. Ouvi histórias sobre Irmãos maçons, servindo em exércitos opostos, que pouparam uns aos outros da morte ao serem reconhecidos como Irmãos de fraternidade. Essas histórias prevalecem na história da revolução americana, na guerra civil americana e na Primeira Guerra Mundial [...]. O primeiro registro da formação de um maçom na Inglaterra (mas não em uma Loja inglesa) foi em 1641, quando o general Hamilton e certos Mestres e outros da Loja de Edimburgo se reuniram em Newcastle, Inglaterra, e admitiram o reverendo Robert Moray, general quartermaster do Exército da Escócia [...]. Nosso Irmão general George Washington foi feito maçom na Loja Fredericksburg, em 1752 [...]. A primeira autorização parece ter sido feita pela Grande Loja da Escócia, em 1743, quando, por recomendação do Conde de Kilmarnock,

> Grão-Mestre, a primeira Loja Militar foi criada. Em 1760, devido ao longo conflito com os franceses, do qual participaram muitos regimentos da Inglaterra, aceleraram enormemente o crescimento da Maçonaria Colonial [...]. O estalajadeiro da Tun Tavern, Samuel Nicholas, era membro da Loja e mais tarde tornou-se seu segundo vigilante. Ele foi nomeado capitão de fuzileiros navais pelo presidente do Congresso Continental, em 1775.

Voltando à evolução da prática Ritualística e à consolidação da Grande Loja de Nova York, vemos um detalhe interessante apresentado no texto *The Development of our Ritual* (O Desenvolvimento do Nosso Ritual), escrito pelo Irmão William A. Wall, em que ele fala especificamente sobre o simbolismo do Grande Selo da Grande Loja de NY:

> Aqueles de vocês que notaram e consideraram o simbolismo expresso no Grande Selo da Grande Loja de Nova York podem ter se perguntado por que o selo da GLNY consiste puramente em símbolos do Arco Real. O Selo da Grande Loja de Nova York é quase idêntico ao da Grande Loja da Inglaterra, que lhe deu origem.

Seal of the Grand Lodge of All England - York - 1766

Grande Loja da Inglaterra - 1717

The George Washington Masonic National Memorial, Alexandria (2017).

No Ritual da Grande Loja de Nova York, há a influência da obra *Monitor*, de Webb, que gera diversos rituais com uma descendência distinta.

O Irmão Samuel Lloyd Kinsey, em seu trabalho *A Brief History of Masonic Ritual in New York Through the Sources* (Uma Breve História do Ritual Maçônico em Nova York através das Fontes), afirma:

> Sobre os primeiros anos é que as Lojas do interior, no final do século XVIII e início do século XIX, eram em grande parte descendentes da chamada Grande Loja dos Modernos, enquanto as Lojas da cidade eram principalmente descendentes dos Antigos – uma diferença refletida tanto na perspectiva política quanto na prática Ritualística. Esse é um bom ponto de partida como qualquer outro, e a narrativa a seguir tentará traçar um histórico amplo do Ritual de Nova York através da lente dos documentos fonte mais importantes comumente disponíveis.

Ele continua discorrendo sobre os monitores (oficiais ou não) que foram usados pela GLNY, bem como a respeito das fontes de informações disponíveis na época.

Com esse texto, é possível traçar uma linha de formação de nossos rituais, começando com as suas versões inglesas e com base em três obras distintas, apontadas pelo Irmão Kinsey: *Masonry Dissected*,

de 1730; *Three Distinct Knocks* e *Jachin and Boaz*, ambos lançados em 1760. Essas obras abrangiam catecismos e instruções ritualísticas.

Nos EUA, houve, durante muito tempo, uma grande controvérsia em relação aos rituais, pois ainda estavam presentes exemplares descendentes dos escoceses, irlandeses, Antigos e Modernos. Além disso, alguns Irmãos norte-americanos tentavam criar seus próprios rituais e instruções com base em Preston e Webb.

Um trabalho sério e reconhecido pela GLNY foi o do Irmão Charles Whitlock Moore, que, em 1846, lançou *The Masonic Trestle-board*, cuja intenção era difundir as diretrizes da Convenção Maçônica de Baltimore de 1843.

Sobre isso, o Irmão Kinsey comenta:

> O primeiro monitor sancionado pela Grande Loja de Nova York foi "The Freemason's Handbook", compilado pelo grande palestrante William H. Drew e aceito pela Grande Loja em 1860. "The Freemason's Handbook" é, portanto, a primeira fonte definitiva que estabelece as partes exotéricas do Ritual de Trabalho Padrão e das Instruções. O último monitor de Ritual da Grande Loja de Nova York foi compilado pelos "Custodians of the Work" e publicado até 1960. Começando em 1960, a Grande Loja de Nova York começou a publicar o livro de Ritual "The Standard Work and Lectures", contendo o Ritual completo para a abertura e fechamento da Loja e, com uma ou duas exceções, o Ritual de Nova York de hoje é o mesmo que era há cinquenta anos.

Dessa maneira, o Rito de York, como o conhecemos hoje, tem raízes profundas que se estendem até a cidade de York e a Escócia. No entanto, foi concebido em 1960 de forma definitiva, mantendo-se inalterado desde então. Podemos dizer que o *Craft* praticado atualmente pelas Blue Lodges norte-americanas, que chamamos de Rito de York, teve o seu início como um Rito simbólico e com Ritualística própria a partir do ano de 1960, se seguirmos como guias os Irmãos da Grande Loja de Nova York.

Isso nos dá uma ideia do trabalho que foi realizado pelos Irmãos da Grande Loja de Nova York na construção de seu Ritual e das bases nas quais foi fundamentado o Rito de York.

O Irmão Richard C. Friedman promoveu, no âmbito da Grande Loja de Nova York, uma atualização no modo de se ver, estudar e desenvolver o Ritual. Segundo Friedman, "nosso Ritual é o catalisador para o pensamento maçônico, filosofia e o entendimento da história maçônica". Além dos objetivos lançados e o revolucionário método de ensino aplicado, ele formou um grupo de trabalho chamado de *Custodians of the Work*, que, em 2012, formou o Ritual Renaissance Program (RRP). De acordo com o Irmão Richard:

> O RRP é projetado para fornecer sugestões de "melhores práticas" em relação ao Ritual e seu significado e ajudar todos os nossos Irmãos a executar o trabalho com excelência. O Comitê RRP entendeu que a Maçonaria e a profundidade do pensamento maçônico não são autoextraídos nem imediatos. Uma das missões fundamentais do RRP é que nossos Irmãos entendam que o ensino e a discussão

> do "significado" dessas inúmeras e inestimáveis passagens rituais têm uma importância igual no ensino da apresentação correta e precisão das palavras.

A Grande Loja de Nova York é uma disseminadora de conhecimentos, permitindo o uso de seus rituais por dezenas de outros países e formando maçons em suas *Lectures*, que podem ser traduzidas como conferências para o aprimoramento do Rito.

A Grande Loja de Nova York é a referência norte-americana para a prática do Rito de York. O Grande Oriente de Santa Catarina e a Secretaria do Rito de York, a qual tive a honra de liderar de 2020 a 2023, alinharam a prática de seus rituais e utilizaram seu conhecimento e sua experiência para desenvolver e aperfeiçoar as práticas ritualísticas.

Sobre rituais e ritualística, posso dizer que tínhamos uma noção totalmente diferente do Rito até irmos a Nova York, nas *Lectures*, e conhecer o Irmão Richard Friedman, Grande Instrutor da GLNY. Ele nos explicou o Ritual, o que fez nos apaixonarmos pelo desenvolvimento ritualístico, e abriu os arquivos da GLNY, o que nos possibilitou evoluir em nossos estudos.

Richard Friedman nos disse:

> É através da exemplificação do Ritual em nossas vidas diárias que atraímos os homens para a arte. As lições nele contidas, quando bem ensinadas, os mantêm maçons para o resto da vida. É hora de voltar aos fundamentos do orgulho em nosso trabalho e aceitar desafios como homens, respondendo ao chamado da arte para o autoaperfeiçoamento. Estamos numa jornada séria, juntamente com uma missão séria: garantir que a forma mais fundamental de educação maçônica, o Ritual, seja realizada com o máximo esforço e habilidade [...]. O Ritual é a parte mais importante que temos em uma Loja. Ele é um tesouro que age de forma mecânica para nos manter unidos.

Essa busca pela excelência da GLNY nos motiva e é o que fez o Grande Oriente de Santa Catarina e a Secretaria do Rito de York investirem seu tempo, esforço e dedicação na criação de seus rituais.

Esses rituais foram construídos ao longo de uma história iniciada antes que tivéssemos o reconhecimento da Grande Loja de Nova York. Mais adiante, falarei sobre isso, sob a minha perspectiva, pois, também fiz parte da história da criação dos rituais no GOSC.

No entanto, antes disso, permitam-me expor como tudo começou para nós no Brasil.

Representação de uma Loja no Rio de Janeiro em meados de 1800.

Fonte: Inteligência Artificial – https://openai.com/gpt-4.

BRASIL

Para entendermos a chegada do Rito de York ao Brasil, é necessário contar a história também da chegada das primeiras Lojas de língua inglesa.

A primeira notícia que temos de um Ritual inglês no Brasil foi o da Orphan Lodge, fundada em 1837 por ingleses no Rio de Janeiro e ligada diretamente à Grande Loja Unida da Inglaterra. A Orphan Lodge trabalhava com um Ritual em inglês da Inglaterra, que nada tinha a ver com o Rito de York dos EUA. Várias outras Lojas inglesas funcionaram no Brasil, sem nenhum vínculo com a Maçonaria brasileira; a última diretamente ligada à Inglaterra foi a Southern Cross Lodge, que abateu colunas (deixou de existir) em 1873.

O Rito de York dos EUA chegou no Brasil em 1872, com a Loja Vesper, na cidade do Rio de Janeiro, filiada ao Grande Oriente dos Beneditinos (formado após uma cisão do Grande Oriente do Brasil – GOB). A Loja Vesper durou apenas dois anos, mas foi a primeira a trabalhar com o Rito de York dos norte-americanos, sob autorização da Grande Loja de Wisconsin.

Em seguida, em 1874, foi fundada a Washington Lodge, também filiada ao Grande Oriente dos Beneditinos, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, em São Paulo. Foi fundada por maçons norte-americanos

que migraram para o Brasil por ocasião da Guerra Civil nos Estados Unidos. Essa Loja trabalhava de forma oral, sem uso de Ritual e no Grau de Mestre. Foi a mais importante e sólida presença do Rito de York no Brasil e até hoje sobrevivem relatos e marcas de sua presença.

Em 1880, o Grande Oriente do Brasil obteve seu reconhecimento pela Grande Loja Unida da Inglaterra. Em 1883, o Grande Oriente dos Beneditinos, enfraquecido, se uniu novamente ao GOB, levando suas Lojas. Com isso, o Rito de York norte-americano adormeceu no Brasil.

Em 1891, no Rio de Janeiro, foi fundada a Eureka Lodge, que marcou a chegada, mais uma vez, de Lojas inglesas (da Inglaterra) ao nosso país. No entanto, desta vez, elas eram ligadas ao Grande Oriente do Brasil, e não diretamente à Inglaterra.

Nesse momento, o GOB passou a ter Lojas trabalhando com o *Craft* inglês. O manual trazido ao Brasil foi o "Emulation", com o Ritual de Emulação.

Em 1912, o GOB fez um tratado com a Grande Loja Unida da Inglaterra para divulgar os rituais ingleses no Brasil. Assim, estava autorizada a formação do Grand Council of Craft Masonry in Brazil.

Colunas da Washington Lodge.

Fonte: www.museujosebonifacio.org.br.

O retorno do Rito de York norte-americano proveniente da Grande Loja de Nova York aconteceria por meio dos Capítulos do Real Arco. No ano de 1993, Irmãos ligados à Grande Loja do Paraná fundaram o Capítulo de Jerusalém de Maçons do Real Arco, no qual foram iniciados Irmãos que, posteriormente, fundaram o Capítulo José Guimarães Gonçalves.

Outros Capítulos foram estabelecidos ao longo do tempo, culminando na fundação do Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, em 2001, com sede no Rio de Janeiro, RJ.

No ano de 2000, maçons brasileiros de Nova York, com autorização da GLNY, fundaram a Brazilian Lodge nº 1182, que trabalha no templo da GLNY.

Em 2003, uma Loja maçônica foi fundada no Brasil e recebeu os manuais traduzidos vindos diretamente da Brazilian Lodge, de Nova York: era a Loja Phoenix n° 30, e jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do estado de Rondônia. Esses Irmãos praticavam o *Craft*, o Ritual das Blue Lodges.

Vejamos a explicação extraída diretamente do *site* da Loja:

> A Loja Phoenix nº 30 trabalha no Rito de York desde sua fundação, sendo a primeira Loja de Rondônia e a segunda do Brasil a adotar o Rito de York, sendo isso possível através de intercâmbio maçônico

com a Brazilian Lodge nº 1182 Free & Accepted Masons, filiada à Grand Lodge of State of New York – a qual, no processo de fundação da Loja Phoenix nº30, forneceu todos os rituais devidamente traduzidos para a língua portuguesa e o suporte Ritualístico da diretoria da Brazilian Lodge nº 1182.

O Real Arco e sua expansão, juntamente com o contato com os Irmãos norte-americanos, trouxeram ao Brasil importantes avanços. Edmund "Ted" Harrison (*in memoriam*) foi um dos grandes faróis de conhecimento e dedicação à maçonaria e à sua expansão. Reconhecido como um grande amigo da Maçonaria Brasileira, ele deixou um legado significativo. Esses contatos garantiram ao Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil a autorização oficial da Grande Loja de Nova York para a utilização de seus rituais em nosso país.

Foi o Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro que liderou a tradução e a adaptação dos rituais às condições brasileiras, inclusive, com a criação dos manuais de Aprendiz e Companheiro, já que, nos EUA, só se trabalhava em Grau de Mestre; essas decisões foram aprovadas pela Grande Loja de Nova York. Vários Irmãos auxiliaram nessa tradução, mas foi a energia, a disposição e a busca incessante por conhecimento do Irmão João Guilherme que concretizaram a presença do Rito de York norte-americano no Brasil, transformando o sonho em realidade.

Em 2009, a tradução do manual *The Masonic Rituals for use of Free and Accepted Masons in New York* foi enviada para as Potências estaduais. Como a parte filosófica desse Rito também é conhecida nos EUA dessa forma, decidiu-se adotar o nome de Rito de York.

Nesse momento histórico, várias Potências brasileiras passaram a adotar o Rito de York em sua versão norte-americana da Grande Loja de Nova York. Foi criada, então, uma estrutura central do Rito no país, com o suporte do Grande Capítulo de Maçons do Real Arco, que já provia, há muitos anos, o suporte ao Real Arco no Brasil.

Foi criado também o sustentáculo de ações que permitem aos Grandes Orientes Estaduais trabalharem o Rito de forma autônoma, sem perder o direcionamento e o suporte gerado pelos incessantes trabalhos dos Irmãos, que, além de criar, traduzir e implementar os manuais, se fizeram presentes em todo o processo de formação e estabilização do Rito de York Simbólico, bem como de sua implementação nas Lojas.

Decisivo nesse processo de implementação do Rito foi o contato com o Grande Capítulo de Maçons do Real Arco, no Rio de Janeiro. Pode-se dizer, de forma inequívoca, que, se não fosse pela implementação do Real Arco, seus capítulos e o trabalho sério e dedicado realizado pelos Irmãos, nada do que foi sonhado para o Rito de York no país teria sido realizado.

João Guilherme da Cruz Ribeiro e Antônio Carlos Moreira.

Fonte: Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil (https://realarco.org.br).

Para homenagear o Grande Capítulo, criei a seguinte citação:

"Grandes obras são feitas por grandes Irmãos. Mesmo sem desejar a fama, são famosos; mesmo sem desejar coroas, são reis; mesmo sem sonhar com grandes edifícios, constroem templos. Não são as medalhas, diplomas ou aplausos que os motivam, mas, sim, o o seu Eu Interior, que sorri satisfeito pela obra realizada."

GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA – GOSC

Antes que possamos falar sobre o ano de 2009, quando o GOSC recebeu os rituais simbólicos do Rito de York, entregues pelo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, é necessário que conheçamos a história que nos levou a ter acesso a eles.

Tudo começou com o *Craft* inglês ("Emulation – Ritual de Emulação"), que, no GOSC, é proveniente da Loja Seixas Neto nº 45. O *site* da Loja informa:

> As primeiras sessões regulares foram exclusivamente para estudo do Rito. Na época, abnegados Irmãos se dispunham a estudar e obter informações junto a orientes de outros estados para melhor compreender o Rito.

Graças à presteza do Irmão Francisco Carlos Fernandes Pacheco, reproduzo, a seguir, uma parte da história do Rito em Santa Catarina, que só foi possível com a recuperação da ata e de outros documentos históricos da Loja Seixas Neto.

> [...] às 20h do dia 02/11/1991 [...] sob a presidência do Irmão José Carlos Pacheco Soberano, Grão-Mestre do Grande Oriente de Santa Catarina, reuniram-se [...] propondo que a Loja que estávamos fizesse a opção por esse Rito (Emulação Inglês). Por unanimidade, foi aprovada a proposta do soberano Grão-Mestre para que a Loja adotasse o Rito praticado na Inglaterra [...]

A fundação, no ano de 2000, do Capítulo Jaques DeMolay de Maçons do Real Arco, em Florianópolis, solidificou os laços e tornou possível a implementação da parte simbólica do Rito. Vale lembrar que, na fundação desse capítulo, o GOSC esteve presente, representado pelo Grão-Mestre de Honra Irmão José Carlos Pacheco, representando o Grão-Mestre da época, o Irmão Edelson Naschenweng.

Nas palavras do ilustre Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro:

> Especificamente quanto à Santa Catarina, começou na II reunião anual, em 2002, no Rio de Janeiro. Por iniciativa do Maurício Cláudio de Albuquerque e de muitos Irmãos, solidamente apoiados pelo prestígio de José Carlos Pacheco, a cidade de Florianópolis foi escolhida para sediar a nossa primeira trienal, a de 2003. De suma importância foi a presença do Edmund "Ted" Harrison, na primeira de muitas viagens que ele fez ao Brasil. Nossa visão era limitada e nossas pernas ainda eram curtas, na época. Se não fosse pela organização e pelo entusiasmo da rapaziada de Santa Catarina, o Real Arco teria demorado a desabrochar. Essa reunião, para nós, foi seminal, a amostra de um novo mundo a descobrir, no Brasil e lá fora.

Segundo o Irmão Toni Luiz Haag, em seu trabalho *A história do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco* (para que não se perca na memória):

> No ano de 2001, eu havia visto na revista Engenho & Arte, publicação da empresa Infinity Editorial e Promocional, de propriedade do nosso Irmão e Companheiro João Guilherme Cruz Ribeiro, Past Grande Sumo Sacerdote do Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, uma pequena nota publicitária de rodapé. Essa nota esclarecia o seguinte: "Real Arco – Maçonaria Capitular Norte-Americana oferece os 4 primeiros Graus do legítimo Rito de York – aberto a maçons de todos os Ritos e Potências regulares do Brasil. O General Grand Chapter of Royal Arch Masons International foi fundado em 24 de junho de 1797, com o endereço de correspondência e belíssimas e inspiradoras ilustrações". Sempre em busca de novos conhecimentos maçônicos, encaminhei uma correspondência, que foi solicitamente respondida pelo Irmão Paulo Curi, grande secretário, dizendo que eu deveria manter contato com o Irmão Maurício Cláudio de Albuquerque, em Florianópolis. Porém, como a vida tem suas atribulações e compromissos diversos, tal encaminhamento ficou para mais tarde e nunca se concretizou. No dia 1º de maio de 2004, em reunião realizada nas dependências da Augusta Respeitável Benemérita Loja Simbólica Estrela do Mar nº 23, na cidade de Balneário Camboriú, com o intuito de fundar uma Loja de Pesquisas Maçônicas, que culminou com a fundação da Loja Especial de Pesquisas Maçônicas Livre Consciência nº 101, conheci o Irmão Hamilton Savi, que já pertencia ao Capítulo Jacques DeMolay nº 6 de Maçons do Real Arco de Florianópolis. Ele me apresentou um livro intitulado "A Chave de Hiram", de

Christopher Knight e Robert Lomas, no qual os conceitos apresentados se fundamentavam, em grande parte, nos ensinamentos Ritualísticos do Real Arco. Novamente, acendeu-se a chama e quis o destino que, por ocasião do IV Congresso da Maçonaria Catarinense, realizado em Balneário Camboriú, o mesmo Irmão Hamilton Savi me apresentasse o Irmão Maurício Cláudio de Albuquerque, então deputado do grande sumo sacerdote para a região Sul do Brasil; trocamos rápidas palavras e ele me entregou um exemplar do livreto "Real Arco: Reminiscências & Atualidades", publicação do Grande Capítulo para divulgação do Real Arco. Imediatamente após nossa conversa, ainda no saguão do evento, encontrei o Irmão Flávio Dellazzana, que imediatamente se interessou e disse que me ajudaria a fundar um Capítulo em nossa região. Na parte da tarde do Congresso, como não havia pauta para a apresentação na oficina do Rito Escocês Antigo e Aceito, o Irmão Maurício Cláudio de Albuquerque fez uma belíssima apresentação sobre o Real Arco e como proceder para a fundação de um capítulo. Ele afirmou que bastariam 17 Irmãos detentores dos Graus do Real Arco para viabilizar a fundação. Nos dias 03 e 04 de dezembro de 2004, em Florianópolis, com a presença de autoridades do grande Capítulo e representantes do Capítulo Thomas Smith Webb de Maçons do Real Arco de Porto Alegre, juntamente com o Capítulo Jacques DeMolay nº 6 de Florianópolis, seria realizada uma iniciação aos quatro Graus do Real Arco. Esse evento tinha como objetivo qualificar novos fundadores para a Ordem.

Assim, reunimos 17 Irmãos e nos dirigimos a Florianópolis, onde assistimos às iniciações nos quatro Graus capitulares. Após esse evento, no dia 09 de dezembro de 2004, retornamos a Itajaí e fundamos o Capítulo Santo Graal 22 de Maçons do Real Arco. Essa fundação foi o estopim para o nosso crescente interesse pelo Rito de York norte-americano.

Em 2009, o GOSC recebeu os manuais do Rito de York, conhecidos como Blue Lodges. Já com vários Irmãos envolvidos no Real Arco, um tratado foi celebrado em 14 de julho de 2009 com o Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, nas dependências do histórico Palácio do Lavradio, no Rio de Janeiro, RJ.

O Irmão Rubens Ricardo Franz foi fundamental para o fortalecimento e a unificação da prática do Rito de York no GOSC. Com seu firme aval e apoio incondicional, ele foi primordial na celebração de um tratado pioneiro com o Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil. Após esse tratado, o GOSC abriu um diálogo com as Lojas que praticavam o Emulation e, em conjunto com elas, tomou a decisão de implementar o Rito de York. As Lojas aprovaram em consenso a mudança do Rito praticado, ou seja, do Emulation para o Rito de York norte-americano. Essa reunião ocorreu em 12 de setembro de 2009.

No dia 30 de setembro de 2009, o GM da época, Irmão Rubens Ricardo Franz, editou o ato 1171/GOSC/2008-2011, que determinava que todas as Lojas, a partir de 1º de janeiro de 2010, deveriam praticar o Rito de York norte-americano e que os rituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre estavam aprovados e eram de uso obrigatório nessas Lojas.

Na época, o GOSC promoveu a expansão do Rito com a fundação de Lojas, e o Rito de York passou a fazer parte da constelação de Ritos do Grande Oriente de Santa Catarina.

No ano de 2010, eu estava morando em Itajaí e acabei me afastando da minha Loja de Itapema, a Pedra Cintilante nº 60, onde fui iniciado em 2002 e pela qual até hoje guardo um carinho especial, incluindo, claro, os Irmãos e amigos.

Nesse mesmo ano, eu frequentava a Loja do Irmão Toni, a Ciência e Liberdade, que também era Adonhiramita, e, juntos, continuávamos no Real Arco, com o Capítulo Santo Graal. No final de 2010, começamos a elaborar o projeto de fundar uma Loja em Itajaí, e o Irmão Toni tomou a frente do projeto.

Segundo o Irmão Toni L. Haag:

> Tudo começou com um primeiro contato feito pelos Irmãos da Monteiro Lobato 172, no Rio de Janeiro, com nosso Irmão Alexandre Volney Rizzi, e, após eu ter conversado com nosso Irmão Antônio Carlos, tive oportunidade de ir, juntamente com o Irmão Carlos Castilho (*in memoriam*), ao Rio de Janeiro, ocasião na qual tivemos a oportunidade de sermos apresentados ao Movimento Nacional de Lojas Monteiro Lobato; eu e o Irmão Castilho estávamos seguros de que nos engajaríamos ao Movimento com a nossa Monteiro Lobato de Santa Catarina, projeto esse que recebeu incondicional apoio de nosso então Grão-Mestre Rubens Ricardo Franz. Nossa Loja foi fundada como Triângulo Maçônico Monteiro Lobato, no dia 18 de março de 2011, Dia Nacional da Ordem DeMolay e dia emblemático da morte na fogueira do grande herói e mártir Jacques DeMolay, que preferiu a morte a trair os seus companheiros, legando-nos uma grande lição a respeito da fraternidade, irmandade e companheirismo, que deverão ser o norte de nossa Oficina doravante.

Mais uma vez, eu e o Irmão Toni estávamos à frente de um projeto, a Loja Monteiro Lobato; ele foi o primeiro Venerável da Loja e

eu fui o segundo. Juntos aos Irmãos que nos acompanharam na fundação e mais alguns que foram sendo iniciados, estávamos trilhando um caminho novo e desconhecido ao trabalhar com o Rito de York norte-americano, pois, apesar de termos os rituais, nunca havíamos assistido a uma sessão do Rito, e algumas práticas nos pareciam muito diferentes do nosso conhecido Rito Adonhiramita.

Foram muitos anos de dedicação, trabalhos e estudos para alinhar as práticas Ritualísticas, e esse impulso fez com que eu me dedicasse ao York e buscasse conhecimentos.

No final do ano de 2016, graças ao trabalho do Irmão Rubens Ricardo Franz, que estava à frente da Secretaria de Relações Exteriores do GOSC, conseguimos obter um tratado com a Grande Loja de Nova York (GLNY). Isso permitiu que as portas da Maçonaria norte-americana fossem definitivamente abertas para nós. Nesse momento, o Rito de York possuía 12 Lojas no GOSC.

Todavia, mesmo com o tratado, não tínhamos acesso às Lojas norte-americanas, pois ninguém tinha viajado aos Estados Unidos para assistir a sessões em Nova York. Além disso, mesmo os que lá estivessem veriam uma Ritualística totalmente decorada, sem uso de rituais, e somente em Grau de Mestre.

No ano de 2017, o Irmão Rubens Ricardo Franz retornou ao comando do GOSC como Grão-Mestre, trazendo de volta à Potência sua visão de uma Maçonaria progressista e administrativa.

Senti que era o momento certo. Em contato com o Irmão Rubens e o secretário do Rito na época, Irmão Francisco Carlos Fernandes Pacheco, coloquei-me à disposição para trabalhar em prol do Rito de York. Ambos prontamente aceitaram, e fui nomeado secretário adjunto do Rito.

Com o trabalho sendo desenvolvido e sua aplicação em diversas Lojas, precisávamos de uma orientação mais atualizada da prática ritualística dos EUA. Assim, organizamos, em Itajaí, na data de 05 de maio de 2018, o Primeiro Congresso Catarinense do Rito de York, e convidamos para palestrar o Irmão Kennyo Ismail. Desse congresso, saiu a "Carta de Itajaí", um documento que determinava procedimentos administrativos e ritualísticos em relação ao Rito, entre eles: "adotar a Ritualística da Grande Loja de Nova York e adotar a denominação do nome *York Rite*, traduzido como Rito de York".

Continuávamos nossa caminhada em busca de mais luz na Maçonaria, pois buscávamos beber da fonte pura do conhecimento, que agora tínhamos certeza ser a GLNY.

Lembro-me de quando fui convidado pelo Irmão Rubens a ir a Lages para a instalação de uma Loja do Rito de York. Nessa viagem, ao observarmos o Ritual de instalação e posse da Loja, decidimos que usaríamos o do REAA, visto que era o padrão do GOSC, mas o Irmão Rubens me instigou a criar um específico para o Rito de York. Nessa época, não tínhamos acesso aos irmãos da GLNY; por isso, produzir algo assim era realmente um desafio. Contudo, como eu adoro desafios, comecei a elaborar o Ritual, que logo seria colocado em prática.

GRAND LODGE
FREE AND ACCEPTED MASONS
OF THE
STATE OF NEW YORK

R∴W∴Paul M. Rosen
Grand Secretary

Grand Lodge, N.Y.
71 West 23rd Street, 17th Floor
New York, NY 10010-4149

Tel. Bus. : (212) 337-6644
Fax: (212) 633-2639

email: GrandSecretaryNY@NYMasons.org

December 15, 2016

R∴W∴Brother Rubens Ricardo Franz
Grand Secretary
Grand Orient De Santa Catarina
Facsimile No. 554839523300

Dear R∴W∴Brother Grand Secretary,

On behalf of the Grand Master, Most Worshipful Jeffrey M. Williamson, I extend to you and through you to the Most Worshipful Grand Master of Masons in De Santa Catarina, Brazil, the warm fraternal greetings of the Officers and Brethren of the Grand Lodge of Free and Accepted Masons of the State of New York.

It is my distinct pleasure to inform you that the Grand Master of the Grand Lodge of New York, under the authority invested in his office, does hereby accord the Grand Orient De Santa Catarina full recognition, effective immediately.

We will be delighted to exchange deserving Grand Representatives from and to our respective Grand Jurisdictions. When you so desire, we will welcome a designee from your Grand Lodge to serve as your Grand Representative.

May this venture be the advent of a long, congruent, and mutual friendship between our two prestigious jurisdictions.

Fraternally yours,

Paul M. Rosen, Esq.
Grand Secretary

cc: Grand Master, Chairman - Masonic Jurisprudence,
& Co-Chairmen - Correspondence & Relations Committee

Em razão dessa abertura proporcionada pelo Grão-Mestre e do desejo de criar uma identidade para o York, pesquisei, nos materiais disponíveis, tudo sobre o Rito, sua ritualística, sua simbologia e seu modo de conduzir os trabalhos. Foi uma época de experimentação e descobertas, em que comecei a produzir rituais específicos para as cerimônias do Rito e manuais de procedimentos.

Decidimos, então, dar um passo ousado: decifrar e traduzir os Rituais da GLNY, que recebemos nas *Lectures* (congresso para Instrutores do Rito, organizado pela GLNY), criando, assim, os nossos rituais próprios. Diversos Irmãos auxiliaram em sua decodificação e posterior tradução, tendo seus nomes consignados nos rituais impressos.

A figura do Irmão Marcelo Luciano Vieira de Mello emergiu como uma peça fundamental no desenvolvimento do Rito de York. Ele desempenhou um papel crucial na decodificação do ritual cifrado da Grande Loja de Nova York. Durante sua estadia nos EUA, participou de sessões e manteve diálogos com Irmãos da GLNY. Ao retornar ao Brasil, liderou o processo de tradução e validação do ritual. Sua atuação foi especialmente notável no encontro em Florianópolis, onde, juntamente com o Irmão Richard, coordenou e supervisionou o processo, assegurando a precisão e autenticidade da tradução do nosso ritual.

No ano de 2019, o GOSC tinha então 22 Lojas trabalhando no Rito de York. Em 01 de junho de 2019, organizamos o Seminário Internacional do Rito de York, realizado na cidade de Florianópolis, e convidamos o Irmão Richard Friedman (grande instrutor da GLNY) para que pudéssemos apresentar a nossa decodificação e tradução do Ritual, assim como fazer os ajustes ritualísticos.

Seminário Internacional do Rito de York (2019). Flávio Dellazzana, Marcelo Luciano Vieira de Mello, Francisco Carlos Fernandes Pacheco, Rubens Ricardo Franz, Richard Friedman e Toni Luiz Haag.

Em 2020, fomos a Nova York e, após retornarmos, dediquei-me intensamente ao nosso ritual, para que fosse produzida a primeira versão nossa do Ritual do Rito de York, versão 2020.

Esse ano também foi marcado por nossa inclusão na *List of Lodges*, um guia que cataloga as Lojas maçônicas reconhecidas e consideradas regulares por outras Lojas e Grandes Lojas ao redor do mundo. Embora não seja um documento oficial, emitido por uma autoridade maçônica central, ele é amplamente utilizado pelas Lojas maçônicas,

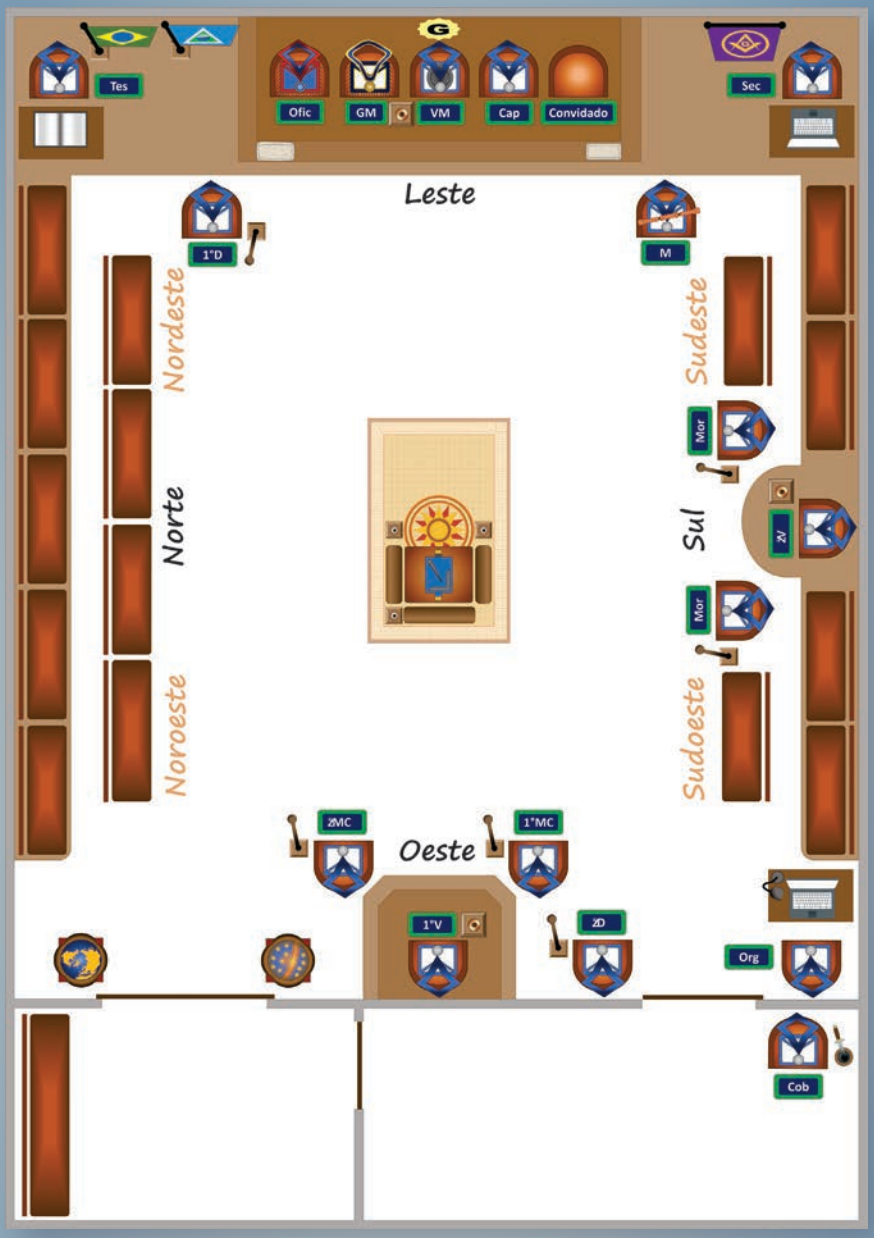
especialmente nos EUA, como uma referência confiável para verificar a regularidade e a legitimidade de outras Lojas.

O guia é atualizado periodicamente e inclui informações detalhadas sobre cada Loja, como sua localização, afiliação e *status* de reconhecimento por Grandes Lojas. Isso é essencial para a manutenção das normas de intervisitação entre as Lojas, quando é permitido que maçons de uma Loja visitem outras Lojas, desde que ambas sejam reconhecidas como regulares e trabalhem sob princípios maçônicos similares.

O ano de 2020 também foi o da pandemia de covid-19, e criamos rituais virtuais para que as nossas Lojas não interrompessem os trabalhos. O ano foi marcado por muitas sessões virtuais e nenhuma fundação de Loja.

Nessa época, foi realizada, na Secretaria, uma gigantesca adição, que passou a ser parte da alma dos trabalhos que seriam desenvolvidos. O Irmão Cid Ionceck, da ARLS Talhadores da Pedra nº 135, fez um intenso trabalho ao produzir materiais e providenciar todas as figuras para o Ritual e as movimentações Ritualísticas. Os seus desenhos, de um primor técnico inigualável, transformaram o Ritual em mais do que um simples descritivo ritualístico, elevando-o ao patamar de uma verdadeira obra de arte.

Em 25 de junho de 2020, lançamos o novo "Ritual de Aprendiz Maçom do Rito de York", com a sessão de iniciação em um Ritual separado, sendo autorizado pelo ato 2750/GOSC/2017-2020 do Grão Mestre à época, o Irmão Rubens Ricardo Franz.



Sala de Loja do Rito de York.

Fonte: desenho do Irmão Cid Ionceck.

O ofício do Aprendiz Maçom.

Fonte: desenho do Irmão Cid Ionceck.

Em agosto de 2020, assumi o cargo de Secretário do Rito de York, junto com o mandato do novo Grão-Mestre, o Sereníssimo Irmão Sergio Wallner, e o Poderoso Irmão Abelardo Camilo Bridi, Grão-Mestre Adjunto. Juntos, mudaríamos o panorama do Rito de York no Grande Oriente de Santa Catarina.

Ao assumir o cargo, o meu primeiro ato foi reunir uma equipe de trabalho, pois eu sabia que ninguém constrói um Rito sozinho. Para isso, convidei os Irmãos Cassiano Ricardo dos Santos, atual Secretário do Rito de York; Charles Claudio Scheel, atual Secretário de Educação para o Rito de York; Cid Ionceck; Henrique Labes da Fontoura; Kleber Luiz Fernandes; Luiz Filipe Goldfeder Reinecke; Olavo Gonzaga de Oliveira Junior; Ricardo Alexandre Nunes Pereira; Samer Youssef Ayad; e Toni Luiz Haag, atual Secretário de Relações Exteriores. Juntos, tornamo-nos os C*ustodians of the Work* (Os Guardiões do Ritual do Rito de York do Grande Oriente de Santa Catarina). Com isso, o presente e o futuro do Rito estariam garantidos.

Iniciamos o trabalho de rever todo o material que já tínhamos, bem como nos dedicamos aos pormenores e a revisar novamente as traduções e o texto do Ritual, agora impresso em sua primeira versão em português. Foram dias, semanas e meses de trabalho árduo – e, às vezes, mínimos detalhes de tradução, texto e ritualística nos consumiam dezenas de horas de discussão e pesquisa.

Inspirados pela frase de São Tomás de Aquino: "Três coisas são necessárias para a salvação do homem: saber o que deve crer, o que deve querer, o que deve fazer! Crer em Deus Pai..., querer a Vida Eterna e fazer o bem."

Identificamos três elementos essenciais para a formação da identidade do Rito de York no Grande Oriente de Santa Catarina. Primeiro, saber em quem confiar, o que fez com que nos alinhássemos à essência do Rito representada pela Grande Loja de Nova York. Segundo, definir o que desejamos, aspirando que nosso Rito não apenas se harmonizasse com Nova York, mas também criasse a sua identidade e preservasse a pura tradição maçônica dos antigos maçons ingleses de York. Terceiro, entender o que deve ser feito, reconhecendo a necessidade de percorrer um longo e tortuoso caminho para alcançar a estabilidade do Rito e fixar a alma do York na constelação de lojas do Grande Oriente de Santa Catarina.

Outro Irmão que se juntou ao grupo foi alguém que conheci a partir da sua atuação em Loja, principalmente no Real Arco. O Irmão Samer Youssef Ayad era formidável em ritualística, e, por isso, propus-lhe o desafio de estudar essa área a fundo. Ele aceitou minha proposta. Assim, tudo que discutíamos em grupo ele experimentava em Loja e colocava em prática, para ver se nossas alterações realmente funcionavam.

No decorrer do trabalho, percebemos que apenas gerar conhecimento e trabalhar no Ritual não era suficiente. Todo o trabalho produzido precisava ser disseminado e, para isso, promovemos os eventos de formação de instrutores do Rito, primeiro na cidade de Florianópolis, em 2021, e depois em Lages, em 2022.

Não era viável para nós, brasileiros, adotar integralmente um Ritual da GLNY, traduzindo-o literalmente e tentando aplicar todos os detalhes e práticas da Maçonaria norte-americana aqui. Isso simplesmente

não funcionaria. Foi necessário realizar ajustes e modificações para adaptar os textos, tornando-os compreensíveis e relevantes para os Irmãos do GOSC, além de permitir que o Rito de York evoluísse de acordo com os padrões brasileiros.

Por exemplo, o termo em inglês S*enior Warden*, que seria traduzido como Vigilante Sênior, não combina com o nosso modo de pensar; Sênior e Júnior têm conotações diferentes para os norte-americanos e para nós. Além disso, seria complicado utilizá-lo. Por isso, mantivemos a padronização já conhecida na Maçonaria brasileira, adotando o termo 1º Vigilante. Havia também termos mais complexos de traduzir, como *Cowans*, e o fato de que a prática norte-americana desenvolve a maioria dos seus trabalhos em Grau de Mestre. Assim, tivemos que encontrar formas de desenvolver os nossos trabalhos no primeiro Grau, bem como lidar com a ausência da Ordem do Dia na sequência ritualística.

Portanto, o Ritual do GOSC não é uma cópia idêntica do Ritual da GLNY, visto que foram necessárias adaptações para o jeito brasileiro de praticar a Maçonaria. No entanto, posso dizer que ele é o mais idêntico possível ao Ritual de trabalho padrão da GLNY.

Os EUA têm apenas um Rito; no GOSC, éramos um Rito novo, tentando ganhar nosso espaço, construir materiais de alta qualidade e oferecer aos Irmãos instruções e formas de utilizar o conhecimento produzido, além de nos adequarmos à legislação, aos usos e aos costumes de nossa Potência.

Final do Encontro de Instrutores em Lages, em 2022. Equipe de trabalho da Secretaria do Rito de York: Cassiano Ricardo dos Santos, Olavo Gonzaga de Oliveira Junior, Kleber Luiz Fernandes, Samer Youssef Ayad, Flávio Dellazzana, Charles Claudio Scheel, Cid Ionceck, Ricardo Alexandre Nunes Pereira, Henrique Labes da Fontoura, Luiz Filipe Goldfeder Reinecke e Toni Luiz Haag.

Também começamos a produzir diversos manuais para o Rito: manual de Instalação de Loja e Sagração das Grande Luzes; manual de Instalação de Venerável; manual de Loja de Mesa (assim denominado em referência às cerimônias norte-americanas); manual dos 7 brindes; manual de Sessão Pública; manual de Adoção de Lowtons (chamados de Lewis em nosso Rito); bem como outra dezena de materiais. Dentre eles, destacam-se o manual de montagem de Sala de Loja, com figuras desenhadas pelo Irmão Cid, demonstrando como montar uma Sala de Loja; e o manual de adaptação de Sala de Loja, para as Lojas que pretendem trabalhar em templos de outros Ritos.

A construção desse Ritual – ou, podemos dizer, desse novo modo de praticar o Rito de York – conferiu uma identidade única às nossas Lojas e criou um sentimento de paixão pelo Rito de York nos Irmãos.

Em 2022, após muito trabalho, lançamos a nova versão do "Ritual de Aprendiz, Companheiro e Mestre", fruto de um extenso trabalho de aprimoramento ritualístico. Tínhamos certeza de que era uma versão provisória, pois somente no congresso de 2023, em Nova York, faríamos os últimos ajustes e teríamos a versão definitiva do nosso Ritual.

O Rito de York, em sua versão atual, foi construído com muito trabalho e muita dedicação. Atuamos para que o conteúdo gerado na construção e estruturação do Rito se adequasse aos Irmãos e oferecemos condições para que as Lojas iniciassem seus trabalhos e os seguissem com segurança. Um investimento sem precedente foi feito pela Potência, por meio do Grão-Mestre Irmão Wallner. Esse investimento não foi apenas financeiro, embora isso fosse necessário, pois ir a Nova York e realizar eventos totalmente sem custos aos participantes não é barato.

Equipe de trabalho da Secretaria do Rito de York presente na *Lecture* da Grande Loja de Nova York, em janeiro de 2023: Cassiano Ricardo dos Santos, Toni Luiz Haag, Cid Ionceck, Flávio Dellazzana e Samer Youssef Ayad.

Entretanto, soubemos aproveitar bem esses investimentos, que geraram muitos frutos, ainda que alguns invisíveis. Não aumentamos de tamanho como Rito – nem era essa nossa intenção –, mas criamos a cultura nos Irmãos da maçonaria do Rito de York, criamos a identidade do Rito e transmitimos aos Irmãos o modo de trabalhar o Ritual e a ritualística.

Ao me encaminhar para as frases finais desta obra, gostaria de agradecer as dezenas – talvez centenas – de Irmãos que não só tornaram este livro possível, mas também contribuíram para a construção do Rito. Ao final de nossos rituais, temos consignado o agradecimento aos tradutores, aos revisores, aos nossos *Custodians of the Work* e aos Irmãos da GLNY, bem como às autoridades do GOSC.

Apesar de todos os Irmãos da Secretaria terem trabalhado de forma excepcional, com uma carga de trabalho e uma dedicação fora da curva, alguns deles merecem um agradecimento extra. Aqui vai meu muito obrigado.

Ao irmão Cassiano Ricardo dos Santos, que se dedicou a ser a voz da consciência e da razão durante os momentos mais tempestuosos.

Ao irmão Charles Claudio Scheel, que trabalhou incansavelmente em todas as tarefas a ele apresentadas e que sempre esteve à disposição.

Ao irmão Cid Ionceck, que era a bússola da Secretaria e nos guiava sempre na direção certa. Cid trabalhou arduamente para produzir todos os desenhos e materiais gráficos para o Rito, buscando a origem

dessas ilustrações e aprimorando sua técnica. Ele também fez o trabalho de tradutor, fundamental para que os Irmãos conhecessem o Rito.

Aos nossos revisores Henrique Labes da Fontoura e Kleber Luiz Fernandes, que, além das revisões de texto – que foram muitas –, buscaram a essência das palavras e a melhor forma de transmitir as ideias em nossa língua. Sem eles, o belíssimo trabalho não seria compreendido.

Ao Irmão Samer Youssef Ayad, que assumiu a liderança das práticas ritualísticas. Sua atuação foi fundamental, pois de nada adiantaria apenas escrever sem colocar as ideias em prática.

Por último, mas não menos importante, o meu companheiro de aventuras dentro da Ordem, Toni Luiz Haag, que esteve ao meu lado desde a fundação do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco até os trabalhos na Loja Monteiro Lobato. Juntos, também trabalhamos na fundação de mais uma dezena de Lojas pelo estado, incluindo a em que estou atualmente, a Loja Santo Graal nº 167. O Irmão Toni sempre se dispôs a nos ajudar, trabalhando na construção e na consolidação das Lojas e sendo o porto seguro que eu buscava quando precisava de conselhos.

Finalmente, agradeço ao Grão-Mestre atual do GOSC, o Sereníssimo Irmão Abelardo Camilo Bridi, e ao seu Grão-Mestre adjunto, o poderoso Irmão Avelino Lombardi Junior, por continuarem apoiando a Secretaria do Rito de York e o Real Arco. O trabalho deles à frente do GOSC permite que o nosso Rito possa continuar evoluindo e se fortalecendo.

Conferência dos Grãos Mestres da América do Norte, em Seattle (2024).Sereníssimo Irmão Abelardo Camilo Bridi, Grão-Mestre do GOSC (2024).

Poderoso Irmão Avelino Lombardi Junior, Grão-Mestre Adjunto do GOSC, discursando na primeira sessão em inglês do Ritual norte-americano, promovida pela ARLS Acácia Negra, em Blumenau (2023).

O GOSC decidiu manter a essência do Rito e dos rituais, confiando-os aos "*Custodians of the Work*" – Guardiões do Trabalho ritualístico – acontinuidade dos trabalhos.

O nosso Rito se fundamenta em uma base sólida, construída por Irmãos que trabalharam incansavelmente e moldaram nosso acervo de conhecimentos. Com essa dedicação, o futuro do Rito está garantido e seguro nas mãos de indivíduos competentes e habilidosos.

Ao me despedir da secretaria do Rito em junho de 2023, orgulhei-me de deixar um legado de trinta Lojas Simbólicas e mais duas Lojas especiais praticando o Rito de York, tornando-o o terceiro maior Rito dentro do GOSC. O Rito de York tem uma identidade distinta e carrega uma rica herança dos primórdios da Maçonaria de York, tanto nos EUA quanto na Inglaterra.

Estamos equipados com todas as ferramentas necessárias para o desenvolvimento do Rito, incluindo materiais e rituais adequados, além de Irmãos qualificados e treinados na arte ritualística.

Hoje, o Rito de York está pronto para entrar em sua fase de consolidação e amadurecimento, tendo atingido um estágio significativo de desenvolvimento.

"O Ritual do Rito de York tem vida, tem alma. Expressar a sua essência é um desafio que, quando conquistado, revela uma luz serena e acolhedora, que transforma os que são por ela tocados." — Flávio Dellazzana

**“Se vi mais longe que os outros,
foi por estar sobre ombros de gigantes.”**

Isaac Newton

Essa famosa metáfora foi usada por Newton em uma carta datada de 15 de fevereiro de 1676, enviada a Robert Hooke. Com essa frase, Newton quis expressar a ideia de que seus sucessos científicos foram alcançados graças ao trabalho prévio de grandes cientistas que vieram antes dele.

Se hoje consigo vislumbrar com maior clareza todos os fatores – desde a vida dos pedreiros operativos e suas inter-relações profundas; a ancestral conexão entre os aspectos operativos e especulativos da nossa arte; a formação do nosso Rito nos EUA, bem como sua chegada ao Brasil; até o trabalho dos Irmãos que lutaram para que ele chegasse ao Grande Oriente de Santa Catarina e se consolidasse como um grande Rito –, foi porque me ergui sobre os ombros de gigantes.

Minha visão, ampliada pela sabedoria e pela experiência daqueles que me precederam, reflete-se como um reconhecimento da herança que nos foi legada e, principalmente, um tributo à imensidão do conhecimento e ao espírito indomável que nos guiou ao longo dos séculos.

Flávio Dellazzana

Stonehenge: círculo interno. Planície de Salisbury, Reino Unido (2023).

A HISTÓRIA VISTA POR OUTROS OLHOS

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO FRANCISCO CARLOS FERNANDES PACHECO

Correspondência enviada ao Irmão Maurício Cláudio de Albuquerque em 14 de setembro de 2009.

Grande Irmão Maurício,

A reunião sobre o Rito de York não poderia ter sido mais produtiva. Após a leitura do parecer da Comissão de Constituição e Legislação do GOSC, referente ao tratado celebrado com o Real Arco, todos os Irmãos votaram favoravelmente, reforçando ainda mais o documento. O próprio Grão-Mestre, Sereníssimo Irmão Rubens Ricardo Franz, afirmou que esse foi e continuará sendo um dos grandes marcos de sua administração.

O parecer da comissão ficou excelente, valorizando ainda mais o acordo. Vou providenciar uma cópia.

A reunião com os Veneráveis do Rito de York também foi extremamente positiva. Todos concordaram que o GOSC adote oficialmente, a partir de 2010, o ritual americano. Como o ano já está terminando, algumas Lojas solicitaram esse prazo para se adaptarem e estudarem o novo ritual.

Nossa reunião no Rio de Janeiro foi destacada na última edição de O Vigilante, com fotos e bastante visibilidade, inclusive na capa. Vou providenciar o envio desse material.

Preciso de mais dois favores seus para dar continuidade ao processo de implantação do Rito de York americano e atender ao Grão-Mestre: enviar o ritual de Mestre, para que eu possa repassá-lo às Lojas. Você já me enviou os rituais de Aprendiz e de Companheiro. Também necessito do ritual de Cobridor, para que eu possa entregá-lo ao Grão-Mestre e esclarecer as dúvidas que certamente surgirão dos novos Veneráveis, que serão eleitos em breve.

Fraternalmente,

Francisco Pacheco

P.S.: Por favor, fale com João e Curi para encaminharem o Cobridor do Rito, bem como o valor de cada conjunto de rituais para aquisição. Também passei para o Christian algumas observações a serem corrigidas na nova impressão. Veja com ele aquela questão sobre a fala do Capelão no encerramento da sessão.

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO CID IONCKECK

Participar da Secretaria do Rito de York do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC) foi uma experiência marcante e enriquecedora, que começou de maneira inesperada e se desenvolveu em meio a desafios e dedicação.

O convite para integrar esse trabalho especial chegou em março de 2019, em um momento peculiar. Estava a caminho do hotel Mercure Itacorubi, em Florianópolis, envolto em meus pensamentos após uma reunião de trabalho, quando recebi uma ligação do Irmão Marcelo Luciano Vieira de Mello. Ele compartilhou que um grupo de Irmãos do GOSC estava trabalhando na tradução do Ritual do Rito de York, utilizado pela Grand Lodge of Free and Accepted Masons of the State of New York (GLNY), e necessitava de apoio na criação de novas ilustrações, começando pelo Ritual de Aprendiz. Meu nome havia sido indicado pelo Irmão Sérgio Wallner.

Entretanto, a semana seguinte trouxe um desafio inesperado: a pandemia de coronavírus foi declarada pela Organização Mundial da Saúde, seguida das recomendações de lockdown pelo governo brasileiro. Isso significava que nosso trabalho precisaria ser adaptado a uma nova realidade, com reuniões virtuais e colaboração a distância.

A inclusão na equipe ocorreu ainda em março, por meio de uma conversa telefônica entre os Irmãos Marcelo Mello e Flávio

Dellazzana, líderes do núcleo responsável pela elaboração do novo ritual. Decidimos iniciar o processo com a criação das ilustrações, começando pelo layout da Sala de Loja, utilizando fotos da Renaissance Lodge Room da GLNY como referência.

Logo percebemos que a principal dificuldade era extrair das fotos as dimensões e proporções necessárias. Foi um desafio que exigiu estudo de antropometria e adaptação à realidade das Lojas brasileiras, que, muitas vezes, têm recursos e espaços limitados.

Apesar dos obstáculos, o resultado final foi gratificante. Em outubro de 2020, lançamos o "Guia de Montagem de Sala de Loja", um documento que sintetiza os requisitos para a montagem e adaptação de uma Sala de Loja, auxiliando tanto na compreensão do Ritual quanto na formação de novas Lojas no GOSC.

Uma das tarefas mais significativas foi a elaboração das ilustrações das ferramentas, implementos, joias dos cargos, aventais, ornamentos e paramentos, utilizando como referência fotos das visitas dos Irmãos do GOSC à GLNY em 2018 e 2019. Também criamos ilustrações simbólicas para os Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, que incluíam representações como a Escada de Jacó, os Sagrados Santos de Nome João, o ponto dentro de um círculo, entre outras. Esse trabalho exigiu pesquisa detalhada e uma compreensão profunda dos simbolismos envolvidos, assegurando que cada imagem transmitisse a essência e o significado de forma clara e precisa.

Em janeiro de 2019, a Grande Loja de Nova York realizou uma capacitação para instrutores chamada "Grand Lectures", com a participação de várias potências brasileiras. Esse evento influenciou diretamente a revisão dos rituais e dos movimentos ritualísticos das Lojas que adotam o Rito de York no Brasil. Durante esse processo, surgiram discussões sobre questões como a adoção da linguagem na primeira pessoa e o uso dos termos "Leste" e "Oeste" em vez de "Oriente" e "Ocidente". Meu primeiro estudo focou na análise desses termos, comprovando que o uso de "Leste" e "Oeste" era o correto, conforme a prática americana. Isso levou à inclusão de esclarecimentos adicionais no Ritual e à elaboração de notas explicativas.

Durante meu período na Secretaria do Rito de York do GOSC, um dos maiores desafios foi a falta de material de suporte para instruir os Irmãos na movimentação dentro da Sala de Loja (floorwork). Assumi o compromisso de criar cerca de 500 layouts para preencher essa lacuna. O material foi revisado diversas vezes até alcançar a precisão necessária, sendo posteriormente validado pelo Irmão Richard T. Schulz, Grand Secretary da GLNY, e compartilhado com a própria GLNY.

Outro desafio importante foi a pressão para acelerar a publicação do Ritual do Rito de York antes do fim da gestão do Grão-Mestre Rubens Ricardo Franz, um grande defensor da adoção do Ritual da GLNY. O ritual de aprendiz precisava ser finalizado até 25 de junho de 2020 e, apesar de enfrentarmos problemas com a diagramação e a qualidade de impressão, no fim conseguimos produzir um material que atendeu às expectativas.

A gestão do Irmão Flávio Dellazzana, entre julho de 2020 e junho de 2023, foi marcada por intensa atividade e dedicação à implementação do Rito de York no GOSC. Sob sua liderança, a Secretaria conseguiu elaborar os Rituais de Companheiro e Mestre, promovendo palestras e encontros virtuais para instruir as Lojas. A pandemia, entretanto, impôs limitações à prática ritualística, e o uso do Ritual de Aprendiz só pôde ser implementado com a melhora da situação.

Com o uso prático do ritual, surgiram novas demandas. Muitas dúvidas nas Lojas revelaram a necessidade de revisar os textos de suporte, que, por vezes, eram muito densos. Diante disso, a Secretaria decidiu realizar uma revisão, tornando os textos mais sintéticos e acessíveis.

Organizamos seminários de capacitação em 2021 e 2022, que foram fundamentais para reunir Irmãos interessados em aprofundar seus conhecimentos nos rituais. Esses eventos enriqueceram o debate e levaram a uma revisão completa dos rituais em 2022.

No início de 2023, recebemos um convite especial para participar das "Grand Lectures", na GLNY. Foi uma oportunidade valiosa de esclarecimento e aprimoramento ritualístico, cujas lições serão aplicadas nas próximas revisões dos Rituais em 2024.

Minha participação na Secretaria do Rito de York do GOSC não apenas me permitiu contribuir para a Maçonaria Catarinense, mas também me ensinou sobre a importância do trabalho em equipe, da adaptação e da perseverança. Acredito que essas experiências

contribuíram para o fortalecimento do Rito de York em Santa Catarina e para a valorização do trabalho da Secretaria. Foi uma jornada de aprendizado e camaradagem, que guardarei para sempre como uma das mais significativas da minha vida maçônica.

O trabalho voluntário na Secretaria do Rito de York, além de fortalecer o conhecimento e a prática dos rituais, também promove um profundo senso de unidade e colaboração entre os Irmãos, reafirmando nosso compromisso com os princípios da Maçonaria e nos impulsionando continuamente em direção à excelência ritualística.

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO KLEBER LUIZ FERNANDES

No início de 2018, enquanto eu ocupava o cargo de 2º Vigilante da ARLS Consensio nº 115, o Irmão Flávio Dellazzana desempenhava a função de Secretário do Rito de York do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC). Quando precisei esclarecer algumas dúvidas sobre a ritualística de York, não havia pessoa melhor a quem recorrer. Mal sabia eu o quanto essa jornada me levaria a uma imersão profunda!

Fui recebido de maneira extremamente cordial e, sempre que precisei, fui prontamente atendido. Nosso contato tornou-se frequente e, em 2019, já como 1º Vigilante, recebi o convite do Irmão Flávio para participar da primeira revisão dos rituais. A partir daí, minha trajetória com o Rito de York ganharia um novo significado.

Quando assumi a Venerabilidade (2019-2020), em plena pandemia, Flávio foi um verdadeiro pilar para mim. Recorri a ele inúmeras vezes, tanto por sua vasta experiência na Maçonaria quanto por seu profundo conhecimento do Rito de York. Nosso convívio se intensificou, e, de tantas solicitações de orientação ao meu querido Irmão, no dia 20 de março de 2021, às 19h10, recebi uma mensagem inesperada no meu WhatsApp: "[20/03/2021 19:10] Flávio Dellazzana – Ir. Sec York: Eu gostaria de convidar o Irmão para fazer parte da secretaria do Rito. O Irmão aceita?". Sem hesitar, mesmo com o receio de ser o que mais faria perguntas no grupo, aceitei o convite. Dois minutos depois, às 19h12, já estava sendo acolhido pelos demais Irmãos do grupo: Cassiano, Charles, Cid, Henrique, Ricardo, Samer e Toni.

De um momento para o outro, aquele grupo se tornou o mais ativo do meu WhatsApp, revelando que eu havia assumido uma tarefa árdua, que exigiria dedicação e muito amor pelo nosso querido York. Com carinho, descrevo esse grupo como um "bando de loucos viciados em York". Não havia horário ou dia em que as notificações cessassem. Desde 2019, o grupo não conheceu o silêncio.

O Irmão Flávio era incansável, mantendo o ritmo frenético de revisões dos rituais, planejando encontros e esclarecendo dúvidas dos Irmãos das Lojas de York. Não havia descanso, finais de semana ou calmaria. Seu entusiasmo pelo conhecimento nos inspirava e impedia que o grupo fosse vencido pelo cansaço.

O Irmão Flávio foi extremamente habilidoso ao reunir Irmãos com habilidades complementares, formando uma equipe forte e coesa.

Havia o Irmão que cuidava das ilustrações, o que desafiava ideias, o que trazia leveza contando piadas, o que mantinha o grupo focado, o que fazia as perguntas certas e aquele com TOC por diagramação. A verdadeira fórmula do sucesso de uma equipe que compartilhava o mesmo objetivo: produzir um ritual o mais fiel possível ao da Grande Loja de Nova York.

Aqui, faço uma menção especial ao Irmão Henrique Labes da Fontoura, com quem compartilho a mesma obsessão por correção ortográfica e diagramação. Nossas trocas intermináveis de mensagens e áudios, muitas vezes com mais de 10 minutos de duração, são uma prova do nosso empenho e paixão por deixar tudo impecável.

Essa equipe realizou inúmeras reuniões virtuais, muitas vezes durante a noite, causando confusão em casa e fazendo com que nossas esposas jantassem sozinhas. Não foram poucas as vezes em que desistimos de estar com nossas famílias para abrir garrafas de vinho e brindar virtualmente, enquanto discutíamos questões da ritualística do Rito de York.

Posso afirmar, com toda certeza, que, nesse período, aprendi quase tudo que sei hoje sobre a ritualística do York. Mais do que isso, aprendi sobre respeito e liderança. O modelo de gestão que Flávio aplicou no grupo foi algo que levei tanto para minha Loja quanto para minha vida pessoal, como empresário. As decisões eram tomadas em conjunto, e Flávio sabia quando mudar de ideia ao ser convincentemente persuadido, mas também sabia impor a ordem quando necessário. Ele agregava, nunca segregava; elogiava em público e corrigia

em privado (na maioria das vezes). Seu entusiasmo e liderança inspiravam a todos.

Com o tempo, aquele grupo de WhatsApp se transformou em algo maior: uma verdadeira EQUIPE. E, mais do que isso, uma FAMÍLIA. Conhecemos uns aos outros como se convivêssemos pessoalmente, compartilhando não apenas conhecimento maçônico, mas também nossas intimidades, problemas, conquistas e alegrias.

Sinto uma imensa gratidão por ter sido escolhido para fazer parte dessa história na Secretaria do Rito de York e no Grande Oriente de Santa Catarina. Realizamos encontros memoráveis em Florianópolis e em Lages, eventos que foram fruto de um longo processo de debates e refinamentos para alcançar o nível de excelência que entregamos aos Irmãos.

De todas as bandeiras que levantei, essa é uma das que guardo com mais carinho em minha parede de memórias. Mais do que títulos ou diplomas, levo comigo o aprendizado e o crescimento que essa jornada me proporcionou, assim como o companheirismo dos Irmãos que invadiram minha vida em 2019.

Obrigado, Flávio, e a todos os Irmãos da Secretaria. Estamos juntos, meus Irmãos. Sempre!

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO RICARDO ALEXANDRE NUNES PEREIRA

Em 2018, o Irmão Flávio e eu já compartilhávamos ideias sobre o Rito de York, que carrega um simbolismo distinto do que estávamos habituados. Fui convidado pelo coordenador da época e tive a honra de colaborar na tradução inicial dos rituais que recebemos da Grande Loja de Nova York. Essa foi uma experiência especial, pois me permitiu mergulhar mais profundamente na essência do Rito e em sua interpretação.

Em 2019, meu envolvimento cresceu ainda mais, dedicando-me à revisão das traduções e à organização dos textos dos rituais. Foi um grande desafio, exigindo atenção minuciosa aos detalhes e cuidado na escolha das palavras. Assim, comecei a compreender verdadeiramente o "jeito York de ser" – um modo único de vivenciar e praticar nossos rituais. Essa jornada foi muito mais do que um simples trabalho; foi uma experiência transformadora que me proporcionou crescimento, tanto em relação ao conhecimento do Rito quanto como pessoa e Irmão.

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO HENRIQUE LABES DA FONTOURA

Em 2020, em plena pandemia da covid-19, fui surpreendido ao ser nomeado Presidente da Comissão de Ritualística e Liturgia da ARLS Harmonia & Perseverança nº 108, pelo Venerável Mestre de minha Loja-Mãe, que viu em mim um gosto pela Ritualística. Diante dessa responsabilidade, minha primeira providência foi contatar o Irmão Flávio Dellazzana, recém-empossado Secretário do Rito de York do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC). Apresentei-me, ansioso por adquirir conhecimento para desempenhar bem o meu papel – e, claro, colocando-me à disposição para ajudar no que fosse possível. Sabia que a prática seria o caminho mais seguro para alcançar a expertise necessária.

Mal sabia eu que essa seria uma das melhores iniciativas que eu poderia ter tomado. O Irmão Flávio é uma das pessoas que mais entendem de Maçonaria e, acima de tudo, do Rito de York. Ele prontamente aceitou minha oferta e logo me enviou um arquivo intitulado "Manual Pré-Iniciação", que serviria como um roteiro completo, abrangendo desde os critérios para a indicação de um candidato até os procedimentos para uma sindicância bem estruturada. E assim começamos a trabalhar, sem parar, até hoje.

Desde então, o Irmão Flávio foi montando sua equipe de trabalho, trazendo outros valorosos Irmãos para formar o grupo de WhatsApp denominado "Secretaria York". O que parecia ser um simples grupo de troca de mensagens logo se transformou em um espaço de trabalho

intenso – muito trabalho mesmo! –, sob a diligente (e exigente) liderança do Secretário. Graças a essa equipe, adquirimos mais conhecimento e informações do que jamais poderíamos imaginar.

Na época, os recém-reeditados manuais de Aprendiz, Companheiro e Mestre (versão 2020) haviam sido entregues às Lojas, resultado de um excelente trabalho da gestão anterior. Havia a percepção de que o material anterior, de 2010, não refletia fielmente os procedimentos ritualísticos da Grande Loja de Nova York e que uma revisão completa era necessária. No entanto, apesar da qualidade do novo material, ele se mostrou de difícil uso em Loja, pois o excesso de informações e ilustrações dificultava a leitura fluida durante as sessões.

Além disso, percebemos que, durante o complexo processo de tradução do manual original da GLNY, algumas passagens foram traduzidas literalmente, resultando em frases desconexas em português, além de erros gráficos que exigiam uma revisão minuciosa. Foi então que eu, apelidado de "o chato da gramática", entrei em ação, revisando cada vírgula, ponto e acento, garantindo que o texto final estivesse gramaticalmente correto e claro.

O trabalho com a ritualística em si, ajustando os movimentos, gestos e sinais corretos, foi igualmente desafiador. Muitas discussões ocorreram, às vezes até altas horas da madrugada, até que se chegasse a um consenso. O grupo sempre primou pela coesão e coerência, liderado firmemente pelo Irmão Flávio, que nos incentivava a pensar criticamente e agir com cautela, sempre focado no melhor para o Rito e para os obreiros que o praticam.

Com o apoio do então Grão-Mestre, Irmão Sérgio Wallner, o Irmão Flávio criou o cargo de Instrutores Estaduais do Rito de York, capacitando-nos para auxiliar as Lojas do estado. O aprendizado foi imenso, não apenas pelo que o Flávio nos ensinou, mas também pelo que ele nos instigou a estudar e criar.

O Rito de York no GOSC tornou-se o terceiro maior Rito do GOSC em número de Lojas ativas. Para celebrar esse sucesso, organizamos Congressos do Rito de York em Florianópolis, em 2021, e em Lages, em 2022, sempre com a presença de representantes de todas as Lojas.

Também revisamos os manuais de Aprendiz, Companheiro e Mestre, com menos informações adicionais e figuras, para facilitar o uso em Loja. Além disso, atualizamos os Rituais das Lojas de Mesa, Sessões de Pompas Fúnebres, Sessões Públicas, Adoção de Lewis e Sessões Farroupilhas, além de criarmos um Ritual para Lojas de Motociclistas (nota do autor: "este não chegou a ser implementado"), sempre nos mantendo fiéis ao Rito de York.

Muitas instruções e orientações foram criadas e disponibilizadas às Lojas, como o "Texto de Recepção das Novas Cunhadas", enriquecendo os trabalhos em Loja. Como instrutores, realizamos palestras e sessões comentadas em diversas Lojas do estado, o que nos proporcionou um aprimoramento pessoal inestimável, além de recebermos o carinho e a gratidão dos Irmãos.

De forma muito particular, posso afirmar que tudo o que sei hoje sobre o Rito de York devo ao Irmão Flávio Dellazzana. Ele não apenas me ensinou, mas me fez aprender por meio do estudo, do engajamento e da troca de conhecimentos com a "família" que ele criou.

Sou profundamente grato a todos os Irmãos que fizeram parte desse grupo de trabalho e se tornaram amigos de verdade, ultrapassando os laços fraternais da Maçonaria. Minha gratidão ao Irmão Flávio, em especial, não pode ser expressa em palavras. Ela transcende a retórica e qualquer forma de expressão. É uma gratidão profunda, eterna, que só posso resumir em um grande "muito obrigado". Conte sempre comigo, meu Irmão!

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO CHARLES CLAUDIO SCHEEL

Minha Participação na Secretaria do Rito de York

Nos últimos anos, tive a oportunidade de contribuir com a Secretaria do Rito de York no Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC), atualmente ocupando o cargo de Secretário de Educação Adjunto para o Rito de York.

Embora meu envolvimento inicial tenha sido mais técnico e pontual, minha dedicação sempre foi direcionada à criação de conhecimento e à elaboração de instruções que pudessem auxiliar os Irmãos na prática ritualística.

Em 2022, participei, juntamente com os Irmãos Samer e Henrique, de um congresso do Rito de York em Lima, no Peru. Esse evento foi uma oportunidade importante para adquirirmos novos conhecimentos e práticas, que posteriormente foram incorporados ao trabalho que realizamos no GOSC. Nosso objetivo foi trazer inovações que mantivessem o Rito atualizado e fiel às suas tradições.

No contexto da revisão dos manuais de Aprendiz, Companheiro e Mestre, minha atuação foi focada em garantir a precisão terminológica na adaptação dos rituais da Grande Loja de Nova York (GLNY) para a realidade das Lojas brasileiras. A tradução de textos em inglês antigo para o português exigiu um cuidado especial, evitando traduções literais que pudessem distorcer o significado original e comprometer a clareza para os nossos Irmãos.

Como Secretário de Educação Adjunto para o Rito de York, tenho concentrado meus esforços na produção de materiais educativos e na geração de instruções claras e objetivas para as Lojas que adotam o Rito de York. Acredito que a formação maçônica é essencial para a prática correta dos rituais, e minha prioridade tem sido assegurar que os Irmãos tenham acesso ao conhecimento necessário para evoluir no Rito.

Além das discussões técnicas, participei de eventos importantes, como os congressos do Rito de York em Florianópolis, em 2021, e em Lages, em 2022. Nessas ocasiões, reforcei a importância de manter uma educação maçônica sólida, fundamentada na tradição do Rito de York, mas sempre adaptada às necessidades locais. Durante esses congressos, compartilhei minhas observações e aprendizados adquiridos em eventos como o Congresso de Lima, promovendo o intercâmbio de conhecimentos entre as Lojas do GOSC.

Minha contribuição para a Secretaria sempre foi voltada para a precisão técnica e para o desenvolvimento do conhecimento ritualístico. A criação de manuais e instruções adequados às nossas Lojas, assim como a participação em eventos internacionais, reflete meu compromisso com a disseminação de um legado educacional que fortaleça o Rito de York no GOSC.

Meu trabalho como Secretário de Educação Adjunto para o Rito de York está fundamentado no respeito pelas tradições do Rito de York e no compromisso com a precisão e clareza das práticas ritualísticas. Acredito que esse esforço conjunto, aliados às experiências que pude compartilhar com meus Irmãos, ajudará a garantir que o Rito continue prosperando, sempre com foco na excelência educacional e na formação contínua dos maçons.

SEGUNDO AS PALAVRAS DO IRMÃO SAMER YOUSSEF AYAD

Vou deixar meu registro aqui porque todos precisam saber, ou pelo menos ter uma ideia, de como foi a Secretaria nesses últimos 4 anos.

Um belo dia, o Irmão Flávio me convidou para integrar a Secretaria do Rito de York, sabendo do meu amor pela Ordem e, principalmente, pelo Rito. Expliquei que estava passando por um momento que não me permitia a dedicação necessária para contribuir como gostaria, mas ele insistiu. Acabou me colocando na Secretaria como Instrutor Estadual, ao lado de Irmãos que eu já estimava e que estimo muito até hoje.

Quando entrei, deparei-me com um grupo de discussão diária – manhã, tarde, noite e madrugada. Eram discussões de trabalho, voltadas para aperfeiçoar o ritual que hoje temos em mãos. E como amo isso, entrei nas discussões no mesmo instante. Que discussões eram essas? Detalhes minuciosos do ritual: cada frase, palavra, texto, vírgula, acento, figura, tradução, desenho, posição. TUDO que vocês têm hoje foi discutido, revisado, repensado e, muitas vezes, debatidos com fervor. Fomos extremamente detalhistas. Claro que, como somos humanos, sempre haverá algo a ser corrigido ou adequado (a própria GLNY ainda faz ajustes nos seus rituais bicentenários, e conosco não será diferente). Traduzir textos, alguns em inglês antigo, para a nossa realidade brasileira é um verdadeiro desafio. Não é possível fazer uma tradução literal; as frases precisam fazer sentido dentro da nossa cultura.

O melhor de tudo é que isso foi feito sem vaidade, sem ego, sem um tentando aparecer mais que o outro. NÃO. Aquele grupo da Secretaria estava focado em um único objetivo: cuidar do nosso Rito de York, que tanto amamos. Claro que, às vezes, nós nos "matávamos e brigávamos", mas o que sempre prevalecia era o AMOR FRATERNAL, o ALÍVIO e a VERDADE. Quem me conhece sabe que eu não tenho duas caras. Se houvesse algum Irmão naquele grupo que eu achasse vaidoso ou com o ego inflado, eu falaria. Mas a MAIORIA dos que estavam naquele grupo – e não estou dizendo TODOS – era de Irmãos encrenqueiros que brigavam por um RITO TOP DAS GALÁXIAS. Tínhamos Cassiano, Charles, Cid, Henrique, Kleber, Lipe, Ricardo, Toni, Olavo, Samer e o nosso chefe, Flávio. Todos debatendo, discutindo e argumentando dia e noite, semanas e meses até chegarmos a uma solução. E quando finalmente chegávamos a um consenso, TODOS ficavam satisfeitos com o resultado, sem ego nem vaidade. Era LINDO ver uma equipe tão focada e unida por um só objetivo.

E por que estou dizendo tudo isso que muitos já sabem? Porque, nessas discussões, nós tínhamos (e temos) um Líder. E quando há um Líder dessa magnitude, o trabalho e a união fluem naturalmente. Claro, o Flávio também é humano; ninguém é perfeito. Mas a maneira como ele conduzia o grupo era espetacular. Ele unia todos em torno de um objetivo comum e mantinha o foco no que estávamos fazendo. Quando precisava, dava um "cascudo" (e com força, hehehe). Quando era para elogiar, elogiava. Ele corrigia, aceitava sugestões, mesmo sendo uma verdadeira enciclopédia ambulante, sempre com a mente aberta para ouvir outras opiniões e visões. Isso não se vê todo dia, isso não se encontra em qualquer Loja ou Potência.

Felizes são as Lojas Santo Graal e Monteiro Lobato por terem um Irmão como Flávio Dellazzana. Feliz é a Potência por contar com ele. E feliz sou eu, que tenho o privilégio de chamar Flávio de Irmão, um Irmão que me corrige quando erro, que me mostra em que falhei, que escuta minhas ideias e visões. Um Irmão que, se eu precisasse dele agora, largaria tudo para me socorrer (e, inclusive, já fez isso).

Flávio, obrigado por ter me chamado na hora certa. Eu precisava disso e nem sabia. Obrigado por tudo, meu Irmão. Saiba que a sua MARCA, já registrada no RITO DE YORK e no GOSC, certamente será eterna. Minha gratidão é imensa.

GLNY – 2023: William Sardone (*Past Grand Master*), Richard J. Kessler (*Grand Master*) e Flávio Dellazzana.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, James. "As Constituições dos Maçons Livres". Philadelphia: Benjamin Franklin, 1734.

CARR, Harry. "Six Hundred Years of Craft Ritual". Nova York: Grande Loja do Estado de Nova York, 2008.

CROSS, Jeremy. "The True Masonic Chart: Hieroglyphic Monitor". New-Haven: T. G. Woodward and Co. Print, 1826.

DERMOTT, Laurence. "Ahiman Rezon: 1764". Farmington Hills: Gale Ecco Print Editions, 2010.

DRAKE, Francis (1776). "Eboracum: Or the History and Antiquities of the City of York". [original: Londres: William Bowyer] s.l.: Franklin Classics Trade Press, 2018.

FRIEDMAN, Richard C. Lecture 2020. Material de apoio ao Congresso. Palestra. Grande Loja de NY, Nova York, jan. 2020.

MONGE GILDAS. "Sobre a Ruína e Conquista da Britânia". [original: De Excidio et Conquestu Britanniae] s.l.: séc. VI.

GUÉNON, René. "Heredom". Blog da Madras Editora, s.d. Disponível em: https://madras.com.br/blog/wagner/heredom/. Acesso em: 11 jun. 2024.

HAAG, Toni L. "A História do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco". Discurso. Itajaí, Capítulo em Sessão, 02/12/2015.

HARRISON, David. "The City of York, a Masonic Guide". Reino Unido: Lewis Masonic, 2016.

HARVEY, John. "English Cathedrals". Londres: Batsford, 1961.

HOFF, Bernhard. “The Five Ages of Masonic Ritual Development”. New Jersey Lodge of Masonic Research & Education, Hightstown, n. 1786, 2005.

ISMAIL, Kennyo. “Ahiman Rezon: A Constituição dos Maçons Antigos”. Traduzida e Comentada. Londrina: A Trolha, 2016.

_____. “Maçons que Mudaram a Maçonaria: Thomas Webb”. Londrina: A Trolha, 2016.

____. “História da Maçonaria Brasileira para Adultos”. Londrina: A Trolha, 2017.

JACQ, Christian. “A Pedra da Luz”. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

JOSEPHUS, Flavius. “Antiquities of the Jews”. Tradução: William Whiston. Scotts Valley: Createspace Independent Publishing Platform, 2016.

KINSEY, Samuel Lloyd. “Four Kinds of Ritual: What is The Exoteric Work”. Nova York: Grande Loja do Estado de Nova York, 2016.

KINSEY, Samuel Lloyd. “Um Breve Histórico do Ritual Maçônico em Nova York”. Lecture 2020, Material de apoio ao Congresso. Palestra. Grande Loja de NY, Nova York, jan. 2020.

LOMAS, Robert. “Freemasonry and the Birth of Modern Science”. Gloucester: Fair Winds, 2003.

MACKEY, Albert Gallatin. “The History of Freemasonry”. Nova York: Gramercy Books, 2005.

MALEK, Jaromir. “The Workers of Deir el-Medina”. Londres: Phaidon Press, 2003.

MOORE, Charles Whitlock. “The Masonic Trestle-Board”. Boston: Tuttle & Dennett/Freemasons’ Magazine/Brother Spencer, 1846.

NIZZARDINI, Anthony. “The Masonic Ritual for use of Free and Accepted Masons in New York”. Nova York: Masonic Supply Co., 1965.

PARKER, Mike Pearson. “Stonehenge: Exploring the Greatest Stone Age Mystery”. Londres, Nova York, Sidnei: Simon & Schuster Ltd., 2012.

PIKE, Albert (1884). “Moral e Dogma do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria.” [original: Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry] Traduzido por Eliseu Antonio de Souza. São Paulo: Clube de Autores, 2024.

PRESTON, William. “Illustrations of Masonry: 1742”. Nova York: Masonic Pub. and Manufacturing Co., 1867.

PRITCHARD, Samuel (1776). “Jachin and Boaz: Or, an Authentic Key to the Door of Free-masonry”. Michigan: Gale ECCO, Print Editions, 2010.

PRITCHARD, Samuel (1730). “Maçonaria Dissecada”. [original: Masonry Dissected] Traduzido por José Filardo. São Paulo: Clube de Autores, 2023.

s.a. (1390). “Regius Poem or Halliwell Manuscript”. Disponível em português em: https://www.freemason.pt/poema-regius-ou-o-manuscrito-de-halliwell/. Acesso em: 11 jun. 2024.

RIBEIRO, João Guilherme da Cruz. “Tudo Tem Razão de Ser & Cada Coisa Tem Seu Nome”. Londrina: A Trolha, 2013.

_____. “O Nosso Lado da Escada”. s.l.: Edição do Autor, 2015.

_____. “Volta às Origens: O Rito de York retorna à cidade de Santa Bárbara d’Oeste, SP”. Rio de Janeiro: Edição do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, 2015.

_____. “Rito de York, Grau 1”. Rio de Janeiro: Edição do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, 2009.

_____. “Fios da Meada”. 2v. s.l.: Infinity, 2017.

_____. “The Rituals of American Freemasonry”. Palestra. Michigan: Michigan Lodge of Research and Information, n. 1, 16 jun. 2001.

ROBERTS, Allen E. "A Convenção que Mudou o Rosto da Maçonaria". [original: The Convention That Changed the Face of Freemasonry]. Palestra. Masonic Service Association of North America. Washington, D.C., Boletim, vol. 64, n.10, out. 1986.

ROESDAHL, Else. "The Vikings". Tradutores: Kirsten Williams e Susan Margeson. Londres: Penguin, 1998.

TRAVENOL, Louis (1740). "Catechisme Des Francs-Maçons: Précédé d'un Abrégé de l'Histoire d'Adoniram, Architecte du Temple de Salomon". Ontario: Franklin Classics, 2018.

SAINT-VICTOR, Louis Guillemain de (1783). "Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramite". Michigan: Gale ECCO, Print Editions, 2010.

VITRÚVIO, Marcus Pollio. "De Architectura: século I a.C." Tradução: M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALL, William A. "O Desenvolvimento do Nosso Ritual". [original: The Development of Our Ritual]. Material de apoio. Grupo de estudo, Cortlandville Lodge No. 470. Cortland, NY, 26 jan. 1937.

WEBB, Thomas Smith. "The Freemason's Monitor or Illustrations of Masonry". Salem: John D. Cushing, 1821.

WILKERSON, H. LLoyd, Major General, USMC Ret. "História das Lojas Militares na Maçonaria". Nova York: Grande Loja do Estado de Nova York, 2006.

W-O-V-n (1760). "Three Distinct Knocks: Or the Door of the Most Antient Free-Mansonry Neither Naked nor Cloath'd". Michigan: Gale ECCO, Print Editions, 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E RECOMENDADA

ABBOTT, Norris Jr. "Founding Father of the York Rite". Lexington: Northern Light, 1971.

ALLYN, Avery. "A Ritual of Freemasonry". Boston: John Marsh and Co., 1831.

ASLAN, Nicola. "A Maçonaria Operativa". Londrina: A Trolha, 2008.

BAYNARD, Samuel H. Jr. "History of the Supreme Council, 33°". Boston: Supreme Council, 33°, 1938.

BERMAN, Ric. "Inventing the Future". Oxfordshire: The Old Stables Press, 2022.

BERNARD, Elder David. "Light on Masonry: A Collection of all the most Important Documents". Nova York: William Williams, Printer, 1829.

BERESINER, Yasha. "Masonically Speaking: A Guide for Craft and Other Speech Making". Suffolk: Lewis Masonic Pub Ltd., 2007.

BORGES, Hugo; CAVALCANTI, Sérgio. "Rito York: O Simbolismo Aprendiz Maçom". João Pessoa: Imprell, 2008.

BRANDENBURG, Alain Erlande. "The Cathedral Builders of the Middle Ages". Londres: Thames & Hudson Ltd., 1995.

BROWN, R. Allen. "English Castles". Rochester: Rochester Boydell & Brewer Inc., 2004.

BULLOCK, Steven C. “Revolutionary Brotherhood”. Chapel Hill : University of North Carolina Press, 1996.

BUTLER, Alan. “Rosslyn Chapel Decoded: New Interpretations of a Gothic Enigma”. Londres: Watkins Publishing, 2013.

CASTLEDEN, Rodney. “Neolithic Britain: New Stone Age Sites of England, Scotland, and Wales”. Oxfordshire: Routledge, 2014.

CLAIR-ERSKINE, Peter St. “Rosslyn Chapel”. Londres: Scala Arts Publishers Inc., 2018.

COIL, Henry W. “Masonic Encyclopedia”. Henrico: Macoy Masonic Publishing and Supply Co., 1961.

CROCKETT, David. “First American Born”. Berwyn Heights: Heritage Books Inc., 1992.

COLDSTREAM, Nicola. “Medieval Craftsmen: Masons and Sculptors”. Londres: British Museum, 2005.

COOPER, Robert. “Histoire de la Franc-Maçonnerie en Écosse”. Paris: Ivoire-clair, 2001.

CRAMB, Ian. “The Art of the Stonemason”. Chambersburg: Alan C Hood & Company, 2006.

DARVILL, Timothy. “Stonehenge: The Biography of a Landscape”. Belo Horizonte: Tempus, 2006.

DEVRIES, Kelly. “Batalhas Medievais”. São Paulo: M. Books, 2017.

DRAKE-WATKINS, Samuel Adams; KENDALL, Walter. “Old Boston Taverns and Tavern Clubs”. Preston: Butterfield, 1917.

FITCHEN, John. “The Construction of Gothic Cathedrals: A Study of Medieval Vault Erection”. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

FOLGER, Robert Benjamin. “Recollections of a Masonic Veteran”. Bloomington: Masonic Book Club, 1995.

FOOT, Sarah. “Athelstan: The First King of England”. New Haven: Yale University Press, 2011.

GATES, Charles. “Cities of the Ancient World”. Nova York: Routledge, 2011.

GOULD, R. Freke. “Uma história concisa da Maçonaria”. Richmond: Macoy Pub. & Masonic Supply Co., 1924.

GRAHAM-CAMPBELL, James e Batey. “Vikings in Scotland: An Archaeological Survey”. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998.

GUEDES, Maria Helena. “A Colonização Inglesa”. São Paulo: Clube de Autores, 2015.

HAY, George. “Scottish Cathedral Builders”. Oxford: Clarendon Press, 1957.

HAYWOOD, Harry LeRoy. “An Account of the Ancient Grand Lodge”. The Builder Magazine, Washington, D.C., v. X., n. 4, abril de 1924.

HARTSHORNE, Pam. “The York Merchant Adventurers and Their Hall Hardcover”. Londres: Third Millennium Publishing, 2011.

HISLOP, Malcolm. “Medieval Masons”. Los Angeles: Shire Archeology, 2000.

HONNECOURT, Villard. “The Medieval Sketchbook of Villard de Honnecourt”. Garden City: Dover Publications, 2012.

JOHNSON, Melvin M. “The Beginnings of Freemasonry in America”. Kingsport: Southern Publisher Inc., 1924.

JOTON, Maurice. “Do Rito de Heredom ao Rito Escocês”. Subl. Capítulo L’Amitié, Lousanne, 1923.

JUSTINIANO, Flávio Pedro Sabácio. “Corpus Juris Civilis: Século VI”. Tradução: Denis Roques. Alessandria: Dell’Orso, 2011.

LEACH, Arthur F. “The Fabric Accounts of York Minster”. Yorkshire: Yorkshire Archaeological Society, 2017.

LESKO, Leonard H. “Pharaoh’s Workers: The Villagers of Deir el-Medina”. Londres: Cornell University Press, 1994.

MACHADO, Izautonio. “Introdução ao Rito de York: As Blue Lodges”. Brasília, DF: No Esquadro, 2023.

MAZOYER-ROUDART, Marcel e Laurence. “História das Agriculturas no Mundo”. São Paulo: UNESP, 1997.

MELVIN, M. Johnson. “Beginnings of Freemasonry in America”. Kustantaja: Kessinger Publishing, 1999.

MORGAN, William. “Illustrations of Masonry”. Batavia: David Miller, 1826.

MORRIS, S. Brent. “Cornerstones of Freedom”. Washington, D.C.: Supreme Council, 33º, 1993.

_____. “A Maçonaria nos EUA”. Blue Friar Lecture. Washington, D.C.: Supreme Council, 33º, 1998.

NISSEN, Hans J. “The Early History of the Ancient Near East, 9000-2000 B.C.”. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

PIRES, Joaquim da Silva. “Introdução à Simbologia e à Ritualística Maçônicas”. Londrina: A Trolha, 2015.

PIRES, Joaquim da Silva. “O inominado Rito Inglês”. Revista Engenho e Arte, São Paulo, n. 13, 2004.

POLL, Michael R. “The Freemason’s Guide to the Symbolic Degrees”. Hot Springs Village: Cornerstone Book Publishers, 2008.

PRIOR, Edward S. “The Cathedral Builders in England”. s.l.: Hardpress Publishing, 2012.

PROBER, Kurt. “Washington Lodge 309”. A Bigorna, Santa Bárbara d’Oeste, n. 309, agosto de 1986.

RICHARDS, Colin. “Stonehenge: A History in Photographs”. Londres: English Heritage, 2004.

RIDLEY, Jasper. “The Freemasons: A History of the World’s Most Powerful Secret Society”. Nova York: Arcade Publishing, 2011.

SAWYER, Peter. “The Oxford Illustrated History of the Vikings”. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SIMMONS, Alan H. “The Neolithic Revolution in the Near East: Transforming the Human Landscape”. Tucson: University of Arizona Press, 2007.

STEVENSON, David. “The Origins of Freemasonry: Scotland’s Century”. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAYLOR, Rabun. “Roman Builders: A Study in Architectural Process”. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TOMAN, Rolf. “O Gótico: Arquitectura, Escultura, Pintura”. Oldenburg: Könemann, 1998.

VOORHIS, Harold van Buren. “The Story of the Scottish Rite of Freemasonry”. Nova York: Press of Henry Emmerson, 1965.

WALGREN, Kent. “An Historical Sketch of Pre-1851 Louisiana Scottish Rite Masonry”. Bristol: Bristol Masonic Society, 2013.

WALKES, Joseph A. Black. “Square and Compass”. Richmond: Walkes Book Co., 1980.

SOBRE O AUTOR

FLÁVIO DELLAZZANA – CIM: 3420

- ARLS "Santo Graal nº 167".
- Grande Oriente de Santa Catarina – GOSC.
- Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.
- Confederação Maçônica Interamericana – CMI.
- **Iniciação:** 15 de abril de 2002, na ARLS "Pedra Cintilante – 60".
- **Companheiro:** 07 de Abril de 2003, na ARLS "Pedra Cintilante – 60".
- **Mestre:** 24 de Novembro de 2003, na ARLS "Pedra Cintilante – 60".
- **Mestre Instalado:** 05 de dezembro de 2007, VM da ARLS "Pedra Cintilante – 60".
- **Venerável Mestre da ARLS "Monteiro Lobato – 132":** Gestão 2012/2013.
- **Especialista em Maçonologia:** História e Filosofia em nível de Pós-graduação *Lato Sensu* pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

Adonhiramita simbólico

- Venerável Mestre da ARLS "Pedra Cintilante – 60" do Rito Adonhiramita – no período 2007/2008.

- Participante ativo na reestruturação dos manuais de instrução para uso em Loja e instruções para o Rito Adonhiramita.
- Participante na reedição do Manual de IV Volume Adonhiramita – 2015.
- Secretário Adjunto do Grão-Mestre do Grande Oriente de Santa Catarina para o Rito Adonhiramita – período compreendido entre 2008 e 2009.

Adonhiramita filosófico:

- Grau 13 – Cavaleiro Noaquita, Capítulo Ayres Gevaerd.
- Sapientíssimo da Loja de Perfeição "Adonhiram" do Rito Adonhiramita, ao Vale De Itajaí, SC – 2010.
- Poderoso Mestre do Capítulo "Ayres Gevaerd" do Rito Adonhiramita, ao Vale De Itajaí, SC – 2011.
- Participante ativo na Construção do Templo Filosófico da Loja de Perfeição Adonhiram em Itajaí.
- Fundador da Loja de Perfeição Arno Gebler de Joinville.

Rito de York simbólico

- Fundador e segundo Venerável Mestre (2012/2013) da ARLS "Monteiro Lobato – 132", Rito de York, fundada em 18 de março de 2011.
- Participante ativo no reerguimento das colunas da ARLS "Harmonia e Perseverança – 108".
- Fundador e Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Thomas Smith Webb nº 158", Rito de York, ao Oriente de Florianópolis.
- Fundador e Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Natureza e Harmonia nº 160", Rito de York, ao Oriente de Urubici.

- Fundador e Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Pérola do Vale nº 162", Rito de York, ao Oriente de Timbó.
- Fundador e Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Santo Graal nº 167", Rito de York, ao Oriente de Porto Belo.
- Fundador e Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Acácia Negra nº 173", Rito de York, ao Oriente de Blumenau.
- Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Cavaleiros de Aço nº 164" Rito de York, Loja Itinerante.
- Membro da Comissão de Instalação da ARLS "Labor e Concórdia nº 146" Rito de York, ao Oriente de Lages.
- Criador do Manual de Instalação e Posse de VM para o Rito de York.
- Criador do Manual de Instalação de Loja para o Rito de York.
- Criador do Manual de Loja de Mesa do Rito de York.
- Criador do Manual de Sessão Pública do Rito de York.
- Criador do ato 2276 de Paramentos e Vestimentas para o Rito de York.
- Criador do ato 2277 de Disposições sobre a Sala de Loja para o Rito de York.
- Criador em conjunto com a Secretaria de Formação Maçônica e o Irmão Gilberto Rau, dos Cadernos de Estudo (NAEM) para o Grau de Aprendiz e Companheiro para o Rito de York.
- Criador em conjunto com a Secretaria de Formação Maçônica dos temas dos Grau de AM, CM e MM para o Rito de York.
- Instrutor do Rito de York "International Grand Lectures Convention 2020 e 2023 em Nova York".
- Revisor e Editor do Manual dos Rituais de AM, CM e MM, versão 2020, 2022 e 2024 para o Rito de York.

- Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística para o Rito de York (2017-2020).
- Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York (2020-2023).

Rito de York filosófico

- Fundador do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco, Itajaí, SC.
- Sumo Sacerdote do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco, Itajaí, SC, 2013.
- Ordem dos Sumo Sacerdotes Ungidos.
- Maçom do Real Arco – membro do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, jurisdicionado ao General Grand Chapter of Royal Arch Masons International.
- Grau de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre.
- Ilustre Mestre do Conselho Críptico Santo Graal nº 14.
- Ordem da Trolha de Prata.
- Grau de Ordem da Cruz Vermelha e de Cavaleiro de Malta, Cavaleiro Templário e Sábios Cavaleiros de Cristo.
- Fundador e primeiro Comandante da Comanderia Santo Graal 37 de Cavaleiros Templários.

Rito escocês filosófico

- Grau 29 Conselho de Cavaleiros de Kadosch Supremo Conselho do Grau 33º Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.

Rito escocês retificado filosófico

- Grau de Mestre Escocês de Santo André – Prefeitura de Santa Catarina, Loja de MESA – Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

Outras atividades:

- Membro da Comissão de Administração do GOSC em 2007/2008 e 2012/2013.

Entidades maçônicas paralelas:

SRIB – Societas Rosicruciana in Brasilia

- Portador do Grau I – Zelator – da Societas Rosicruciana in Brasilia, jurisdicionados e por dispensa da Societas Rosicruciana in Civitatibus Foederatis – USA.

Ordem Demolay

- Membro do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense 231 – 2011/2012.
- Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense 231 da Ordem Demolay – 2012/2014.
- Cruz de Honra Demolay.